



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
MEMORIAL DESCRITIVO DO PRODUTO

ISABELA RESENDE SILVA
MARIANA DE QUEIROZ PEDROZA

TRANSPOSIÇÃO:

**Um documentário sobre a realidade dos que esperam pela água do rio
São Francisco**

BRASÍLIA – DF
DEZEMBRO DE 2015

ISABELA RESENDE SILVA
MARIANA DE QUEIROZ PEDROZA

TRANSPOSIÇÃO:

Um documentário sobre a realidade dos que esperam pela água do rio São Francisco

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Leticia Renault Carneiro de Abreu e Souza

BRASÍLIA – DF
DEZEMBRO DE 2015

ISABELA RESENDE SILVA
MARIANA DE QUEIROZ PEDROZA

TRANSPOSIÇÃO:

Um documentário sobre a realidade dos que esperam pela água do rio São Francisco

Memorial descritivo do produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Leticia Renault Carneiro de Abreu e Souza

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Leticia Renault C. de A. e Souza

ORIENTADORA

Prof. Dra. Márcia Marques

MEMBRO

Prof. Dra. Susana Madeira Dobal Jordan

MEMBRO

Prof. Dr. David Renault da Silva

SUPLENTE

BRASÍLIA – DF, DEZEMBRO DE 2015

Aos 12 milhões de nordestinos e tantos outros brasileiros que serão impactados direta e indiretamente pela transposição do Rio São Francisco. Principalmente aos que dormem com sede e amanhecem sem água. Que esse documentário possa dizer o que vocês esperaram tanto para poder falar. Ainda que lhes falte água, não lhes falte fé.

“Sr. repórter já que tá me entrevistando vá anotando pra botar no seu jornal que meu Nordeste tá mudado publique isso pra ficar documentado”

(Luiz Gonzaga)

Agradecimentos

Muitos acreditam em sorte, outros apenas no esforço próprio. Nós acreditamos que não teríamos chegado até aqui se não fosse a graça divina em nossas vidas, abençoando diariamente nosso trabalho. Ainda que Ele se manifeste de maneira diferente a cada uma de nós, o sentimento de gratidão é o mesmo. Começamos agradecendo a Deus, pois através Dele todas as coisas foram possíveis.

Aos nossos pais, nossos grandes amigos e maiores exemplos de nossas vidas só podemos dizer obrigada. Sem dúvida tudo o que somos e fazemos hoje é reflexo do que eles não medem esforços para nos ensinar. Obrigada pela paciência, doçura, carinho, compreensão, repreensões e correções. Obrigada pela certeza de que sempre estarão lá ainda que o resto do mundo não esteja. Obrigada por nos presentear com grandes asas e fortes raízes. Obrigada também por nos darem nossos dois melhores amigos: Pâmela e Rafael. A vocês que nos ensinaram a despertar o sentimento mais puro de irmandade, obrigada por serem nossos melhores companheiros. Foram vocês os responsáveis por despertar em nós o primeiro gostinho de um amor incondicional. Obrigada também aos demais familiares que nos acompanharam nessa jornada. Nem todos tem a honra de ter famílias tão incríveis assim.

A todos os nossos professores que compartilharam de forma humilde seus conhecimentos. Especialmente à professora Letícia Renault que encorajou o documentário e nos ensinou a nunca ter medo de ousar, nem temer o grande e acima de tudo a acreditar no nosso potencial. Grandes mestres sabem orientar bem seus aprendizes. A todos os outros funcionários da UnB, que zelaram pelo nosso local de estudo, mesmo que para isso, muitos chegassem a não receber seus salários. Ao Rogério, a Cris e ao Edson, por nos ajudarem a passar pelos difíceis processos burocráticos da instituição. E ao seu Isaiás por ser o porteiro, ator, crítico e amigo mais lendário da FAC.

Eu, Isabela, gostaria de agradecer entre tantos amigos que me acompanharam, principalmente a Valquíria, minha lanterna dos afogados. Matheus Goiano, irmão que segue na vida comigo. Laura, minha gêmea sábia. Marília, minha amizade mais antiga. Thalita, flor do meu jardim. Marcelo, por ser meu eterno melhor amigo. Gabriel, Lucas, Matheus e Pedrinho, estalos das minhas tardes mais divertidas. Ao Davi, Sthael e a Natália por sempre terem estado lá. Maju por ter partilhado uma segunda família

comigo. Aos AnoniMattos, determinantes na escolha do meu curso. Muller, minha primeira ovelha amiga da UnB. Rafa, meu psicólogo de Harvard. A Luana Rodrigues e aos nossos almoços filosóficos. Aos Aiesecos por me contarem sobre liderança. Hugo Boss, Thaís e Juliene, por me ensinarem a ser uma Ágape. Luísa, Jader, Fagundes, Juce e Lay, meus Legendaries. As Gnomas Camila e Flávia, por me lembrarem que mágica existe, sim. Aos Brothers do Fiat, meus degraus firmes na minha escada para o céu. Minhas madrinhas e padrinhos, meus outros pais que tanto cuidaram de mim. Aos meus avós, especialmente o vovô Cici, que me passou por genética o gosto pela alegria da vida e amor a natureza, e em nossa última conversa me ensinou que devia ser uma mulher forte sem nunca perder a humildade. A minha Ohana Arequipenha por me aceitarem exatamente como eu sou. E especialmente a Camille, que acendeu comigo a chama deste sonho, que começou a se realizar agora. Todas as minhas vitórias na profissão que amamos serão eternamente dedicadas a você e aos nossos planos.

Eu, Mariana, tenho uma longa lista de agradecimentos. Mas aqui estão, sem dúvida alguma, todas as outras pessoas essenciais na construção dessa Severina que vos escreve. Aos meus quatro avós nordestinos: Creuza, Raimundo (*in memoriam*), Maria e Tomaz. É graças a vocês que herdei minha paixão pelo Nordeste e o meu eterno respeito pelo povo mais destemido que conheço. Vocês fugiram da miséria no sertão para tentar a sorte em duas cidades que tanto amo: São Paulo e Brasília. Graças à essa coragem, tive a oportunidade de me formar em uma das melhores universidades públicas do país. A história de cada um de vocês foi a minha melhor escola. À minha madrinha Rita e à minha tia Elza por serem minhas outras mães. Cada uma do seu jeito, vocês são mulheres incríveis que sempre vão me inspirar, seja lá em qual quesito da vida for. Aos meus amigos/primos/irmãos Luísa e Camilo por serem ponto certo de refúgio e aconchego.

À Julia por ser o meu ponto de sinceridade. À Victória por saber expressar a minha loucura. Ao Patrick por deixar eu libertar o meu “eu”. Ao Pedro por ser o meu chão. Eu amo vocês e a gente se completa. Aos melhores amigos loucos, sinceros, burros e também inteligentes que a UnB poderia me dar: Brunessa, Pedroca e Raqueli. Vocês foram a melhor surpresa e a maior certeza que eu vou levar dessa universidade. Que bom que somos loucos juntos. À Lud, Pri, Mari e Thaís por sempre me darem a certeza de que boas amizades superam qualquer distância. Foi graças ao companheirismo de vocês que tive forças para conseguir ingressar na UnB. Obrigada por todos esses anos de boas risadas, fofocas e diversão. Eu amo cada uma de vocês.

À minha amiga de infância Yara, por ter me ensinado desde muito pequena o valor de uma boa amizade. Obrigada por me dar os melhores conselhos, por ser uma ouvinte fiel e me dar doses diárias de boas gargalhadas. Você é para sempre. À Carol e à Alice por tanto carinho e cumplicidade em mais de 8 anos de amizade. À Fernanda por sempre saber o que falar nos momentos certos. Ao Clube da Doença por me acolher tão bem e me fazer chorar de rir com tantas boas histórias. À Ana Galli por ter saído do posto de chefe e se tornado uma grande amiga.

Por último, mas não menos importante, meu eterno agradecimento ao Felipe. Você é a minha esperança de que o mundo pode ser um lugar melhor. Obrigada por sempre ser o meu porto seguro seja lá qual fosse a situação. Obrigada por ser o meu melhor amigo, meu amante e melhor confidente. Foi graças ao seu amor e carinho comigo que consegui superar os meus medos e angústias.

Obrigada Mariana, por ter aceitado encarar essa comigo, do princípio ao fim, e além. Por ter sido, não só uma excelente companheira de trabalho, mas por ter se tornado uma ótima amiga. Espero que possamos crescer mais ainda juntas, pessoal e profissionalmente. Eu confio em você e sei que vai ter muito sucesso na sua vida. Nunca duvide do seu brilho. Obrigada por toda paciência e por compartilhar todo o seu melhor comigo. Que nossa jornada esteja só começando.

Obrigada Isabela, por ter sido louca o suficiente para acreditar nesse projeto junto comigo. Eu, sempre muito medrosa, precisei das suas doses de ousadia para ter coragem de seguir em frente e conseguir encarar os desafios dessa viagem. Tenho muito orgulho do documentário que fizemos e já sinto saudades de todos os momentos que tivemos a chance de viver durante aqueles quinze dias. A você o meu desejo de que tenha uma carreira que te traga o melhor que merece. À essa amizade que se construiu, que ela só melhore com o passar dos anos.

Por fim, a todos os nordestinos que encontramos, nos acolheram, confiaram em nós e não mediram esforços para nos ajudar. Especialmente Regiopídio Gonçalves Lacerda, Germana Filgueira, Nareudo Filgueira, Rodrigo Monteiro, Michelly Queiroz, Andrea Vidal, Miria Albuquerque e Damião Pedro da Silva.

*“E se somos Severinos iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual, mesma morte Severina.”*

(João Cabral de Melo Neto)

RESUMO

Este é o memorial descritivo da produção de *Transposição: um documentário sobre a realidade dos que esperam pela água do Rio São Francisco*. Após 15 dias de viagem pelo semiárido nordestino as repórteres apresentam a situação de calamidade hídrica em que muitos desses habitantes vivem. O documentário busca as dúvidas e opiniões dos nordestinos que moram nos quatro estados onde a obra está sendo realizada: Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. O documentário contextualiza, a partir do depoimento dos próprios entrevistados, a verdadeira realidade por trás da transposição.

Palavras-chave: Transposição. Rio São Francisco. Nordeste. Documentário. Jornalismo documental.

ABSTRACT

This is the descriptive memorial production of *Transposition: a documentary about the reality of the ones that wait for the São Francisco River's water*. After travelling 15 days in the Northeast semiarid the reporters show the water calamity situation that most of that habitants live in. The documentary wants to show the northeaster's yearnings, doubts and opinion that live in the four states where the shell-work is: Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte. The documentary contextualizes, from the interviewers' testimony, the truth behind transposition.

Key words: Transposition. São Francisco River. Northeast. Documentary. Documentary journalism.

Lista de figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 – mapa dos trechos da obra..... | 16 |
|--|----|

Sumário

| | |
|--|----|
| Introdução | 13 |
| 1. Objetivos | 18 |
| 2. Histórico | 20 |
| 2.1 A transposição do rio São Francisco..... | 20 |
| 2.2 Rio São Francisco | 23 |
| 3. Documentário | 29 |
| 3.1 Jornalismo documental | 34 |
| 4. Diário de campo | 38 |
| 4.1 Apuração | 38 |
| 4.1.1 Cidades | 44 |
| 4.1.2 Locomoção | 46 |
| 4.1.3 Equipamentos | 46 |
| 4.1.4 Gastos | 46 |
| 4.1.5 Edição | 47 |
| 5. Considerações finais | 49 |
| 6. Referencial Bibliográfico | 51 |
| 7. Anexos | 53 |
| 7.1 Fotos | 53 |
| 7.2 Decupagem das entrevistas..... | 57 |

Introdução

Sem água não existe vida. Esta frase é uma máxima no mundo científico. Pesquisadores podem discordar das linhas teóricas de muitos outros assuntos, mas quando se trata da importância da água para a manutenção da vida, a opinião é unânime. Tão unânime que o uso deste bem está assegurado no Brasil pela Lei Federal 9.433 de 8 de janeiro de 1997. No artigo 1º, inciso I, lê-se: “a água é um bem de domínio público”.

O Semiárido brasileiro tem uma extensão de 980.133,079 km² distribuídos em 1135 municípios, no qual reside uma população total de 22.598.318 habitantes, sendo 61,97% em áreas urbanas e 38,03% em rurais. O clima Semiárido, também conhecido como Tropical Semiárido, é caracterizado pelas altas temperaturas pouco variáveis durante o ano, baixa humidade e pouco volume pluviométrico variando entre 200 e 400 mm.

Mas há quem, mesmo amparado pela Lei, tenha medo de em um futuro próximo se ver sem este direito básico assegurado. A região do Semiárido brasileiro é, tanto historicamente, quanto no imaginário coletivo, conhecida pelo clima quente e seco e com pouca incidência de chuva. A região inclui nove estados do Brasil: Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e norte de Minas Gerais. Segundo resultados do Censo Demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população do semiárido nordestino chegou a vinte e um milhões trezentos e sessenta e cinco mil novecentos e vinte e nove naquele ano. Esse contingente corresponde, segundo o Censo, a 40,25% da população de todo o Nordeste e a 11,20% dos brasileiros.

Três dos nove estados citados, que se encontram no semiárido, se destacam pela grande quantidade de pessoas residentes na área mais seca da região. No Ceará, Rio Grande do Norte e na Paraíba, mais de 55% da população de cada uma destas unidades federativas vive em municípios do semiárido. Como não bastasse o difícil quadro ocasionado por esse tipo de clima, os moradores dessas regiões ainda vêm enfrentando nos últimos anos alguns dos piores registros históricos de calor e de seca.

Segundo dados da Organização Meteorológica Mundial¹, medições mostram que a cada década, desde 1950, a região afetada pela seca aumenta em 2%, e que até 2030

¹Agência especializada da Organização das Nações Unidas.

quase metade da população mundial estará vivendo em áreas de grande escassez de água. Ainda de acordo com a Organização, no ano de 2013, o nordeste brasileiro registrou a pior seca em 50 anos, com cerca de mil e quatrocentos municípios afetados. Isso após em 2012, terem alcançado a marca de trezentos e trinta e três meses seguidos de aumento de temperatura acima do normal, neste século.

Todos esses dados estatísticos revelam a importância de políticas públicas para amenizar o problema, tendo em vista a grande massa populacional que habita a região. O engenheiro agrônomo e especialista em Planejamento Florestal João Suassuna defende que desde o final do século XIX o governo federal vem desenvolvendo projetos para lidar com o problema.

O governo, com vistas a combater seus efeitos, criou uma dotação orçamentária para tal e instalou três comissões: a de açudes e irrigação, a de estudos e obras contra os efeitos das secas e a de perfuração de poços. Destas três, apenas uma permaneceu, a de açudes e irrigação. Não tendo desempenho satisfatório, ensejou a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas, hoje o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS. Conviver com a seca passava, quase exclusivamente, pela construção de grandes obras de engenharia para represar água. Esta foi vista como o recurso natural mais importante, tornando a sua acumulação condição necessária e suficiente para fixar o homem no Nordeste semi-árido. O resultado foi priorizar a implantação do Programa de Açudes Públicos (aqueles que têm capacidade suficiente para ultrapassar um período de seca sem se exaurirem, embora com suas águas em constante uso). (SUASSUNA, 2002)

No entanto, mesmo a medida pública de implantação de açudes tem se mostrado vulnerável aos efeitos de tanto tempo seguido de seca, que se estende desde 2011. São 4 anos seguidos de estiagem forte, fato que chega a assustar até mesmo os nordestinos que acompanharam as difíceis secas entre os anos de 1979 e 1985. Eles acompanharam, pela primeira vez, a maioria dos principais açudes do Nordeste chegarem em seu volume morto, e muitos deles ao mesmo tempo. O volume morto é a água que fica no fundo das represas, abaixo do nível de captação das comportas e que acumula sujeira, sedimentos e até metais pesados.

O Ceará viu o Castanhão, grande responsável pela irrigação do estado e da capital, Fortaleza, com capacidade de armazenamento de 6,7 bilhões de m³ de água, atingir apenas 19% da sua capacidade. E de acordo com a Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece), esse volume irá cair a cada semana mais 0,2%, devido a evaporação e ao uso.

O Rio Grande do Norte viu seu principal açude, Armando Ribeiro Gonçalves, com capacidade para 2,4 bilhões de m³, chegar a 24% do seu potencial de armazenamento, em abril deste ano, e o importante açude de Itans, o quarto maior do estado, 81 milhões de m³, chegar a ínfimos 3,9% da sua capacidade total.

Coremas e Mãe D'água (1,35 bi m³), na Paraíba, responsável pelo abastecimento de água de aproximadamente 465 mil habitantes, não só chegou a 16,8%, mas também teve sua água considerada inutilizável, devido a contaminação por coliformes fecais, causado pelas fezes de animais.

O principal açude de Pernambuco, Poço da Cruz, beirou o volume morto ao chegar aos 7% da sua capacidade. A barragem de Jucazinho, que foi solução para os problemas de muitas famílias do interior do sertão de Pernambuco, pela primeira vez, desde que foi inaugurada na década de 1960, secou, chegando a apenas 4% da sua capacidade.

Para agravar o quadro não há previsão de mudança no clima destes estados até o final do ano. De acordo com o Centro de Previsão de Tempo e Estudo Climáticos do Brasil (CPTEC/INPE) a previsão de chuva para o último trimestre de 2015 é de 35% a 40% abaixo do normal na região.

A partir de um contexto de pobreza e ineficiência histórica do Estado no combate à seca, o Trabalho de Conclusão de Curso *Transposição: um documentário sobre a realidade dos que esperam pela água do rio São Francisco* foi produzido para tratar da obra da transposição do rio São Francisco para os quatro estados do Nordeste que se encontram em situação mais crítica: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Uma medida de grandes proporções que visa dar um fim definitivo ao problema da seca no Nordeste.

Segundo dados do Ministério da Integração Nacional, mais de 12 milhões de nordestinos, em 390 municípios, serão impactados diretamente após a conclusão da obra. Serão 477 quilômetros de canais divididos em dois eixos. O Norte, que abrange Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, e o Leste, que abrange Pernambuco e Paraíba. A obra engloba quatro túneis, 14 aquedutos, nove estações de bombeamento, 27 reservatórios, além da recuperação de 23 açudes. Os custos, por sua vez, já atingiram 8,2 bilhões de reais, e chegaram a níveis maiores até a sua conclusão.

Mas mais do que discutir a viabilidade da obra e a capacidade de resolução do problema, este documentário buscou dar voz a quem realmente importa: os nordestinos. Eles sofrem constantemente pelo irregular abastecimento de água, o que desencadeia

instabilidade econômica da região, bem como intensificação da desigualdade social. Ter água não significa somente poder ter acesso a um bem comum. Ter água dignifica o homem.

Tal decisão de dar voz às pessoas diretamente impactadas pela transposição partiu do princípio de não fazer apenas mais um documentário ou relato jornalístico sobre o andamento das obras. Muito menos fazer mais um retrato sobre a seca no Nordeste. A intenção foi mostrar esta parcela da população como agentes transformadores de suas realidades. Agentes conscientes de sua situação. Isso se confirmou com a batalha diária da qual lutam incessantemente.

Figura 1 – Mapa dos trechos da obra



Fonte: Ministério da Integração Nacional/Governo Federal

No entanto, mesmo com todo o esforço e precauções que muitos nordestinos conscientes tomam para lidar com o quadro climático local, por vezes não há muitas alternativas para a baixa perspectiva de chuva do semiárido. O clima conta com precipitações variantes ente 500 e 800 mm, podendo chegar à 400, e até 200mm² no sertão.

Além disso, as chuvas mal distribuídas fazem com que seja uma loteria a ocorrência de chuvas consecutivas. Como agravante da situação, a região ainda é

² Cada 1mm de chuva corresponde a 1 litro de água por metro quadrado da região onde houve precipitação.

frequentemente atingida por fenômenos como o El Niño, evento climático que bloqueia frente frias vindas do sul do país, o que pode influenciar drasticamente na ocorrência de chuvas na região.

A partir de tantos fatos conflitantes e incertos muitas perguntas se levantaram motivando a produção deste documentário.

1. Objetivos

A escolha do tema deste trabalho foi difícil, tendo em vista que as duas pesquisadoras tinham em mente que gostariam de abordar um assunto polêmico e que rendesse um bom material jornalístico do final do processo. O tema também deveria vir acompanhado de um apelo social, de forma a retribuir à sociedade a chance de poder estudar em uma renomada universidade pública.

Desde fevereiro de 2015 as duas autoras do documentário debateram temas que lhes despertavam interesse, mas nenhum deles, até aquele momento as inspirou a dar início a uma apuração. Em abril, em uma troca de *e-mails* com sugestão de temas, foi proposta, entre outras quatro pautas, uma reportagem sobre a transposição do Rio São Francisco. Desde o início de todo o processo de escolha do tema ficou claro na cabeça das autoras a preferência por um trabalho audiovisual que contemplasse o telejornalismo.

O momento histórico em que o tema se encontrava motivou mais ainda a opção por este trabalho. De acordo com o relatório da Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil de 2014, a maioria dos municípios do Semiárido Nordestino entraram em situação de emergência:

A intensa seca que atingiu a Região Nordeste, em 2012, mostrou-se mais severa em 2013, ano ainda mais seco no semiárido nordestino, com índices pluviométricos abaixo da média histórica. Segundo a Organização Meteorológica Mundial (WMO, 2014), o nordeste brasileiro sofreu, em algumas localidades, a pior seca dos últimos 50 anos em 2013. A situação de escassez de água na região prejudicou a produção agropecuária e o abastecimento à população. Foram reconhecidas situações de emergência e, em alguns casos, estados de calamidade pública em mais de 95% dos municípios do semiárido nordestino. Em alguns, foi evidenciada, temporariamente, situação de colapso, quanto ao abastecimento público. (AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS, 2015)

Além da tamanha crise, parte da obra de transposição do rio São Francisco tinha previsão de ser concluída no final deste ano. Foram muitas discussões sobre a viabilidade da obra. Os debates políticos e científicos lotaram os jornais. Tudo em nome de uma causa fortemente defendida: tirar os nordestinos da agonia que atravessam pela constante crise hídrica, que não só se repete ano após ano, mas vem se agravando há décadas.

Embora o debate tenha sido intenso nos últimos anos, nós, como estudantes de jornalismo, não pudemos deixar passar um detalhe: o povo não foi ouvido. Muito se discutiu sobre um problema grave que essas pessoas teriam em razão da finalização das obras: o possível assoreamento do rio São Francisco. Entretanto, pouco se sabia concretamente sobre a realidade desses sertanejos, suas opiniões, receios e expectativas. Sobre de que forma eles realmente esperavam que a transposição fosse impactar suas vidas.

As repórteres pretendiam com este tema entender o dia a dia dos nordestinos dos quatro estados que supostamente serão beneficiados pela obra. Como eles estavam se virando e se prevenindo? Eles realmente achariam que a transposição era sua última esperança? Seria ela tão fundamental assim?

Após tantos anos de discussão, polêmicas, andamentos e paralisações das obras nos canteiros, será que por fim, esse projeto estaria em vias de ser concluído? E de que forma esses planos estariam sendo executados: com respeito aos nordestinos? Respeito ao meio ambiente? Respeito aos trabalhadores da obra? Todo o material estaria sendo utilizado de forma correta fazendo jus aos 8 bilhões de reais até então investidos?

Pretendíamos fazer um recorte geral, não sobre dados técnicos da possibilidade ou não de ser executado a obra, mas almejávamos construir o retrato mais fiel possível para que o público, a partir da voz dos próprios sertanejos, conseguisse se transportar para o sertão nordestino do século XXI. Quebrar estereótipos do público, para que pudessem ver na prática os pontos negativos e positivos dessa obra histórica.

Depois de se decidirem com a pauta, e se apaixonarem por ela, começou-se a analisar se o trabalho seguiria um padrão clássico do jornalismo em televisão ou se exploraria outras vertentes audiovisuais como um documentário.

Foi decidido então que o formato que mais se encaixava nas perspectivas das autoras seria o documentário. A decisão foi tomada com base no desejo de explorar o máximo possível as imagens, sons e autenticidade dos entrevistados. Desta forma, o desejo de que o trabalho fosse uma maneira de dar voz a esses nordestinos foi mantido até o instante final do documentário, de forma a sempre ressaltar as opiniões, angústias, esperanças e realidades de cada um deles.

O tema foi aceito pela orientadora, que auxiliou com dicas e fez questionamentos sobre a forma que as jornalistas conduziriam as entrevistas, gravações e dia a dia da apuração. A partir disso, deu-se início ao processo de pesquisa, coleta de referências e materiais interdisciplinares que tratavam do assunto.

2. Histórico

2.1 A transposição do rio São Francisco

Transpor, oriunda do Latim *transponere*, a palavra significa ir além, seguir mais adiante, ultrapassar. Modificar a ordem, transferir. Pegar algo de um lugar e estender a outro. Escrever ou executar num tom diferente do original.

Discussões sobre a transposição do Velho Chico são feitas desde meados do século XIX. Antes até mesmo deste momento, entre os anos de 1777 a 1779, a seca no Semiárido era motivo de preocupação para a Corte Imperial. Não se sabe ao certo o número de vítimas, mas milhares de nordestinos morreram nessa que foi uma das grandes secas registradas na região. Os repetidos períodos de estiagem fizeram com que, segundo Ferreira, o próprio Imperador tomasse decisões para transformar o cenário de abastecimento de água da região:

Foi em 1820 que Dom João VI perante esta situação drástica, sentiu a necessidade de abrir um canal do rio São Francisco para Jaguaribe, já considerando a falta de recurso hídrico que o Nordeste podia vir a sofrer. Os sertanejos com toda a sua criatividade criaram pequenos barramentos no leito do rio e nos seus afluentes para juntar água. Nos países asiáticos esse processo já era bem conhecido, já existiam açudes de reserva de águas construídos com técnicas bem elaboradas. Como não tínhamos meios de comunicação com esses povos, nada sabíamos por aqui. Os açudes surgiram em grande escala em inúmeras propriedades, sendo uns pequenos e outros grandes. Devido à forte radiação solar os sertanejos tinham uma técnica de proteger as suas águas contra a evaporação. (FERREIRA, 2012)

Como explica Silva (2010) pensamentos mais concretos sobre a transposição surgiram no período do Império, com Dom Pedro II. Em 1847, o engenheiro Marcos de Macedo apresenta a ideia ao imperador como uma forma de combater os efeitos da seca. A proposta oficial para um projeto de transposição do Velho Chico surgiu com a criação da Comissão Científica de Exploração, que foi chefiada pelo Barão de Capanema – o engenheiro e físico Guilherme Schuch. É a partir dele que são propostas as construções de açudes e a integração do rio São Francisco com seus afluentes no Nordeste Setentrional. De acordo com Silva (2010), a proposta surgiu em resposta à seca que acometeu o sertão nordestino entre os anos de 1877 e 1879 e que acabou matando cerca de meio milhão de habitantes.

Durante esse período de estiagem, muitos nordestinos migraram para o Norte do país, mais especificadamente para áreas dentro da floresta Amazônica. Calcula-se que cerca de meio milhão de sertanejos morreram em decorrência da Grande Seca de 1877, como ficou conhecida. Neste momento de valorização e de construção de açudes no Nordeste foi fundamental a parceria entre poder público e a iniciativa privada. Além disso, transformou os espaços rural e urbano da região e garantiu mais segurança hídrica para aqueles que não tinham água. A criação do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca – DNCOS foi de suma importância.

Desde o século dezenove, o Poder Público se envolveu na atividade que tem o objetivo de pelo menos minorar as tragédias causadas pelas secas. Segundo o prof. Alberto Daker, o Departamento Nacional de Obras contra a Seca — DNOCS, criado em 1909, montou uma estrutura de armazenamento de água invejável no nordeste setentrional. São mais de 70 mil açudes particulares de pequeno porte e mais de 400 açudes públicos de médio a grande porte, com uma capacidade total de cerca de 30 bilhões de metros cúbicos de água, volume quase igual ao do imenso reservatório de Sobradinho. Ou seja, tais açudes dariam para irrigar mais de 480 mil hectares de terras, mas a área realmente irrigada é de apenas 120 mil hectares. (COELHO, 2004)

Já no final da década de 1950, as discussões sobre a transposição voltaram a aflorar. Nos primeiros anos da República brasileira, em meados de 1900, o escritor fluminense Euclides da Cunha foi um dos adeptos ferrenhos do projeto da transposição. Além do autor de *Os Sertões*, a obra contou com o apoio de engenheiros no século XX. Como explica Silva, “em 1958, o engenheiro Mário Ferracuti divulgou seu projeto na revista *O Cruzeiro* em que propunha a construção de uma barragem para represar o São Francisco perto de Cabrobó (PE), com o objetivo de bombear água para o Ceará e Rio Grande do Norte.” Mais uma vez, a ideia continuou somente no papel e voltou a ser discutida décadas mais tarde.

Mais uma vez o assunto volta a ser pauta na agenda política, agora na década de 1980. Através do Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS) do Governo Federal a transposição gera novos debates e reacende o interesse pelo rio São Francisco. A comoção foi tão grande que o interesse político a partir da obra invadiu o cenário da disputa pela presidência da República. Em 1983, o candidato Mário Andreazza resgatou a ideia como uma das suas plataformas de lançamento ao governo, mas como perdeu para Paulo Maluf do partido Arena, mais uma vez o projeto caiu no

esquecimento. Poucos anos depois, o Governo Federal fez uma nova tentativa de levar à diante o projeto.

No início dos anos 90, no governo de Itamar Franco, o então Ministro da Integração Nacional, Aluísio Alves (ex-governador do Rio Grande do Norte), resgatou a discussão sobre a transposição, propondo a construção de um canal em Cabrobó, que retiraria 150 metros cúbicos de água por segundo, para beneficiar áreas do Ceará e do Rio Grande do Norte. O Tribunal de Contas da União (TCU) não aprovou o projeto devido a previsão dos gastos; também não foi aprovado pelo Ministério da Agricultura, por não fazer parte do planejamento da administração federal (COELHO, 2004).

Pode-se dizer que em 1994, no primeiro mandato do então presidente Fernando Henrique Cardoso, o projeto finalmente teve incentivo para ser posto em prática. Sob a responsabilidade do Ministério da Integração Nacional a proposta previa a transposição das águas do São Francisco para bacias hídricas do Nordeste Setentrional localizadas em Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte. De acordo com Silva (2010) a obra foi estimada em R\$ 2,7 bilhões e os recursos seriam captados do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e com tentativas de financiamento junto ao Banco Mundial. Em 2001 foi criado o Comitê da Bacia Hidrográfica do rio São Francisco formado pelo poder público, sociedade civil e empresas com a finalidade de fazer a gestão dos recursos hídricos do Velho Chico.

Mas alguns fatores como a saída de Fernando Bezerra do comando do Ministério da Integração, bem como uma reavaliação do projeto — em tempos de racionamento de energia, a construção dos canais da transposição poderia comprometer em 10% a produção de energia fornecida pela Central Hidrelétrica do São Francisco — engavetaram a proposta mais uma vez. Foi no governo de Luís Inácio Lula da Silva, mais precisamente no primeiro mandato do então presidente da República, que o projeto saiu de vez do papel. No ano de 2003 o Executivo encaminhou ao Congresso Nacional o plano de investimentos do governo — Plano Plurianual (PPA) para o período de gestão entre 2004 e 2007. Lá estava descrito o projeto de transposição do rio São Francisco, uma das primeiras obras de infraestrutura do governo Lula. Como explica Silva (2010) O responsável por conduzir as negociações e articular políticos a favor da aprovação do projeto foi o ex-presidente José Alencar. Na ocasião muitas organizações da sociedade civil se manifestaram contra a proposta do Governo Federal alegando que a obra colocaria em risco a sustentabilidade do país, bem como o próprio rio São Francisco.

Foi em um contexto de debate entre governo e oposição, além das discussões entre ambientalistas e empresários que o projeto de transposição do rio São Francisco foi aprovado, em janeiro de 2005, pelo Conselho Nacional de Recursos Hídricos. No ano seguinte, após uma série de vitorias técnicas, diversas audiências públicas e da aprovação do Estudo Prévio de Impacto Ambiental, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) concedeu licença previa para o projeto ao Ministério da Integração Nacional. A obra da transposição do rio São Francisco foi incorporada ao Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) e, em 2007, o Ibama expede a licença definitiva para o início da construção dos canais.

2.2 Rio São Francisco

Eram 4 de outubro de 1501, quando os navegadores Gaspar Lemos e Américo Vespúcio, enquanto exploravam a costa do Novo Mundo, encontraram o grande rio Opará. O nome dado pelos índios Caetés significava algo como “rio-mar”. Grande, navegável, o rio se assemelhava muito com o mar, mas de água doce. No entanto, nem os índios, nem o rio escaparam do processo colonizador, e como mandava a tradição o rio recebeu o nome do santo do dia do seu descobrimento pelos europeus: São Francisco. Com seus 2,7 mil quilômetros de extensão e sendo o único rio nacional que nasce e desagua totalmente em solos brasileiros, o rio corta cinco estados do país: Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, o rio São Francisco teve um papel fundamental na exploração do interior do Brasil. Desde o século XVI ele se destacou pela sua importância na produção agrícola e pecuária, chegou até a ser chamado de Rio dos Currais, pela grande quantidade de criação de gado ao seu redor. Anos mais tarde, o São Francisco também se tornaria conhecido como o rio da integração nacional, porque além de possibilitar a produção de riqueza, ele era capaz de interligar o Nordeste açucareiro e o centro sul minerador, além de aproximar o sertão e o litoral, e os homens de diferentes culturas.

José Vieira Camelo Filho, em seu artigo *A Dinâmica política, econômica e social do rio São Francisco e do seu vale* relembra a importância histórica do rio nos seus primeiros séculos de descobrimento.

O rio São Francisco sempre foi um canal importante de ligação entre o Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, feita através da navegação fluvial.

Estrategicamente, esse rio e seus afluentes contribuíram para o controle e o povoamento do interior, onde, ao longo da história, constituíram-se os grandes latifúndios e os pequenos minifúndios, ambos responsáveis pelo atraso econômico e social do Vale. Sua economia, até a primeira metade do século XX, foi ancorada na pecuária extensiva e na agricultura de subsistência. A posse ou acesso à terra, para a maioria da população, continua sendo um grande desafio para a sociedade. (CAMELO, 2005)

O potencial do rio era cada vez mais notado, e com o desenvolvimento e modernização do país, surgiram visionários que começaram a imaginar novos propósitos para ele. A primeira usina hidrelétrica do São Francisco foi construída em 1903, recebeu o nome de Angiquinho, começando a funcionar em 1913. Pensada pelo comerciante de couro Delmiro Gouveia, para gerar energia para sua fábrica, ela foi construída na margem alagoana das cachoeiras de Paulo Afonso.

Tal acontecimento causou grande impacto social no Nordeste e marcou o imaginário popular, e principalmente dos nordestinos. O baião de autoria de Luiz Gonzaga e Zédantas, de 1955, retrata bem a importância histórica que tiveram as primeiras usinas hidrelétricas do São Francisco, em uma canção sobre Usina de Paulo Afonso:

*Delmiro deu a idéia
Apolônio Aproveitô
Getúlio fez o decreto
E Dutra realizô
O presidente Café
A usina inaugurô
E graças a esse feito
De homens que tem valô
Meu Paulo Afonso foi
Sonho
Que já se concretizô*

Além do seu grande potencial hídrico, o rio também estava ali para suprir as necessidades do mundo moderno que chegava no Nordeste. A capacidade de gerar energia elétrica atraiu outras barragens para o rio.

Ele passa por 521 cidades, e recebe 168 afluentes durante todo o seu trajeto. Tais características fizeram com que rapidamente outras usinas fossem construídas: Paulo Afonso I (1954), II (1961), Três Marias (1962), Paulo Afonso III (1971) e IV (1979), Sobradinho (1979), Xingó (1994).

Nos últimos 50 anos, a água do Velho Chico tornou-se a maior riqueza do Vale e a matéria-prima mais importante para o seu desenvolvimento, que, efetivamente, iniciou com a geração de energia em Paulo Afonso. A partir das décadas de 1980 e 1990, o processo de irrigação se intensificou, em particular, visando a produção de frutas nos Perímetros de Irrigação de Petrolina e Juazeiro, Oeste da Bahia, e com Projeto Jaíba e Pirapora, em Minas Gerais.

Apesar dos inúmeros benefícios alcançados pelas usinas, elas também trouxeram seu impacto para o rio. Após a construção da usina de Xingó, chegou a ser registrado uma redução de 14 mil m³ de água por segundo do seu potencial. Atualmente a Bacia Hidrográfica do rio São Francisco abrange 639.219 km² de área de drenagem (7,5% do país) e vazão média de 2.850 m³/s (2% do total do país). Nos fortes períodos de seca, a vazão do rio fica fraca, se aproximando dos 2000 m³/s, a ponto de fazer com que a água do mar adentre o leito do rio, fazendo assim chegar água salubre nas residências da região da foz do São Francisco, em Piaçabuçu, em Alagoas, próxima à fronteira com o estado de Sergipe. Isso tem afetado não só o abastecimento doméstico, como a pecuária e a agricultura. No caso da região, tem afetado diretamente as plantações de arroz.

Nem os 1900 milímetros da nascente, e muito menos os míseros 350 mm das tradicionais áreas do semiárido estão sendo capazes de controlar e evitar que o rio se deteriore. E não só o rio, mas alguns de seus afluentes perenes estão sofrendo sérios danos. E o quadro não é exclusividade do Nordeste. Pela primeira vez os rios Jequitá e Pacuí secaram em alguns trechos em Minas Gerais. O crescente desmatamento, o uso inconsciente das águas e a ausência de saneamento básico trouxeram impactos graves para o rio. O nível de desmatamento da vegetação natural do rio na década de 1970 era de 25%, nos anos 1980, chegou 65% e os dados atuais poderão ser conferidos mais à frente.

Fora isso, evidencia-se que apesar dos danos ao rio São Francisco prejudicarem a todos, o plano de desenvolvimento do rio e as suas riquezas, assim como nos primeiros séculos do seu descobrimento, ainda são fortemente voltados para a elite agropecuária e excluem grande parte da população da região.

Embora o êxito dos grandes projetos de desenvolvimento implantados na região seja uma realidade, caracterizam-se por serem excludentes, ou seja, deixam de fora a maioria dos trabalhadores do grande Vale, onde a pobreza continua inabalável sem alterar sua marca histórica, apesar da modernização de alguns setores econômicos existentes das nascentes do rio São Francisco e seus afluentes até a foz. França (2001) mostra que a agricultura irrigada com tecnologia que avança em região semiárida poderá se transformar no “indutor do processo de desenvolvimento regional”. O grande desafio é implementar uma política econômica em que a maioria dos trabalhadores rurais e urbanos seja incorporada. Isso ainda não ocorreu, apesar dos Perímetros de Irrigação continuarem gerando emprego na região do Vale, sobretudo, no pólo de Petrolina e Juazeiro.

A partir da má distribuição dos recursos, a transposição foi pensada não só para resolver o problema da seca, mas veio para tornar mais democrático o uso da água, beneficiando principalmente as famílias que mais sofrem com a escassez hídrica. A questão é se essa água de fato chegar, ela realmente irá beneficiar as pessoas certas. O medo da população também é histórico. A transposição não será a primeira grande obra que promete a solução hídrica para os nordestinos. Outra música que evidencia o drama do Nordeste em relação a supostas construções milagrosas é *Sobradinho*, composta por Sá e Guarabyra, em 1977, no processo de construção da maior represa do Nordeste. A música revela um pouco do medo, da esperança, e ao mesmo tempo satiriza os projetos megalomaniacos na tentativa de resolver problemas do Nordeste.

*O homem chega e já desfaz a natureza
Tira a gente põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá prá cima da Bahia
Diz que dia menos dia, vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia
Do beato que dizia que o sertão ia alagar
O sertão vai virar mar...
Dá no coração
O medo que algum dia
o mar também vire sertão
Vai virar mar,
Dá no coração*

*O medo que algum dia
O mar também vire sertão
Adeus Remanso, Casa - Nova, Santo-Sé
Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o Gaiola vai subir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai se embora com medo de se afogar
O sertão vai virar mar...
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão
Vai virar mar,
Dá no coração
O medo que algum dia
O mar também vire sertão
Remanso, Casa-Nova, Santo-sé, Pilão Arcado
Sobradinho
Adeus,adeus!*

Apesar de realmente contribuir para o desenvolvimento do Nordeste, teme-se que assim como as outras obras, a transposição mais uma vez favoreça essencialmente os mais abastados, e os 12 milhões de sertanejos mais necessitados continuem na mesma situação de abstinência hídrica.

O sociólogo alemão Ulrich Beck no seu livro *Sociedade de Risco* alerta para os perigos de se focar única e exclusivamente no desenvolvimento econômico e social se esquecendo do que realmente é fundamental para a garantia das nossas vidas. A sociedade moderna ainda continua fundada nas classes sociais, mas agora vive uma comoção em relação ao desenvolvimento econômico das classes menos abastadas. No entanto, a forma como isso tem sido promovida pode trazer resultados negativos para toda a sociedade independentemente da posição financeira. Os riscos dos quais Beck trata não fazem distinção do poder econômico e podem atingir a todos. Eles deixam de ser promovidos nos lugares em que foram gerados e passam a afetar a vida no planeta sob todas as suas formas. “Os riscos da modernização cedo ou tarde acabam alcançando

aqueles que os produziram ou que lucram com eles. Eles contêm um efeito bumerangue” (BECK, 2010)

Deve ser levada em conta, por exemplo, a possibilidade de uma catástrofe ecológica para contemplar interesses econômicos? O que são necessidades, o que são supostas necessidades e o que são necessidades a serem modificadas? Constatações de risco baseiam-se em possibilidades matemáticas e interesses sociais, mesmo e justamente quando se revestem de certeza técnica. Ao ocuparem-se com riscos civilizacionais, as ciências sempre acabaram por abandonar sua base de lógica experimental, contraindo um casamento polígamo com a economia, a política e a ética. – ou mais, elas convivem num espécie de “concubinato não declarado”. (BECK, 2010, p. 35)

3. Documentário

Após definido o tema, foi difícil para as repórteres, como estudantes de jornalismo, decidirem o formato do material. O dilema entre grande reportagem e o documentário surgiu algumas vezes. Entretanto, a medida que o objetivo do trabalho se consolidou, o formato veio com ele.

Apesar de negar uma reprodução perfeita da realidade, Bill Nichols em seu livro *Introdução ao Documentário*, acredita na importância que o gênero cinematográfico tem em apresentar novas visões sobre as questões acerca da sociedade:

Se o documentário fosse uma *reprodução* da realidade, [...] teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo, uma visão que talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2012, p.47)

Mostrar determinado tema sobre nova perspectiva, era a nossa intenção desde o começo. Deixando de lado a viabilidade ou não da obra, o objetivo era captar as opiniões, realidades e expectativa de muitos dos nordestinos dos quatro estados pelos quais passa a transposição. Com isso, quebrar um pouco o estereótipo bastante superficial sobre o Nordeste brasileiro e os nordestinos. Acabar com a crença de que todos vivem em condições subumanas devido ao clima, de que são incapazes de entender, opinar e reagir a suas realidades.

O documentário pareceu a melhor forma de registrar e comprovar o que encontrássemos no caminho. Segundo a classificação de Bill Nichols, existem dois tipos de documentários: os de satisfação dos desejos, normalmente chamados de ficção, e os de representação social.

Os documentários de representação social são os que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. [...] Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que o exploremos e compreendamos. [...] Do documentário não tiramos apenas prazer, mas uma direção também. [...] Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre documentário e o mundo histórico é forte e profundo. (NICHOLS, 2012, pp. 26-27)

Ainda segundo o autor, existem seis subgêneros dentro do gênero de representação social. São eles o poético, o expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. O poético, surgido nos anos 20, busca registrar menos dados, fatos históricos, ou tentar persuadir o público de alguma ideia do que mostrar o estado de ânimo do ambiente, das pessoas e os sentimentos que a cercam. “Ele é montado por uma série de fragmentos, impressões subjetivas, atos incoerentes e ações vagas”, afirma Nichols.

O modo expositivo, também oriundo da segunda década do século XX, está muito relacionado ao formato que se costuma ver em canais da TV fechada. É o gênero que recorre ao que o autor define como montagem de evidência. Essa montagem nada mais é do que a voz de Deus, acompanhada de imagens que embasam as afirmações desta voz, que geralmente apresenta informações e defende determinado ponto de vista sobre algum fato histórico com o intuito de persuadir. Esse estilo está vinculado com a forma como a população enxerga as coisas em uma época específica.

Um documentário expositivo pode fazer muito sentido em certo período, e em outro ter efeito completamente contrário. Um exemplo é o documentário *O triunfo da vontade*, 1935, retratando a unidade nacional alemã na época do nazismo. O que para os alemães que viveram naqueles anos poderia representar um motivo de orgulho, hoje já é visto em outra perspectiva.

O modo observativo surgiu nos anos 60 como uma alternativa ao poético, que quase não passava informação, e ao expositivo, que tinha um intuito de persuasão muito forte. O observativo, por sua vez, buscava uma observação espontânea da vida.

O respeito a esse espírito de observação, tanto na montagem pós-produção como durante a filmagem, resultou em filmes sem comentários com *voz-over*, sem música, sem efeitos sonoros complementares, sem legendas, sem reconstituições históricas, sem situações repetidas para a câmera e até sem entrevistas. (NICHOLS, 2012, p.147)

Esse subgênero coloca o espectador como figura ativa na interpretação dos fatos que acontecem. O modo observativo também parte da premissa de que as coisas teriam sido exatamente da mesma maneira se a câmera não estivesse lá. O que outros modos que surgiram depois vieram provar o oposto.

Os documentários participativos, também dos anos 60, transportavam o cineasta para dentro do meio que ele queria retratar por um longo período, para que depois pudesse registrar e transmitir o que viu da forma que julgava ser a mais fiel possível. Denominado por Rouch e Morin como *cinéma vérité*, “cinema-verdade”, enfatiza a ideia do encontro entre o cineasta e o meio, colocando-o como agente ativo naquele meio, e não apenas uma verdade generalizada vista no modo observativo.

Assim, ela é o oposto da premissa observativa, segundo a qual o que vemos é o que teríamos visto se estivéssemos lá no lugar da câmera. No documentário participativo, o que vemos é o que podemos ver apenas quando a câmera, o cineasta, está lá em nosso lugar. Jean-Luc Godard uma vez declarou que cinema é verdade 24 vezes por segundo: o documentário participativo satisfaz essa assertiva. (NICHOLS, 2012, p.155)

Neste estilo, o cineasta assim como antropólogos e jornalistas, se torna um agente investigativo. Devido ao envolvimento no meio, assim como no jornalismo, é possível que a voz do cineasta surja em determinados momentos como fruto da interação, e isso faz “seu próprio envolvimento na história ser crucial para o desenrolar dos acontecimentos”.

Há também os casos em que o documentário participativo se transforma em relato pessoal, como um diário de viagem, onde o filme será todo visto em primeira pessoa, como um testemunho próprio acerca da experiência.

O cineasta também pode querer apresentar uma perspectiva mais ampla, frequentemente histórica em sua natureza. Como isso pode ser feito? A resposta mais comum inclui a entrevista. A entrevista permite que o cineasta se dirija formalmente às pessoas que aparecem no filme, em vez de se dirigirem ao filme com comentário *voz-over*. No documentário participativo a entrevista representa uma das formas mais comuns de encontro entre o cineasta e o tema. (NICHOLS, 2012, p.159)

Através dos relatos coletados nas entrevistas, esses testemunhos são todos reunidos para formar a completude do documentário e transmitir a informação que o cineasta pretende passar. Como afirma o autor Bill Nichols, “isso situa o filme mais honestamente num momento dado e numa perspectiva distinta; enriquece o comentário com a textura de vozes individuais.”

No subgênero reflexivo, dos anos 80, encontramos o cineasta, não interagindo com outros atores sociais, mas com o seu público debatendo problemas e questões de representação. O tema de um documentário reflexivo pode vir a ser o próprio

documentário, segundo o autor. “Em lugar de ver o mundo por intermédio dos documentários, os documentários reflexivos pedem-nos para ver o documentário pelo o que ele é: um construto ou representação.”

De acordo com Nichols, “os documentários reflexivos desafiam essas técnicas e convenções” da estrutura narrativa. Estes documentários têm por objetivo nos fazer refletir a respeito da representação do outro, enquanto enganam o público fazendo-o achar que o que está vendo é real. O ponto de virada acontece quando ele percebe que o que está vendo é uma encenação sobre o tema, levando-o a refletir sobre a forma como tal assunto é representado.

O documentário reflexivo tenta reajustar as suposições e expectativas de seu público e não acrescentar conhecimento novo a categorias existentes. Por essa razão, os documentários podem ser reflexivos tanto da perspectiva formal quanto política. De uma perspectiva formal, a reflexão desvia nossa atenção para nossas suposições a respeito do documentário em si. De uma perspectiva política, a reflexão aponta para nossas suposições e expectativas sobre o mundo que nos cerca. [...] Isso se parece com a tentativa surrealista de ver o mundo cotidiano de maneiras inesperadas. Como estratégia formal, transformar o familiar em estranho lembra-nos de que maneira o documentário funciona como um gênero cinematográfico cujas afirmações a respeito do mundo talvez recebamos de maneira muito descuidada; como estratégia política, ele nos lembra de como a sociedade funciona de acordo com convenções e códigos que talvez achemos naturais como muita facilidade. (NICHOLS, 2012, pp.166-167)

Por fim, o modo performático é focado no conhecimento material. Ele usa de experiências e memórias, do emocional, valores e crenças para, assim, a partir de um ponto específico, construir uma compreensão sobre processos gerais a respeito do funcionamento da sociedade. Abusa da complexidade emocional dos temas. Normalmente esse estilo de documentário, criado nos anos 80, é produzido por um grupo de pessoas sobre sua própria realidade, contendo características muito subjetivas.

Os acontecimentos reais são amplificados pelos imaginários. A combinação livre do real e do imaginado é uma característica comum do documentário performático. [...] Esses filmes nos envolvem menos com ordens ou imperativos retóricos do que com uma sensação relacionada com sua nítida sensibilidade. A sensibilidade do cineasta busca estimular a nossa. Envolvermo-nos em sua representação do mundo histórico, mas fazemos isso de maneira indireta, por intermédio da carga afetiva aplicada ao filme e que o cineasta procura tornar nossa. (NICHOLS, 2012, pp.170-171)

Dentre as características descritas acima, podemos enquadrar o documentário *Transposição: a realidade daqueles que esperam pelo rio São Francisco* em três dos subgêneros citados, que de maneira complementar possibilitaram uma representação da realidade de muitos nordestinos da maneira mais fidedigna. Os modos são o poético, o observativo e, principalmente, o participativo.

O poético foi usado na captação das expressões faciais e posturas corporais na tentativa de revelar os sentimentos da população em relação à condição que viviam e da expectativa em relação a obra. Através de gestos e olhares podemos perceber que se trata de um fator antigo e com isso traz uma bagagem de emocional história. As plantações secas, a roupa estendida nas cercas das casas, os pés sujos, o solo todo de terra, a mulher que lava roupa com apenas uma bacia de água, o cachorro se refrescando da seca na sombra de uma árvore, todos esses detalhes constroem uma narrativa para tentar transmitir a sensação do que é viver com uma quantidade ínfima de água.

Seguindo a linha do poético, de captar a essência seca do lugar, entra o modo observativo. Com a ajuda desse subgênero conseguimos registrar com naturalidade não só os detalhes, mas também o comportamento e a convivência familiar e a relação da própria família com a seca no seu cotidiano. No entanto, garantir que os personagens estivessem confortáveis para que conseguíssemos registrar momentos autênticos de interação, sem que fossem influenciados pela presença das repórteres e da câmera, só foi possível pelo modo participativo.

A interação empática gerada pelo modo participativo possibilita quebrar as barreiras e estranhamento entre o cinegrafista ou repórter e o entrevistado. Com isso vem a confiança em expor as atitudes cotidianas, intimidades e pensamentos. Tal abertura é fundamental para um registro completo e verossímil de uma realidade. As entrevistas se transformaram em conversa, assim como é possível notar no documentário, repletas de um sincero interesse a respeito da vida dos nordestinos representados. A interação é verdadeira e as repórteres-cinegrafistas passam a fazer parte da paisagem de forma que não acanhassem os entrevistados. Isso tornou possível um real registro antropológico e jornalístico da situação.

3.1 Jornalismo documental

A forma como as duas repórteres se portam durante todo o documentário — sempre invisíveis à câmera, apenas ativas pela voz através dos questionamentos — revela como foi fundamental destinar todo o espaço do vídeo para os entrevistados. Para chegar à decisão de que o tema seria apresentado de forma documental foi preciso refletir sobre as principais características do jornalismo documental, bem como diferenciar este produto de uma grande-reportagem. Como explicam Melo, Gomes e Morais (2001), para traçar as diferenças entre tais subgêneros do jornalismo, é preciso ir além do senso comum.

No caso do documentário e da grande reportagem de TV, alguns afirmam que um elemento diferenciador é a profundidade com que o assunto é tratado. Em contrapartida, pode-se argumentar que, tanto quanto o documentário, a grande reportagem também busca ir fundo na investigação dos fatos. Além do mais, quais seriam os parâmetros que iriam apontar a maior ou menor profundidade de um programa? Então, a profundidade não seria um critério válido para mostrar a diferença. Outros sustentam que a diferença entre reportagem e documentário diz respeito, unicamente, à questão do tempo de duração do programa. Enquanto o documentário seria mais longo, a reportagem, mais curta. A nosso ver, essa diferença simplifica demais o problema, pois, qual seria o limite de tempo que separa um gênero do outro? Não é possível classificar, de maneira consistente, uma matéria que dure 15 minutos como reportagem e, uma outra, com 15 minutos e 30 segundos, como documentário. As colocações feitas acima reforçam nossa afirmação de que o problema dos gêneros jornalísticos está longe de ser resolvido. (MELO, GOMES e MORAIS, 2001).

Algumas questões motivaram as duas repórteres a optarem pelo jornalismo documental, em detrimento da não formatação do presente trabalho em uma grande-reportagem. Tais questões, são apresentadas por Melo, Gomes e Morais (2001) como fundamentais ao subgênero documental. As mais relevantes para a construção deste documentário são:

a. **Caráter autoral**

Diferentemente do que acontece nos outros gêneros jornalísticos, inclusive com a grande-reportagem, o documentário preza pelo olhar do diretor sobre seu objeto e tema. Enquanto matérias veiculadas nos mais diversos meios de comunicação

empregam uma suposta neutralidade, no documentário, é reforçada a tomada de um lado da situação. É importante ressaltar que esta suposta neutralidade do jornalista em grandes-reportagens não está ligada a uma atitude de “má fé” do profissional em tentar ser imparcial, mas sim no fato de que, na simples escolha das imagens, na edição das entrevistas e nas palavras escolhidas para o texto em *off*³, o jornalista deixa sua marca de parcialidade.

O caráter autoral do documentário não isenta a credibilidade do material apresentado. Isto é, a produção audiovisual não é “monofônica”, não deu voz e oportunidade de esclarecer fatos a apenas um lado. Em um documentário, todas as versões da história devem ser contempladas. Essa “atenção equitativa”, como é chamada pelas autoras, tenta garantir que representantes de diversas categorias, ou pessoas comuns, possam expor seus argumentos e motivações sobre um determinado assunto. Além da diversidade de fontes, vale ressaltar que o tempo reservado para que cada um apareça no documentário também reforça o equilíbrio. Entretanto, é importante salientar que mesmo com toda a abrangência de opiniões que um documentário apresenta, o autor busca também deixar representados seus argumentos.

[...] se por um lado o documentarista dá voz aos seus retratados com o objetivo de levar o espectador a tirar suas próprias conclusões em relação a um tema, por outro, esse mesmo documentarista almeja convencer o público de que a história que está sendo narrada tem uma moral - à semelhança das narrativas literárias. [...] Ou seja, por trás de uma “historinha” aparentemente despreziosa, defendem uma moral, o que, na perspectiva de Gancho (1997), poderia ser considerada como “a mensagem do texto”. Podemos dizer, então, que a parcialidade no documentário é mais do que necessária, é quase uma exigência do gênero. Nesse caso, cai por terra o mito da imparcialidade jornalística. (MELO, GOMES e MORAIS, 2001).

b. Não obrigatoriedade da presença de um narrador

A partir da decisão de que o presente trabalho seria um documentário e não uma grande-reportagem para televisão, ficou claro que seria de extrema importância captar a essência daquelas pessoas, bem como do ambiente em que vivem. Por isso, a utilização do texto em *off*, que chegou a ser cogitado enquanto o trabalho de pesquisa era feito, foi descartada. Como bem explica Rocha, as imagens de um documentário contextualizam a problemática sem necessidade alguma de um narrador.

³ Texto que acompanha as imagens, mas sem que apareça o narrador.

Na reportagem televisiva, as imagens têm um papel ilustrativo, confirmando tudo o que é dito pelo jornalista ou pelos entrevistados. Elas também são sempre sobrepostas pela voz em *off* que, por sua vez, procura explicar as imagens apresentadas no ecrã. No documentário, o *off* não é um elemento obrigatório e, por isso, as imagens ganham maior importância, pois não são utilizadas apenas para ilustrar textos ou falas – elas têm significado em si mesmas. (ROCHA).

Além da delimitação da narração em *off*, o documentário distingue-se também de outras maneiras da reportagem. A própria forma como os discursos dos entrevistados é apresentada traça características diferentes entre dois dos muitos gêneros jornalísticos. Melo, Gomes e Moraes defendem que, no caso de documentários construídos majoritariamente por depoimentos, as “paráfrases discursivas” são bem-vindas. Esse recurso se pauta na ligação de depoimentos que se relacionam sobre um determinado tema, construindo assim uma narrativa histórica sobre ele. Assim as diferentes visões e relatos contextualizam o espectador sobre uma ou mais vertentes de um assunto ou tópico.

Para as autoras, o recurso das “paráfrases discursivas” é indispensável para dar coesão ao texto de documentário. Ao contrário do que acontece em uma grande reportagem ou em uma matéria veiculada diariamente nos meios de comunicação, essa repetição de temas ao longo do documentário é uma importante estratégia discursiva de “redimensionamento do fato”.

c. Uso de imagens e depoimentos como documentos

O uso de imagens no meio audiovisual se faz de extrema importância tendo em vista que esse recurso é o que possibilita aproximar o espectador da realidade que lhe é apresentada. Como defende Renault (2014, p. 53) a imagem tem o poder de conseguir “condensar e sintetizar o que quer fazer ver”, diferentemente da linguagem escrita. O uso da imagem pelo homem advém desde a pré-história e acompanha a espécie como forma de registro e produção de conhecimentos específicos de um período, por exemplo. De tal forma, a imagem é uma ferramenta essencial para a documentação, seja ela através da fotografia, de um documentário cinematográfico ou para televisão. “Como representação simbólica, a imagem cumpre funções ao estabelecer relações do homem com o mundo.” (RENAULT, 2014, p.51).

As imagens e depoimentos, além de formarem o conjunto audiovisual, desempenham papel de resgate da memória humana. Melo, Gomes e Morais defendem que a presença de documentos é fundamental para “caracterizar um documentário”. Para tanto, as autoras classificaram os tipos de documentos em dois: materiais e imateriais.

Os materiais geralmente são autoexplicativos, dotados de um poder de comprovação dos fatos. No entanto, eles podem ser usados de diversas maneiras. Tanto para evidenciar um tema, quanto para comprovar o que foi dito por um entrevistado. Quando a temática geral do documentário gira em torno de assuntos científicos ou históricos, por exemplo, a presença de documentos materiais, palpáveis, reforça a teoria ou problema ali defendido.

Quando se trata de biografias ou questões sociais, por exemplo, há a valorização dos depoimentos para que, através das pessoas, a problemática possa ser contextualizada e caracterizada. É o caso de *Transposição: a realidade dos que esperam pelo rio São Francisco*. Não há a apresentação de documentos oficiais do Governo Federal, nem mesmo explanação de dados oficiais ao longo do documentário. Isso porque as pessoas são as maiores fontes de informação e comprovação da situação de calamidade em que vivem em razão da pouca disponibilidade de água.

4. Diário de Campo

4.1 Apuração

As obras da transposição do rio São Francisco tiveram início em 2007 com a proposta de garantir a segurança hídrica de trezentos e noventa municípios no Nordeste Setentrional, região onde a escassez de água é mais frequente. A região Nordeste do país tem apenas 3% da água doce disponível em todo o território brasileiro. Os dados da Organização Mundial da Saúde revelam que o Brasil detém cerca de 12% de toda a água doce do mundo. O problema é que esses recursos hídricos são mal distribuídos: “[O Brasil] detém cerca de 12% da água doce que esorre superficialmente no planeta. Desses recursos, 72% estão localizados na bacia amazônica, região na qual vivem menos de 8% da população nacional. O Nordeste brasileiro detém apenas 3%, 2/3 dos quais encontram-se na bacia do rio São Francisco.” (Suassuna, 2001)

Segundo informações do Ministério da Integração Nacional as bacias beneficiadas⁴ pelo rio São Francisco têm uma oferta de água per capita três vezes menor do que o recomendado pela Organização das Nações Unidas. Enquanto o mínimo ideal para a ONU é de mil e quinhentos metros cúbicos por habitante no período de um ano, a disponibilidade no Nordeste Setentrional é de, em média, 450 metros cúbicos por pessoa durante o ano.

A Organização Mundial da Saúde estabeleceu parâmetros de disponibilidade hídricas per capita para as diversas regiões do planeta, baseando-se nas ofertas volumétricas existentes em tais regiões para o atendimento às suas populações. Assim, considerou como *abundante*, a região que apresentasse condições de disponibilizar, em termos volumétricos, mais de 20 mil m³/ habitante/ ano. Em uma escala decrescente de valores, estabeleceu-se como *muito rica* a região que possibilitasse o fornecimento de mais de 10 mil m³/habitante/ ano; como *rica*, mais de 5 mil m³/habitante/ ano; como *situação limite*, mais de 2,5 mil m³/habitante/ano e, por último, como *situação crítica* a região capaz de fornecer menos de 1,5 mil m³/habitante/ano. (SUASSUNA, 2001, pp. 173)

⁴ As Bacias beneficiadas pela água do rio São Francisco serão: Brígida, Terra Nova, Pajeú, Moxotó e Bacias do Agreste, em Pernambuco; Jaguaribe e Metropolitanas, no Ceará; Apodi e Piranhas-Açu, no Rio Grande do Norte; Paraíba e Piranhas, na Paraíba. Fonte: Ministério da Integração Nacional.

Os quatro estados que receberão a transposição se encontram entre as piores médias de água por habitante do Nordeste, estando assim classificados como pobres hidricamente, com 2.440 e 1.780m³/ habitante/ ano, respectivamente, e Paraíba e Pernambuco com os piores índices de distribuição de água do país, 1440 e 1320m³/habitante/ano, respectivamente, sendo classificados em situação crítica. É neste conjunto de adversidades que o Governo Federal lança mão da maior obra do tipo feita no país.

O projeto conta com a construção de 477 quilômetros distribuídos em dois eixos de transposição. O Eixo Norte com 260 quilômetros, que cortará os quatro estados da transposição: Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. A captação de água será no rio São Francisco próximo à cidade de Cabrobó e conduzirá água aos rios Salgado e Jaguaribe, no Ceará; Apodi, no Rio Grande do Norte; e Piranhas-Açu, na Paraíba e Rio Grande do Norte. Ao cruzar o Estado de Pernambuco, este eixo disponibilizará água para atender as demandas de municípios inseridos em três sub-bacias do rio São Francisco: Brígida, Terra Nova e Pajeú.

O Eixo Leste percorrerá um caminho de 217 quilômetros, passando pelo estado de Pernambuco e Paraíba. Sua captação será no lago da barragem de Itaparica, no município de Floresta (PE), se desenvolverá por um caminhamento de 217 quilômetros até o rio Paraíba (PB), depois de deixar parte da vazão transferida nas Bacias do Pajeú, do Moxotó e da região agreste de Pernambuco.

Nesses 477 km de construção, a obra engloba quatro túneis, 14 aquedutos, nove estações de bombeamento e 27 reservatórios. Além disso também se prega a recuperação de 23 açudes existentes na região que receberão as águas do rio São Francisco.

Apesar do andamento da obra e do seu aparente encaminhamento final, e dos índices a princípio preocupantes a respeito da situação hídrica no Nordeste, a condição de abastecimento de água dos estados se encontram, se não dentro, muito próximos ao mínimo recomendado. Segundo Suassuna, acredita que mais importante que se pensar em transposição, seria primeiramente gerenciar de forma mais eficiente os recursos hídricos de cada estado. “O recurso existe, faltando apenas seu indispensável gerenciamento para a satisfação das necessidades do povo. É importante explorar o que está disponível em cada estado para então usufruir das águas do São Francisco”.

(SUASSUNA, 2001, P. 173).

De acordo com ele o Ceará tem saído da frente no quesito de administração hídrica. Além de possuir o Castanhão, a maior barragem depois de Sobradinho, o estado consegue acumular 50% de todo o volume de água contido nas represas nordestinas. Fora isso, o Ceará também tem investido no Cinturão das Águas, um projeto que visa interligar as diversas bacias que as compõe, visando suprir as necessidades das regiões mais secas com águas das regiões mais ricas hidricamente.

O Rio Grande do Norte, por sua vez, é rico em áreas sedimentares, que abastecem várias regiões. O estado também possui a segunda maior represa do Nordeste, Armando Ribeiro Gonçalves, que “segundo informações contidas no I Plano Estadual de Recursos Hídricos do Rio Grande do Norte, poderia suprir, com 200 litros/habitante/dia, toda a população norte-rio-grandense, nos próximos 20 anos” (SUASSUNA, 2001, P.176). O terceiro estado cortado pela transposição, a Paraíba, já apresenta um quadro mais crítico, visto que os solos da região são cristalizados⁵ em praticamente todo o território, fora uma pequena faixa litorânea sedimentária. Ademais a situação crítica paraibana, está o fato da contaminação do açude mais importante da região, Coremas e Mãe D’água. Entretanto, o estado possui o pico mais elevado do Nordeste, Pico do Jabre com altitude superior a mil metros, que poderia ser utilizado no abastecimento de água por gravidade as regiões mais secas da Paraíba.

Por fim, Pernambuco, com o quadro mais crítico de abastecimento de água de todo o Brasil, possui condições geológicas muito parecidas com a Paraíba. São cerca de 80% do solo cristalizado, além de não ter “represamentos significativos”. Toda a água contida no estado representa apenas 3,4 bilhões de m³, valor referente a um país da capacidade do segundo maior açude do Ceará, e essa capacidade hídrica de Pernambuco está caindo gradativamente com a seca duradoura pela qual o Nordeste está passando.

Levando-se em consideração essas duas últimas classes distributivas de recursos hídricos (pobre e em situação crítica), chega-se à conclusão de que, mesmo com os riscos iminentes de desabastecimento, os estados nordestinos localizados nas referidas classes poderão vir a suprir a demanda de água de suas populações, de forma coerente e satisfatória. Para tanto, é necessário proceder o gerenciamento adequado de suas águas. Essa assertiva prende-se ao fato de o Nordeste, hoje, possuir o maior volume de água represado

⁵ Solo de formação antiga, com rica presença de minerais, tanto metálicos quanto não metálicos. Normalmente desgastado pela erosão.

em regiões semi-áridas do mundo, com cerca de 30 bilhões de m³, e as descargas de seus rios proporcionarem infiltrações de água nos aquíferos da ordem de 58 bilhões de m³/ano, segundo estimativas de Aldo Rebouças, renomado hidrólogo da USP, São Paulo. A extração de apenas 1/3 desses volumes infiltrados representariam potenciais suficientes para abastecer a população nordestina atual, estimada em cerca de 47 milhões de pessoas, com uma taxa de 200/litros/habitante/dia, além de irrigar mais de 2 milhões de hectares, com uma taxa de 7000 m³/há/ ano. Na visão de Rebouças, a água no Nordeste existe, faltando, apenas, o indispensável gerenciamento desse recurso para a satisfação das necessidades do seu povo. Sabendo usar, ela não irá faltar. (SUASSUNA, 2001, pp. 174-175)

No entanto o caminho está sendo feito de forma inversa. A preocupação de se trazer o rio São Francisco veio antes da tentativa de conseguir tornar a água no Nordeste um bem autossustentável. A transposição passou a ser enxergada como a salvadora de todos os problemas e não com o uma medida complementar para o abastecimento de água, quando necessário.

Percebe-se claramente o desconhecimento das autoridades no que se refere ao ambiente natural por onde corre o Rio São Francisco, principalmente na parte semiárida de sua bacia. Não se pode tratar um assunto polêmico como esse sem se ter um profundo conhecimento de geologia, e principalmente, de clima, variáveis naturais extremamente marcantes na região. (SUASSUNA, 2001, pp. 198)

De acordo com Suassuna, uma obra desesperada em auxiliar os grandes agricultores do Nordeste, mascarada com a desculpa de ajudar as populações mais prejudicadas pela seca, ao invés de benefícios para todos trará grandes prejuízos dos quais, inclusive os mais ricos, não escaparão.

Agir impulsivamente em relação ao rio para solucionar um problema, pode mascarar outros problemas que poderão vir como consequência de um empirismo em relação a viabilidade da obra ou não. “É como comparar a transposição das águas do São Francisco a uma empadinha de camarão servida em lanchonete de mercado público. Num primeiro lance de vista parecem apetitoso petisco, mas depois de saboreá-la os seus efeitos por vezes são desastrosos”. (SUASSUNA, 1995, p.14)

O primeiro efeito importante a ser levantado pelo autor, e os autores dos quais ele se baseia, faz referência ao abastecimento de energia do Nordeste. A necessidade energética para bombear o volume pretendido de água Nordeste acima é preocupante. Devido a um desnível de 180 metros no Eixo Norte, estima-se que seriam necessários um potencial de 1176 MW para atender a essa demanda. Esse número é maior do que o potencial gerado por Sobradinho: 1050 MW. Isso sem mencionar o Eixo Leste, que conta com um desnível de 300 metros.

De acordo com dados fornecidos pela Agência Nacional das Águas (Ana), o potencial hidrelétrico aproveitado da bacia do rio São Francisco em 2010 era de 10.473MW, distribuídos principalmente nas usinas Três Marias, Queimado, Sobradinho, Itaparica, Complexo Paulo Afonso e Xingó. O valor energético demandado pela transposição é altamente significativo comparado com o valor total. Isso leva Suassuna e outro autores como Aldo Rebouças a se questionarem a respeito do impacto na geração e manutenção do fornecimento de energia elétrica no Nordeste.

Outra preocupação relevante tem relação a vazão do rio em vários pontos, principalmente na barragem de sobradinho, a mais importante do Nordeste. Segundo recomendações do Ibama a vazão mínima dessa barragem deveria ser 1300m³/s. Atualmente, a barragem opera em 1100 m³. Mas mais alarmante que isso é a resolução final a respeito da quantidade de água a ser distribuída nos dois eixos da transposição foi decidida. 16,4 m³/s é a vazão prevista para o eixo norte em períodos de baixa do rio. Durante os períodos mais privilegiados com chuva pode chegar a 99m³/s. No Eixo Leste a vazão foi decidida com 10 m³/s, atingindo 28m³/s na capacidade máxima. No entanto segundo estudos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, a Sudene, a transposição baseada nessas vazões não pode ser considerada um “ambientalismo seguro. O rio teria uma vazão alocável de apenas 25 m³/s, algo bem inferior ao 26,4 pretendidos em época da seca, e consideravelmente mais baixos que os 127 m³/s da época de abundância.

Abundância essa que não se sabe quando será vista de novo. Em setembro do ano passado, mesmo com chuvas, a principal nascente do rio São Francisco localizada na Serra da Canastra, em Minas Gerais, secou e assim permaneceu até dezembro daquele ano. No entanto, mesmo jorrando água de novo, a situação está longe de ser estabilizada. Muitos afluentes estão enfraquecidos, e o desmatamento em volta rio está crítico. Apenas 55% da vegetação que cobria a Bacia Hidrográfica do São Francisco ainda permanece. São 51% de Caatinga, 55% de Cerrado e 29% de Mata Atlântica.

Não se pode deixar de se levar em consideração que o fenômeno da transposição irá potencializar drasticamente a evaporação de água do rio por muitos quilômetros. Antes das obras começaram a evaporação média já era de 2.000 mm. Não se sabe ainda ao certo o quanto esse número será elevado ao término das obras, quando o rio deixará de ter 2700 quilômetros de extensão, para 3147 quilômetros a céu aberto.

O que os dados apontam é que o rio deve ser tratado em vários aspectos antes que se mexam nele. Apesar de parada em alguns pontos, a obra já se encontra em

estágio avançado. Os últimos dados atualizados na página eletrônica do Ministério da Integração Nacional apontam que, até agosto de 2015, 78,6% da obra apresentavam execução física. O Eixo Norte está 80% concluído e o Eixo Leste 76,6% pronto.

Em meio a fortes evidências contra a viabilidade do projeto, também existem as dúvidas de muitos sertanejos se de fato terão direito a receber água do rio São Francisco. Parte dessa dúvida e talvez descrença de alguns nordestinos se justifica pelo fato da obra ter sofrido interrupções algumas vezes e, conseqüentemente, ter sua data de entrega postergada. A previsão inicial do governo era concluir os trechos Norte e Leste até 2010. A nova estimativa é que tudo fique pronto até 2017. Se de fato os canais ficarem prontos no ano prometido, serão dez anos de espera do sertanejo para conseguir ter acesso a essa água. Dez anos de espera parecem durar muito mais para quem viveu a pior seca dos últimos anos e não tem perspectiva alguma de melhora na qualidade de vida que não através da transposição.

Afinal, são 77.736 habitantes em 296 comunidades rurais (12 são quilombolas e 23 indígenas), 847 famílias em 18 Vilas Produtivas Rurais, 22 municípios (11 estão em Pernambuco, cinco no Ceará, cinco na Paraíba e um na Bahia) que esperam urgentemente por uma solução.

Executadas pelos governos estaduais do Ceará, Paraíba e Pernambuco com apoio do Ministério da Integração Nacional as obras da transposição contam atualmente com 10.473 trabalhadores contratados para atuarem no empreendimento. Mais de 3.627 máquinas em operação nas obras. A chegada do rio em novos lugares do nordeste além de esperança de água para a população também está levando empregos, e a princípio melhor qualidade de vida.

Apesar de todo o trabalho feito no processo de pré-apuração, as autoras sabiam que a apuração em si, durante o período de viagem, estava suscetível a mudanças. Isso porque foi analisado com antecedência que tipo de problema hídrico poderia ser encontrado nos municípios pré-definidos, mas as repórteres estavam cientes de que o curso da viagem poderia sofrer algumas alterações se os próprios moradores dessem informações novas e as próprias investigações da dupla apontassem para outras cidades.

Durante a pré-apuração ficou definido que seriam visitados os quatro estados que vão receber obras da transposição do Rio São Francisco: Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Por razões óbvias, de tempo e logística, não seria possível visitar todos os municípios de cada estado, nem mesmo a maioria deles. Por isso a pesquisa acadêmica e coleta de matérias veiculadas pela mídia foi importante.

Tão importante quanto a escolha das cidades foi definir o tempo que passaríamos em cada uma. Isso porque a transposição tem dois eixos, o Norte e o Leste. O eixo norte passa entre os quatro estados, na região mais a oeste do semiárido nordestino pegando desde a região sudoeste de Pernambuco, seguindo para o extremo sudeste do Ceará, sudoeste da Paraíba e terminando no extremo sul do Rio Grande do Norte. Já o eixo leste cobre apenas Pernambuco e Paraíba, na região central dos dois estados. Esses dois grandes eixos ficam distantes um do outro uma média de quinhentos quilômetros. Para fazer a travessia em segurança as repórteres contaram com o apoio do pai de uma delas, o senhor Nivaldo Pedroza, que se juntou a equipe no dia 7 de julho, para dar apoio na direção do veículo e suporte técnico com o equipamento.

4.1.1 Cidades

A partir da análise de artigos, principalmente dos escritos por Suassuna, e matérias jornalísticas, as repórteres foram visitar cidades com perfis econômicos, hídricos e sociais diferentes, justamente para garantir diversidade de realidades ao documentário. As cidades escolhidas durante a pré-apuração foram: Juazeiro do Norte - CE, Crato - CE, Cajazeiras - PB, Pau dos Ferros - RN, Martins - RN, Caruaru - PE, Toritama - PE, Exu - PE e Salgueiro - PE. Dentre os municípios listados não foram visitados Pau dos Ferros e Martins. No entanto, conversando com moradores as repórteres viram a possibilidade de conhecer outras cidades que não estavam inclusas no roteiro. Foram elas: Santana do Cariri - CE, Riacho das almas - PE, Brejo Santo - CE, Luís Gomes - RN, Floresta - PE e Belém de São Francisco - PE.

Juazeiro do Norte, Crato e Caruaru são grandes centros urbanos e tem uma importância econômica muito grande nos seus respectivos estados. As duas cidades cearenses não vivem, ainda, problemas de abastecimento de água porque tem uma grande oferta de nascentes nas redondezas. Diferente disso, Caruaru deu início a mais um racionamento de água porque a barragem que a abastece, Jucazinho, estava operando no volume morto. Mesmo próxima do litoral e da capital Recife - distante apenas cem quilômetros - a cidade enfrenta um período de poucas chuvas há quatro anos.

Em Cajazeiras, o problema era que a água chegava a alguns bairros, mas em vários outros, não. Apesar dessa situação, já haviam sido constatadas problemáticas semelhantes em outros municípios. Mesmo assim, Cajazeiras foi uma escolha

importante porque deu a oportunidade às repórteres de conhecer os percalços vividos na zona rural. Lá conheceram proprietários rurais que aguardam, além da obra da transposição, a construção de uma estrada para que não fiquem ilhados. Isso porque a comunidade vai ficar entre dois paredões de barragem, sem acesso para outras regiões.

Toritama apresentou um olhar diferente do que até então tinha sido apurado. A cidade é uma das maiores produtoras de jeans no Brasil e exporta para quase todo o país peças que são vendidas nos grandes, médios e pequenos centros urbanos. A ligação entre a cidade e o comércio da região é muito grande, uma vez que Caruaru é um pólo econômico e de grande importância para o sertão pernambucano. Toritama também era abastecida pela barragem de Jucazinho, mas devido ao nível baixo da água, os donos das lavanderias de jeans e a própria população temiam o desabastecimento.

Dentre os municípios escolhidos, alguns tiveram suma importância no que diz respeito à hospedagem. Juazeiro do Norte, no Ceará, foi escolhida como ponto de referência devido à sua localização geográfica. Por estar na região do Cariri, extremo sul do Ceará, a locomoção para a Paraíba e Pernambuco era rápida. Cerca de setenta quilômetros separavam a cidade cearense de destinos nos outros dois estados. Não à toa que, ao todo, as repórteres e o Nivaldo se hospedaram durante sete dias na cidade. Cajazeiras também teve importância significativa nestes quesitos hospedagem e localização geográfica por atender às necessidades de proximidade com municípios paraibanos e por estar perto da fronteira com o Rio Grande do Norte.

Quando foi decidido cancelar a ida à Pau dos Ferros e Martins, ambas cidades potiguares, optou-se por ficar mais tempo em Cajazeiras e explorar uma cidade com um perfil completamente diferente de todas que já tínhamos visitado: Luís Gomes. O município fica na fronteira entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba e vive, há quatro anos, sem água. O único abastecimento oferecido à população é através de caminhões pipa. Todos os dias, em bairros diferentes da cidade, os dez mil habitantes fazem filas com as mãos cheias de baldes para conseguir água.

Outra cidade que chamou a atenção no quesito abastecimento de água foi Riacho das Almas. Os moradores em vários bairros do município recebem fichas do governo, como aquelas nos tempos de telefone público, para encher os baldes diariamente. A visita à cidade aconteceu no dia 18 de julho e, até aquele momento, os moradores ainda podiam pegar quantas fichas quisessem por dia.

Em Brejo Santo e Belém de São Francisco foi encarado de frente as duas situações-chaves no documentário: a obra da transposição e a morte gradual do Rio São

Francisco. Na cidade cearense conseguimos a autorização do engenheiro-chefe do trecho para gravar imagens de todo o canteiro de obras. E no município pernambucano foi possível ver de perto o Velho Chico e como ele pede por socorro.

4.1.2 Locomoção

Para dar início à viagem as repórteres pegaram o voo 6125 da Avianca, de Brasília para Juazeiro do Norte - CE no dia 5 de julho de 2015. No mesmo dia, foi alugado um Renault Sandero pelo período de dez dias, no valor de R\$ 1650,00, para que toda a locomoção entre as cidades e estados próximos ao eixo norte da transposição fosse feita. No período de pré-apuração cogitou-se fazer todas as viagens de ônibus, mas a ideia logo foi descartada devido à falta de praticidade e em como poderia atrapalhar a logística da apuração.

No dia 15 de julho o trio pegou um voo de Juazeiro do Norte para Recife para dar continuidade ao trabalho no eixo leste da obra. Ainda no mesmo dia, outro carro, um Volkswagen Voyage foi alugado, pelo valor de R\$ 392,00, e as repórteres e o Nivaldo seguiram viagem para Caruaru - PE. Depois de três dias em Caruaru, e de visitar cidades vizinhas, o trio dormiu em Recife para, no dia 19 de julho, pegar o voo 9023 da TAM, de volta para Brasília.

4.1.3 Equipamentos

- 2 câmeras Nikon D3100 com lentes 18-55mm – **Número do patrimônio: 3192249 e 3162947**
- 1 Gopro Hero 3 – **Número patrimônio: HD3SB04132c5066**
- 1 Boom Shure SM89 – **Número do patrimônio: 27D2365**
- 2 Tripés Benro A2573F – **Número do patrimônio: 202469 e 202468**
- 1 gravador Marantz PMD671 - **Número do patrimônio: 201011018005971**
- 2 microfones de lapela Sony ECM 77B - **Número do patrimônio: 20070402 e 200912**

4.1.4 Gastos

- **Passagens aéreas:**

Brasília – Juazeiro do Norte (CE): R\$ 913,03 (por pessoa) x 3 = R\$ 2739,09

Juazeiro do Norte (CE) – Recife (PE): R\$ 132,00 (por pessoa) x 3 = R\$ 396,00

Recife (PE) – Brasília: R\$ 640,00 (por pessoa) x 3 = R\$ 1920,00

- **Gasolina:**

R\$ 534,00

- **Aluguel dos carros:**

R\$ 2.070,00

- **Hospedagem:**

Juazeiro do Norte (CE) – 7 diárias da Bancorbrás + 1 diária de R\$ 350 = R\$ 350,00

Salgueiro (PE) – 2 diárias: R\$ 360,00

Cajazeiras (PB) – 3 diárias: R\$ 810,00

Caruaru (PE) – 3 diárias: R\$ 630,00

Recife (PE) – casa de Camille Beatriz dos Santos Reis

- **Alimentação:**

R\$ 400,00 (por pessoa) x 3 = R\$ 1200,00

- **Aluguel GoPro:**

R\$ 200,00

- **Seguro dos equipamentos:**

R\$ 161,00

TOTAL: R\$ 11.370,09/ 3 = 3.790,03 por pessoa

4.1.5 Edição

O processo de edição teve início na segunda quinzena de agosto e foi dividido em etapas para garantir um melhor detalhamento do material. Como as duas repórteres estagiam no período da tarde de segunda a sexta-feira, planejaram fazer encontros uma vez ao longo da semana e outro no final de semana. Logo perceberam que não seria viável se reunirem no meio da semana, já que o tempo era corrido e não conseguíamos render em apenas três horas de reunião. Foi decidido então que seria mais inteligente se o processo de edição fosse feito separadamente e que acontecessem reuniões todos os finais de semana para alinhar o projeto, fazer alterações no material editado por cada uma e comentar sobre as novas tarefas a serem feitas. Essa divisão de tarefas se deu por todo o período de edição.

Com a definição da forma como o trabalho seria feito, o passo seguinte foi construir o roteiro. Essa decisão foi tomada para que, desde o início, tivesse claro quais

entrevistados e histórias poderiam entrar no documentário. Ainda assim, foram refeitas três edições no roteiro a fim de proporcionar mais clareza, objetividade e contextualização entre os entrevistados.

O primeiro roteiro foi construído através da memória que as autoras guardaram dos lugares e das histórias que mais as marcaram ao longo da viagem. Mas somente resgatar o que viram e viveram naqueles quinze dias de filmagem não foi suficiente. Faltava ligação entre os diálogos bem como saber destacar o que de mais significativo nossos entrevistados tinham para falar. Decidiu-se então decupar todas as entrevistas. O processo inteiro demorou uma semana e meia, mas foi fundamental para auxiliar e fazer lembrar o que cada pessoa havia dito. A tarefa teve que ser dividida, já que foram entrevistadas 37 pessoas ao longo da viagem.

Terminada a decupagem foram feitas seleções do que mais interessava às repórteres e dos trechos de falas dos entrevistados que mais dialogavam entre si. Um novo roteiro foi escrito, dessa vez usando o artifício da decupagem e da pré-seleção de material. Colocou-se no Premiere CS6 o que estava no papel e foi avaliado o que poderia ser mudado e mantido. Nesse exercício de vai e vem, muitas mudanças foram feitas chegando assim, a uma terceira e definitiva versão.

Quanto à seleção de imagens, o processo começou simultaneamente à decupagem das entrevistas. Através da plataforma Google Drive as repórteres criaram um catálogo das imagens, mas se depararam com o problema de que a quantidade de vídeos era muito maior do que a de entrevistas. Sendo assim, desistiram desse processo e optaram por fazer a seleção de imagens ao longo da edição de cada entrevistado.

Na trilha sonora as autoras optaram por dar preferência a um trabalho regional e valorizar a cultura da região. Através de procuras na internet durante o final do mês de outubro as repórteres conheceram Marcos Wendel Galindo. Ele mora em Caruaru-PE e faz parte do grupo de pífano Santo de Barro. A instrumentalização tipicamente folclórica era o ideal para o trabalho que queriam construir.

5. Considerações finais

Este trabalho sem dúvidas foi uma experiência marcante para as duas repórteres. Ele nasceu de uma consciência social, uma vontade de conhecer mais sobre a história do nosso país, e de impactar com um trabalho jornalístico de qualidade que contribuísse para o conhecimento coletivo. Ainda que tivéssemos feito pesquisas e planejamentos quanto ao nosso destino, os resultados eram incertos. Receios e expectativas tomaram conta de nós.

Muitas pessoas se preocuparam em nos alertar sobre o perigo de uma viagem desse porte para duas garotas. Sobre a possibilidade de muito dinheiro jogado em vão em nome de uma coisa que nem sabíamos se daria certo. No entanto, a nossa curiosidade, comprometimento com a nossa verdade e a fé na nossa capacidade, baseado em tudo o que aprendemos em quatro anos no curso de Jornalismo, não deixaram que em nenhum momento pensássemos em desistir do tema.

E parece que de alguma forma os nordestinos agradeceram por isso. Fomos surpreendidas por um povo muito diferente do que costumamos ver retratado em filmes e notícias, ou pouco retratados. Nos deparamos com muitas pessoas com gana de falar, de relatar, de opinar e de mostrar sua luta na tentativa de conseguirem alterar suas realidades. Um povo tão cansado de esperar, que começou a fazer por onde de acordo com o que era possível nas suas respectivas realidades. Um povo que começou a se organizar para se fazer a ouvir e reivindicar sobre seus reais interesses. Um povo informado. Um povo que conta com a nossa ajuda, não para salvá-los, mas para nos juntarmos à sua luta.

Um povo tão carente de que sejam solidários com eles, que foram muito solidários conosco. Jamais teríamos conseguido colher o material que colhemos se não fosse a ajuda deles para entender o que realmente é a transposição não veiculada nos jornais. O que é a transposição do ponto de vista de quem precisa dela, de quem mora ao lado dela. Graças a eles conseguimos acesso à obra, informações importantes, conseguimos ver com olhos de humanos e não com dados técnicos os pontos positivos e negativos sobre a transposição do rio São Francisco.

Mas talvez isso também tenha nos dado uma perspectiva um tanto negativa. Uma compreensão de como essa obra, assim como tantas outras, não são bem planejadas em todos os setores. Em como essa obra traz riscos sérios para um rio já muito malcuído, e como mesmo que fique pronta, ela será ineficiente na resolução da maior parte dos problemas da região. Pudemos ver *in loco* a situação do rio São Francisco em Belém de São Francisco, Pernambuco, e que se estende a tantas outras centenas de cidades banhadas pelo Velho Chico. É triste ver com os próprios olhos que um dos rios mais importantes culturalmente, socialmente e economicamente esteja pedindo socorro e ninguém o está ouvindo.

A partir de *Transposição: um documentário sobre a realidade dos que esperam pela água do rio São Francisco* percebemos que a obra da transposição é sim um fio de esperança para mais de doze milhões de nordestinos, mas pode ser também a sentença final do rio São Francisco. Uma obra dessa magnitude, com impacto ambiental que pode ser irreparável, deveria ter sido pensada de fato somente depois da completa reestruturação do rio e dos seus afluentes. O nordestino que mora no Semiárido é altamente dependente de caminhões-pipa e pode não ter sua realidade mudada depois da conclusão das obras.

Através da experiência de contato com a realidade do sertanejo foi possível perceber que a seca é intrínseca à vida daquele povo. Não há como retratar os aspectos, benefícios e/ou prejuízos que a transposição pode trazer sem contextualizar a seca. Para tanto foi preciso perguntar e constatar os hábitos de cada um, a forma como vivem com pouca disponibilidade de água e, muitas vezes, o que fariam se a tivessem em maiores quantidades e com mais frequência.

O que nós esperamos é que a obra da transposição do rio São Francisco possa ser o canal para a construção de um futuro mais digno que garanta o crescimento econômico da região do Semiárido, além de melhores perspectivas de vida. Talvez até mais importante do que o próprio crescimento econômico seja a chance de, finalmente, ter dignidade. Para muitos desses nordestinos a transposição é a chance de pôr um fim na indústria da seca e de garantir uma condição de vida melhor para seus filhos e futuras gerações.

6. Referencial Bibliográfico

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Lei da Política Nacional de Recursos hídricos. Lei nº 9.433 de 97 artigo 1º, inciso I.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

RENAULT, Letícia. *Webtelejornalismo*. 1.ed. Rio de Janeiro: e-papers, 2014. P. 49-55.

SUASSUNA, João. *Transposição do Rio São Francisco*. 1.ed. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

BECK, Ulrich. *Sociedade de Risco - Rumo a uma outra realidade*.1. Edição. Brasil: Editora 34, 2010. P. 1-43.

Fontes da internet

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. *Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil*. Relatório. Brasília, 2015. Disponível em: <http://conjuntura.ana.gov.br/docs/conj2014_inf.pdf>. Acesso em 08/10/2015.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. *Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil*. Relatório. Brasília, 2013. Disponível em: <http://conjuntura.ana.gov.br/docs/conj2013_rel.pdf>. Acesso em 08/10/2015.

COELHO, Marco Antônio. *São Francisco: transpor águas ou erros?* [S.L], 2004. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?id=4&page=visualizar>>. Acesso em: 12/10/2015.

ROCHA, Leonardo Coelho. *O caso Ônibus 174: Entre o documentário e o telejornal*. Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardo-documentario-telejornal.html>>. Acesso em: 15/10/2015.

CAMELO, JOSÉ VIEIRA FILHO. *A dinâmica política, econômica e social do Rio São Francisco e seu vale*. Revista do Departamento de Geografia, nº 17, 2005, pp. 83-93. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/RDG/RDG_17/Jose_Vieira_Camelo_Filho.pdf>, acesso em 7/10/2015.

FERREIRA, Elisabete Cardoso. *Afinal, o que é a transposição do rio São Francisco: os desafios existentes*. In: 1º SEMINÁRIO NACIONAL DE GEOLOGIA E PLANEJAMENTO TERRITORIAL, Sergipe, 2012. Disponível em: <http://anais.geoplan.net.br/trabalhos_formatados/AFINAL,%20O%20QUE%20E%20

A%20TRANSPOSICAO%20DO%20RIO%20SAO%20FRANCISCO.pdf>. Acesso em: 11/10/2015.

MACHADO, Regina Coeli Vieira. *Rio São Francisco*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 11/10/2015.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. *O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral*. In: INTERCOM - 25º CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, Campo Grande, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>>. Acesso em: 15/10/2015.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. *Sinopse do Senso Demográfico para o semiárido brasileiro*. Disponível em: <http://www.insa.gov.br/censosab/index.php?option=com_content&view=article&id=97&Itemid=96>. Acesso em 05/10/2015.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. Projeto de Integração do Rio São Francisco. [S.L], 2015. Disponível em: <<http://mi.gov.br/web/guest/o-que-e-o-projeto>>. Acesso em: 10/10/2015.

OBSERVATÓRIO DA SECA. Operação carro-pipa. [S.L], [201?]. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/observatoriodaseca/operacao-carro-pipa.html>>. Acesso em: 20/10/2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Pior seca dos últimos 50 anos no nordeste brasileiro confirma estatísticas da ONU sobre escassez*. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/pior-seca-dos-ultimos-50-anos-no-nordeste-brasileiro-confirma-estatisticas-da-onu-sobre-escassez/>>. Acesso em: 06/10/2015.

SILVA, Ana Carolina Aguerri Borges da. *A transposição das águas do Rio São Francisco: interesses e conflitos*. In: 11º CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, Salvador, 2011. Araraquara, SP. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308357455_ARQUIVO_artigoconlab.pdf>. Acesso em: 15/10/2015.

SUASSUNA, João. *O gerenciamento da água no Nordeste*. [S.L], 2004. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2004/05/b-artigo-b-o-gerenciamento-da-agua-no-nordeste/>>. Acesso em: 08/10/2015.

SUASSUNA, João. *Semi-árido: proposta de convivência com a seca*. Recife, 2002. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=659&Itemid=376>. Acesso em: 7/10/2015.

7. Anexos

7.1 Fotos



Foto 1: Voo de ida para Juazeiro do Norte (CE)

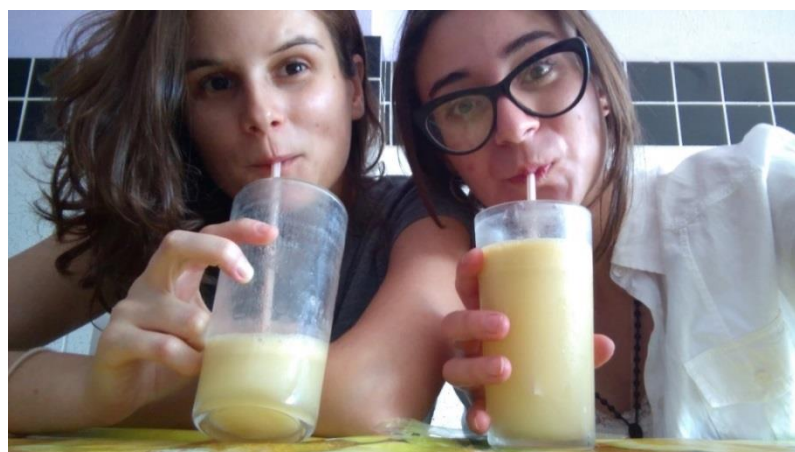


Foto 2: Almoço em Santana do Cariri (CE) - Suco de Caju



Foto 3: Entrevista com Regiopídio Gomes em Crato (CE)



Foto 4: Entrevista com um obreiro em Brejo Santo (CE)



Foto 5: Filmagens da obra em Brejo Santo (CE)



Foto 6: Canteiro de obras em Brejo Santo (CE)



Foto 7: Canal da transposição no trecho de Brejo Santo (CE)



Foto 8: Equipe de filmagem com o fiscal de obra e Nivaldo Pedroza



Foto 9: Entrevista na Vila Produtiva Rural Uri (PB)



Foto 10: Túnel da Transposição na Zona Rural de Cajazeiras (PB)



Foto 11: Casa da Zona Rural de Cajazeiras (PB)



Foto 12: Aleuda, moradora da Zona Rural de Cajazeiras (PB)



Foto 131: Filmagens na Zona Rural de Cajazeiras (PB)



Foto 14: Imagens na estátua do Padrinho Padre Cícero, em Juazeiro do Norte (CE)

7.2 Decupagem das entrevistas

4 de julho

Nome entrevistado: Renata Linard

Descrição: Estudante de jornalismo

Não sei se sou a favor da transposição. A abordagem que eu tô mais por dentro é a questão social, por conta do remanejamento das populações ribeirinhas. Eu sei que vai ter um prejuízo porque ali foi construída uma história, uma vivência. Principalmente a questão do desmatamento também. É mais essa abordagem que eu estou ciente. Os prós não são muito debatidos, pelo menos no ambiente que eu frequento, que é a faculdade. Então essa questão energética, a produtividade, quantos por cento vai aumentar, o que vai melhorar pro Brasil, isso eu tô por fora. Eu acredito que sim. Porque pelo menos ao meu ver tem outras formas menos agressivas à natureza pra produção de energia que são as formas alternativas, que são a eólica e a solar. Eu não sei se seria um aumento tão acentuado quanto no caso da transposição, mas ao meu ver são formas que não afetariam nem ao meio ambiente nem àquelas pessoas que vivem ali. Eu acredito que sim porque pelo menos onde eu vivo, que é o no Cariri, que chamam até de oásis, não tem muito essa questão de falta de água, de problema de energia. A gente não convive com isso. Claro que no Nordeste isso existe, mas eu acho que têm outras possibilidades mais inteligentes e menos agressivas para resolver essa questão. Com certeza não. A população não sabe. Eu tô pouco informada, então é difícil eu responder essa pergunta. Mas eu acho que a mídia em si se tivesse algum benefício pra essas pessoas estaria repercutindo mais. Então eu acho que não ta tendo adesão, cobertura midiática como a gente vê em outros temas, é porque não é tão benéfico nem pra quem tá investindo nem pra nós que vamos ser beneficiados. Não acho que a obra vai ser concluída. Nós temos o exemplo da obra da Sudene, que virou mais um elefante branco.

Nome entrevistado: Vicente de Paulo

Descrição: Professor de física pai de Renata

Sou a favor da transposição. É uma saída do governo sanar a escassez de água na região nordeste. Eu penso que o problema do Brasil, especificamente do semiárido, não é a escassez da água, é a gestão da água, o mau uso da água. É uma obra que mobiliza um capital muito grande impactante também sobre o rio que vai ser o mantenedor dessa obra. O cariri ta sendo privilegiado, ta passando aqui o cinturão das águas, (aí ele fala o nome de um monte de cidade). Se bem gerido, como às vezes não acontecesse no Brasil, das obras serem bem geridas, ela trará bastante benefício pra essa região. Assessoria técnica. A região do Nordeste ela tem um solo que é muito básico, algumas experiências de regação salinizaram o solo. E isso prova que o nosso problema não é a água. Aí ele começa a falar um monte de coisa sobre solo. Eu sou um aficionado na cultura regional e valorizo muito as riquezas turísticas que nós temos. Então se tiver uma boa gestão disso nós vamos poder captar cada vez mais pessoas pra visitar nossa região. Que tem um leque de oportunidades muito grande e que vem sendo esquecida em detrimento do investimento no litoral. O nordeste ainda é muito dividido entre sertão e litoral. Os grandes investimentos do setor de cultura e turístico estão no litoral e o sertão está à margem disso.

Nome entrevistado: Alexsandra Alves da Silva

Descrição: Moça da barraca do suco de laranja em Crato

Não sei nada sobre a transposição. Não sei o que é. Não tem falta de água aqui não, a gente tem fontes aqui. Não sou a favor da transposição.

Nome entrevistado: Cariri Soares de Lima

Descrição: Artesão que vendeu pulseira pra Iza

Não é a favor da transposição. Eu acho que tá sendo só lavagem de dinheiro mesmo porque tem um tempo que a galera tá trabalhando na transposição e a obra tá parada. Porque tá mudando o percurso do rio e com a natureza não se pode mexer. Então isso vai afetar a gente no futuro. As pessoas que moram na beira do rio estão preocupadas. Como eu sou artesão eu viajo muito então sempre estou em Juazeiro, na Bahia tô na beira do rio então a galera tá sempre comentando que tem medo do rio secar. Tem alguns lugares que o rio tá baixo, bastante baixo. No centro-oeste da Bahia já tá bastante baixo. Pessoas em Afogados, onde o rio chegou, a água lá é temporária. Então por exemplo, se a água chega de manhã a tarde não tem. Quando tem água, a galera que tem condições as pessoas abusam da água, ficam lavando carro. Isso é luxúria mesmo. O pessoal que tem grana vive melhor e não estão preocupados com a maioria. Essa água é do rio São Francisco mesmo. Afogado não tinha água o rio que passava lá secou. Complicado de falar, eu acho que os poços artesianos não são uma ideia legal porque também fere a natureza. Só Deus mesmo pra mandar chuva.

Nome entrevistado: José?????

Descrição: Criança querida

Que é a irrigação do Nordeste. Por causa que as pessoas pobres não tem água (não ouvi nada que ele disse). Acho que falta água por causa da seca. Tem que economizar o máximo de água que você tem. Quando eu tomo banho eu desligo a torneira quando tô me ensaboando, não fico gastando água a toa. EU NÃO CONSIGO OUVIR NADA QUE ELE FALA.

Nome entrevistado: Michele Queiroz

Descrição: Mulher do engenheiro da transposição.

Sim, sou a favor da transposição. O projeto da transposição é um projeto que vem há muito tempo sendo exposto não só na televisão mas também como eu moro aqui na região eu já tive a oportunidade de visitar algumas obras (Mauriti, Brejo Santo, Jati). Como eu moro na cidade do Crato e a transposição passa pela região, eu tive a oportunidade de visitar alguns trechos (Mauriti, Brejo Santo, Jati). Eu não sei se em outros locais, em outros trechos ela não funciona, mas aqui ela funciona. Além de ser um projeto que na minha opinião leva benefícios pra muitas pessoas. Aqui na região você pode até questionar não precisa, porque é uma região que tem muita influência de água, mas ela vai passar por aqui. Ela vai beneficiar? Vai. Mas ela vai passar por aqui pra ir pra outras regiões do trecho que são cidades, municípios, zona rural que realmente precisa. A gente vê sempre no Ceará, interior de Pernambuco, Piauí, Paraíba, tive a oportunidade de morar 5 anos na Paraíba e vi que realmente lá se faz necessário e uma forma de levar água pra essas pessoas. Porque realmente não tem. Não tem abastecimento por parte do município e eu acho importante sim. Por mais que seja um projeto do Governo Federal que a gente sabe que tem muitas coisas que são erradas, mas quando ela terminar, ela vai realmente vai beneficiar. Vai ser muito importante pra

essas pessoas que esperam. Na realidade a única forma de resolver seria muita chuva que isso é uma coisa que tá além da população, além daqui da Terra. Mas assim é uma forma que vai beneficiar. Eu já estudei um pouco sobre o projeto e 2% da água que iria pro mar é o que vai percorrer pra ajudar essas pessoas. Ou seja, 2% do rio São Francisco. Que é apenas isso que vai pra essa transposição, ou seja 2% vai beneficiar muitas famílias. Nem sempre, mas assim, as pessoas que precisam tem a esperança que dê certo. Elas esperam por isso. É muito sofrido a forma que elas esperam por água.

Nome entrevistado: Maria de Fátima da Silva

Descrição: Vendedora praça do giradouro em Juazeiro do Norte

Eu estive agora no rio São Francisco e eu vi e também conversei com muitas pessoas e as pessoas tudo triste. Por que? Porque o rio São Francisco vem secando, ele está bem abaixo da média. Se o rio vier a secar vai morrer muita gente de fome. Por que? Ao redor daquele rio tem muita roça, muita plantação, muita gente que vive daquele agricultura e se não houver socorro urgente isso vai acontecer e não demora. Nós aqui em Juazeiro, aqui no Cariri, nós estamos numa boa. Porque aqui no Cariri nós ainda temos chuvas. Vocês vão ver o que é muito drama na Paraíba, Cajazeiras, lá onde vocês vão. Lá sim é que vocês vão encontrar muita barbaridade. Aqui no Cariri a situação ainda está boa, na região da Paraíba, Cajazeiras, a situação tá feia.

5 de julho

Nome entrevistado: ?????

Descrição: Idosa Exu

A senhora já passou por muitas secas? Não. Seca maior que eu passei é essa mesmo que tá faltando água. Toda vida vinha de 15 em 15 dias, hoje não vem mais. Ou então vinha de 8 em 8 dias e agora não vem mais. É água do governo mesmo. De primeiro a gente botava de carroça, em casa. Ia buscar água no riacho. Agora lá só dá pro povo de lá mesmo. A água que vem pra cá é do rio São Francisco. Atrapalha que a gente não faz nada em casa sem água, tem que ir na casa de um e de outro pra pegar um bocadinho de água. Vou buscar na casa dos outros. Quando tem água na casa de um não tem na do outro e vai indo assim. AÍ A VELHA COMEÇA A DIZER QUE NÃO SABE DE NADA.

Nome entrevistado: Francisco Ferreira Lima

Descrição: Homem do cravo sinistro

Pra mim eu acho errado. Porque o abastecimento do São Francisco tá caindo muito e aí ele não tem o retorno como tem a vazão. Aí no caso vc tirando mais do que vc tá consumindo. Vc tá consumindo mais e não tá devolvendo mais. Daqui alguns dias, uns anos, se você não preservar (???) É só o que nós passa. Aqui vc vê um cano furado e a Copesa não chega em cima, não tem um representante. Passa três dias um cano solto, água vazando aí. Por que que não fecha? Então a falta de água é só porque fica vazando? Justamente a maioria é. Passa um dia e uma noite vazando. Com o que derrama dia e noite não dá pra abastecer um bairro desse? AÍ COMEÇA A FALAR UMAS COISAS NADA A VER.

Nome entrevistado: Maria Zuleide Feitosa

Descrição: Velhinha fofinha do olho trêmulo

Quando a água vinha da torneira ela era uma delícia, natural. Mas aí foi misturando com a do São Francisco, ela é boa, é uma água gostosa, mas a dificuldade é que vem só de 15 em 15 dias, de 12 em 12. Aí a gente tem que ter aquela água, pra fazer o de cumê, abrir a torneira bem devargazinho pra cair só um pingüinho pra lavar os prato. Aí a agente fica esperando que chegue outra água pra gente lavar roupa, pra fazer tudo. Agora porque a população exuense cresceu muito. Então se tem muitas casas e a águas é dividia pra muitas e muitas casas e se não fizer isso uns fica e outros fica sem. Aí tem que fazer a divisão da água que é pra agradar todo mundo pra ninguém ficar sem direto e assim a gnt continua a vida. A gente não fica muito muito tempo não. Porque a gente sempre economiza. Parou de chegar água a gente para de gastar. Sou a favor da transposição porque é um rio muito grande que abastece água pra todo canto porque imagina se não fosse um rio São Francisco. Pra lavar roupa a gnt espera chegar. Se não chegar a gente manda lavar nos açude ou nos sítio. Tem que pagar pra mandar lavar nesses lugares, mas é uma mixaria. Canso, né, mas vou fazer o que?

Nome entrevistado: Antônio José Leite

Descrição: moço fofo vesgo da vila rual

Eu sou a favor sim. Porque quando tá numa época de chuva sobra água do São Francisco. No momento se for continuar o tempo como tá, eu seria contra. Mas como a gente tem fé que vai chover mais, em todo o Brasil vai melhorar as represa tudo aí, então eu sou à favor. Olha, realmente a gente sabe pouco. Porque o que a gente sabe é pelas reportagens e pelo jornal, então a gnt sabe pouco. Aqui quando tinha bastante água pelo São Francisco chegada água toda semana, agora só ta chegando uma vez por mês. Aí a gente enche os tanque e quando seca tem que comprar os carro pipa. 3500 litros vale 40 reais. Pesa muito no orçamento. Porque pra essa semana já não vai dar, se chegar daqui pra sábado beleza, mas se não chegar tem que comprar. Isso aí é pra tomar banho, pra lavar tudo. A gente colocou uma bacia no banheiro a água do chuveiro cai na bacia e aquela água a gnt joga na privada, ali já vai ter outra utilidade, pra economizar um pouco. Plantar a gnt até plantou, o problema é que a chuva faltou. Além da chuva deu uma praga de lagarta que foi assim de 3 ou 4 dias e não deu tempo nem de passar veneno. Aí como choveu pouco a gente nem plantou de novo. Se vocês passarem aí vai ser difícil ver alguma roça. Não, água pra irrigar não dá não. A gente vai se virando do jeito que pode, como dá pra ir. Vai ganhando um pouquinho e sustentando a família. Não dá pra botar nada na poupança, mas pelo menos a gente tá pagando as nossas dívidas e graças a Deus tá dando. Mas é um sufoco, viu? Essa água aí é do esgoto dos banheiros. Aqui tem água encanada, mas chega 1 vês por mês. Mas tem que dar graças a Deus porque se não chegasse seria bem pior. Olha, no momento eu não sei nem te explicar. Porque a gente sabe que água muita mesmo seria do rio, mas o rio também tá bastante baixo, quase seco. Segundo cientista essa ??? tem um monte de lençol freático, agora não sei como vão estudar pra explorar essa água. Eu acho que é até verdade mesmo porque tem muita nascente nesse pé de serra do Ceará todinho. Agora como explorar, não sei ainda. Porque tem poço artesiano, mas são quase 100% de água salobra. Dá pra banhar, lavar, até pra cozinhar, agora pra beber não dá porque ela é muito salgada. Aí seria uma maravilha, né? Água a todo instante, seria bom demais. Podia até pensar em plantar uma horta, alguma coisa. Porque as terras aqui são boas, viu? O que falta é água. Se vier pra cá eu acho que vai. Porque a gente vê pelas reportagens que é mais pra Paraíba, Ceará. Pra irrigação eu acho difícil. Vem pro

consumo, mas pra irrigação não. Eu até fui várias vezes, mas a saudade é tão grande que eu voltei. Fui em busca não só dá água, mas de uma vida melhor também.

Nome entrevistado: Plácido Cidade Nuvens

Descrição: criador do museu de arquivologia

Fala que é à favor da transposição e que ela pode dar uma tranquilidade. Explica que o que se sabe é o que é divulgado na mídia. Fala também que tem que pensar em revigorar o rio porque a demanda é muito grande.

Nome entrevistado: Antônio Feitosa Alencar

Descrição: motorista caminhão pipa

fala que trabalha pro exército, diz que enche 93 vezes o caminhão pipa e o que ele mais vê é desperdício de água.

6 de julho

Nome entrevistado: Regiopídio Gonçalves Lacerda

Descrição: o Regiopídio que a gente já conhece, né?

Não é a favor da transposição. Do jeito que tá sendo colocada como uma engrenagem da indústria da seca. Porque ela permanece como o estado tentando dar uma reposta de combate à seca e não de convivência com ela. Esses recursos poderiam ser muito melhores aproveitados se fossem direcionados ou pulverizados pelo semiárido como um todo. Não precisava. A região do Cariri tem uma situação extremamente privilegiada em relação ao semiárido. Vc tem a Chapada do Araripe, a área das fontes, mais de 240 fontes do lado do Ceará, tem um lençol freático que daria pra fazer esse abastecimento sem fazer as obras da transposição. De certa forma acaba desestruturando a questão do lugar em si, as desapropriações com a mudança da estrutura local e acaba de certa forma desestruturando as comunidades que já vivem há muito tempo com essa questão do semiárido, com a convivência coma seca. Então as alternativas que nós teríamos socialmente mais viáveis elas seriam muito mais bem colocadas se fossem com a pulverização desses recursos e não com a estruturação de uma grande obra. A gente tem um exemplo no Ceará do Canal da Integração onde foi construído o açude do Castanhão. São 6,4 milhões de metros cúbicos de água. Foi um açude que já conseguiu transbordar, que já sangrou em 2007. Efetivamente ele funciona para o abastecimento da capital Ai vc tem uma inversão da lógica. A água do sertão que é armazenada no sertão é levada até a capital. Hoje a região metropolitana de Fortaleza consome 11 metros cúbicos por segundo, 11 mil litros d'água por segundo. E essa água sai basicamente do sistema do Castanhão até a estação de tratamento do Gavião pro abastecimento da região metropolitana. Enquanto isso algumas áreas do sertão sofrem com a seca e com as consequências dela. O privilégio maior é pra região metropolitana. É uma inversão de lógica. A questão social fica de lado. As obras de convivência com o semiárido são extremamente prejudicadas. ELE FALA UMA HORA QUE TEM UM FUCKING CARRO DE SOM NA PRAÇA E AÍ FODE O ÁUDIO PQ NÃO TAVA GRAVANDO NO GRAVADOR. Coma experiência que já se tem, não. A transposição seria a continuação dessa lógica que já se viu antes (fala de 2 açudes, um deles inclusive que foi obra do Dnocs). Em alguns locais foi colocado o programa de cisternas, que era exatamente pra dar o suporte e água limpa pro consumo diário. E isso transforma a

relação que esse pessoal tem com o local e com eles mesmo. É a questão de dar dignidade. É a questão de dar um suporte necessário de dar condições mínimas de sobrevivência e aí tiraria a preocupação maior. A grande questão são as migrações que continuam, agora não mais como um êxodo rural intenso até porque sobrou pouca gente no campo, mas com o aumento sistemático nas periferias inclusive nas cidades pequenas. Você vai andar nas cidades pequenas do interior do Nordeste e você vai encontrar cidades com favelização e aí eu volto a falar em na necessidade em saneamento básico, pavimentação de ruas, abertura de creches e escolas, aumentando a conta pública por conta de um problema que não foi resolvido na raiz. Então o acesso à água, principalmente ao consumo diário daria uma ideia de dignidade porque seria um acesso a um direito básico. E a desencadearia em uma estrutura de fixação do homem na terra. [CONTINUAÇÃO NO VÍDEO _DSC0004] A gente tem no caso do Crato, a Companhia de Água do Crato, e a grande preocupação e a grande reclamação dos usuários é em relação à isso. Então você uma água de excelente qualidade saindo das fontes e que chega uma água de qualidade mais baixas na torneira devido a essa falta de infraestrutura. O grande problema daqui é a ausência de saneamento básico. Então você recebe uma água muito boa e devolve uma água muito suja que não vai passar por tratamento algum. Vc teria aqui a possibilidade de ter novos desenvolvimentos em outras áreas relacionadas ao uso da água, mas que não tem por conta dessa ausência de saneamento básico. Nas cidades de Crato e Juazeiro e Barbalha, onde tem a companhia do estado, foi feito um programa de saneamento e aí barrou o custo A água não fica armazenada, você pagaria pela água que entra AÍ FALA UMAS COISAS QUE NÃO CONSIGO OUVIR. E isso encontrou uma resistência muito grande dos próprios moradores. Então quando mexe coma questão do valor pelo serviço acaba criando entraves pra essa questão do saneamento. A infraestrutura não é colocada de forma adequada e o tratamento posterior dessa água. Esse talvez seja o grande problema. O problema mais grave aqui da região do Cariri é na cidade de Campos Sales. Existia um açude que barrava alguns rios e a maior parte desses rios era temporário, termitentes, eles armazenavam água no período das chuvas e abasteciam na época da seca. Só que a água do esgoto tava indo pros mesmos rios que abasteciam o açude. Com as secas sucessivas, o volume de água diminuiu e o volume de água suja continua o mesmo. Hoje esse açude está completamente inadequado ao uso.

7 de julho

Nome entrevistado: Francisco de Souza

Descrição: topógrafo trabalha no trecho da obra em Brejo Santo

Fala que é a favor da obra e que o trecho em Brejo Santo deu emprego a muitas pessoas. Fala também que quando a obra acabar várias pessoas da cidade vão ficar desempregadas. Explica que o trecho de Brejo Santo ficou parado por uns 4 meses por falta de repasse de verba.

Nome entrevistado: Aline Maria Andrea Pereira

Descrição: moça da lanchonete da obra

É a favor. Traz muitos benefícios, como agora mesmo. Antes não tinha trabalho, e agora já tem. Porque o pessoal daqui não tinha por onde trabalhar, porque roça não tava dando mais nada. Aí a partir da transposição as pessoas arranjaram mais trabalho, tanto é que vem pessoas de outros lugares trabalhar aqui. Porque o inverno tava muito fraco. Pouca

chuva. Na colheita a gente tirava quase nada e as vezes quando tirava era muito pouco. Porque o inverno não era bom. Tem muito pessoal que saia daqui pra trabalhar fora. Muitos iam pra São Paulo, Minas, pra colheita de café e de laranja. Iam caçar trabalho fora e agora não. Já melhorou, cada vez mais tá melhorando. Assim, a gente tinha água de um poço ali que ia buscar, mas agora não precisa mais porque tem água encanada. Mas antes era muito ruim, não tinha água. Também tinha uma cacimba ali que a gente se deslocava daqui pra ir buscar água lá. Muito longe mesmo. Pra lavar roupa a gente ia pra lá. Mulher, pra mim mudou muito. Eu mesmo trabalhava na cidade porque aqui não tinha como trabalhar. Eu trabalhei em casa de família. Eu cuidava de babá do menino, saí e fui trabalhar numa loja. Meu irmão ajudava na lanchonete porque tinha pouco movimento. A transposição favoreceu no trabalho pra ele porque ele entrou lá e aí eu vim pra cá ajudar pai. Aí favoreceu muito. Graças a Deus e à transposição a gente construiu essa casa. Porque a gente só sonhava. Desde que veio a gente conseguiu. Se não tivesse aí como é que a gente ia conseguir? Porque a lanchonete sempre tem movimento. Os peão tão sempre comprando uma coisa aqui outra ali. Graças a Deus a gente construiu essa casa aqui com a transposição. Porque se não fosse a transposição não tinha movimento. Tanto é que quando tem um feriado aqui fraca muito, porque os meninos vão pra casa, né? Mulher, eu acho que tá com 2 anos que essa empresa tá aqui. A partir daí nossa vida melhorou muito, melhorou 100%. AÍ ELA FALA QUE JÁ TINHA ÁGUA MESMO ANTES DA TRANPOSIÇÃO. É porque a gente vê muita coisa passando assim que tá faltando água. E a obra aqui tá quase pronta. Eu acho que essa transposição vai à frente, porque senão não teria tanta movimentação. AÍ ELA FALA UMAS COISAS ALEATÓRIAS DA ÁGUA NA CASA DELA. Eu acho que essa transposição vai ser boa não só pra mim, mas pra todo mundo. Porque ninguém vive sem água. Às vezes falta energia elétrica, mas sem água é ruim demais ficar sem. NO FINAL DO VÍDEO ELA FALA “TEM GENTE QUE ACHA QUE ISSO NÃO VAI PRA FRENTE, MAS EU ACHO QUE VAI SIM”.

8 de julho

Nome entrevistado: Cícera Francisca dos Santos Silva e Janaína

Descrição: mulher vila produtiva Salgueiro

São à favor. Mudou muita coisa. Só essa firma que tá aqui do lado e que empregou quase todo mundo é um milagre. Porque a maioria das pessoas morava no outro Uri e no outro Uri não tinha emprego, trabalhavam quebrando pedra. E depois que a gente pra cá as coisas melhoraram 100%. Foi o governo, aqui foi Lula. A transposição passou lá onde a gente morava, no Uri de baixo, eles passaram lá e deram um tempo pra gente desocupar as casas de lá porque eles iam passar as máquinas, a gente morou 4 meses na cidade de salgueiro aí 4 meses foi entregue aqui. Então no dia 15 de dezembro de 2011 a gente veio pra cá. Meu marido não trabalha na obra. A saúde, pra quem tem fazenda e plantação, vai melhorando mais as coisas. Outra coisa que eu queria falar. Melhorou muito aqui que quando a gente morava no outro Uri não tinha posto médico, era longe da cidade e hoje tem. Tem associação dos moradores, escola e atividade também. Aqui começou agora há um mês a zumba. E tem também caminhada na pracinha, a gente tem um pracinha e a gente faz uma caminhada pra perder uns quilinhos. Quando foi entregue foram entregues 45 casas, hoje tem mais, não faço nem ideia. Porque vão chegando as famílias, os parentes e filhos e construindo casa. Lá tinha água encanada, mas não era tratada. Aqui a água já vem tratada. Mudou. Porque não tem mais aquela

preocupação de procurar cloro pra colocar na água, a água já vem tratada e vem uma água maravilhosa pra nós. Aqui é razoável, tem tempo que chove, tem tempo que fica seco. A gente não tá achando que ninguém atrapalha não. Eu acho que ajuda bastante, principalmente pra quem tem fazenda, criação, plantação e essas coisas. Da vizinhança, a maioria trabalha nessa firma. E vem gente de fora também. Antes eles trabalhavam com pedra. A maioria que eu conheço, a gente tudo morava no Uri de baixo, trabalhava com pedra. Quando a água passar aqui, aí é que vai ser bom. O que é bom vai melhorar. Vai ter os lotinho de gado e a gente pode plantar frutas, verduras e viver daquilo. Tá andando. Acho que daqui pra 2017 ela será entregue. Eu imagino assim. Já imaginou uma irrigação cheia de verdura. Você plantar todo tipo de verdura, Você plantar todo tipo de verdura e você colher e você vender e não precisar ir pro mercado. Tinha tempo que a água vinha como um barro, aquela água muito barrenta. Aí demorava aquela água assentar pra gente colocar aquela água no filtro. A gente colocava o cloro. Tinha uma agente de saúde muito maravilhosa que ensinava a gente e a gente colocava a quantidade que ela ensinava. Aí demorava duas horas essa água, na minha casa eu fazia isso. Ai depois de duas horas é que bebia. Hoje a água já vem tratada. Essa caixa era a caixa da casa, pra todas as torneiras. Mas no começo que eu cheguei aqui a água não chegava na minha casa. Eu passei 6 meses carregando água na cabeça da vizinhança. Porque a água não vinha. A minha casa é a primeira, mas era a última que chegava água. A água chega naquele cano ali, aí tem que emendar os canos pra ela chegar nessa caixa. Aí daqui eu levo lá pra dentro. Aqui pra tomar banho é na cuia. [CONTINUA NO VÍDEO _DSC0003] Eu tenho esperança que um dia meu chuveiro vai funcionar. Sim, que vai ter bastante. Por agora é o pipa que abastece aquela caixa. Ela é pra 45 famílias, mas tem muito mais famílias agora. Aumentou muito mais.

Nome entrevistado: Expedita

Descrição: monossilábica da cadeira de balanço

Fala que falta água e que tem que comprar caminhão pipa. Compra um pipa pra dois meses e gasta R\$140. O governo dá ajuda financeira de mil e poucos reais. Vão parar de receber o dinheiro quando ganharem as terras. As terras são pra criação e/ou plantação. Acha que quando a obra ficar pronta vai melhorar a situação deles. Falou que teve um dia que não tinha água nem pra beber e que o Ministério passou distribuindo água.

Nome entrevistado: Valquiene Bernadino de Souza

Descrição: Preta

Mais ou menos, não sou tão a favor não. Por conta que o rio tá muito sofrido, principalmente nessa época que tá muito seco. Se ver que não vai prejudicar, eu sou à favor. Porque tem outras pessoas que estão precisando dessa água. Mas se realmente ele tá tão sofrido, podia esperar um pouco. Porque no caso que ele ta hoje, talvez ele não suporte sair transferindo água pra tantos cantos. As pessoas falam que vai sair mais do mar que não vai prejudicar. Mas se realmente as partes que tinham tanta água já estão sentindo, porque que no futuro não pode prejudicar. Não sou contra, mas tem que trabalhar bem o rio pra ver se ele vai suportar esse tanto de água que querem tirar. Porque também não vai trazer só prejuízo, vai trazer benefícios também. Mas tem que primeiro tratar do rio, das nascentes. Porque as pessoas acordaram agora, não pra trás. Mas tão vendo agora que o São Francisco tá sofrido. A transposição nesse momento seria um pouco arriscado. Não dá pra dizer que ia secar total, mas precisa ser mais protegido e mais cuidado. Quando a gente veio morar aqui, prometeram que ia ter água suficiente

pro gasto. FALA DA FALTA DE UNIÃO DA COMUNIDADE. Tá sendo difícil morar aqui. Porque a água ta sendo pouca. Outros pegando um pouco, outros não pegam nada. Tem que comprar água particular porque não dá pra limpar as coisas. Aí todo mês quem quiser tem que comprar água. Porque os moradores mesmo não têm união. É porque aqui são muitas casas, são 45 casas com famílias e fora o que já aumentou. Acho que aqui já tem umas 65 famílias. Se fosse certinho dava, mas tem gente que não tem consciência. Eu acho que vai ficando o problema cada vez mais. Porque onde a gente morava tinha pouca água, mas nem tanto como aqui porque lá tinha todo dia. Aqui é só 3 vezes por semana e 1 hora ou 1 hora e meia caindo na torneira. Aí eu compro pra inteirar todos os meses porque senão não limpa casa, não tem como lavar uma casa. Por enquanto tá cumprindo com o compromisso deles, de colocar água na caixa que vem pras casas. Só que a questão é a falta de consciência e de falta de respeito com o outro. Eles prometeram colocar um depósito de água, uma caixa. E o que? 4 anos e 7 meses e até agora nada. Porque eles nem terminam o que prometeram, que era essa caixa maior e uma ligação talvez até melhor pro morador, se eles colocassem a caixa que eles prometeram ia melhorar mais. Todo dia não ia ter água, claro que com a crise que tá o Brasil. Mas ia ter água o dia inteiro, outro dia não. Ia ser uma água normalizada como tem na rua. Falta e tem que fazer economia. Acho que não ta tendo respeito com o morador. Se tratar o rio aonde ele tá acabando de morrer e acordar ele de novo, que não é a palavra certa, mas vamos dizer, pra minar mais água nas nascentes, criar mais. E onde tiver uma nascente com bastante sujeira, fazer a limpeza pode ser feita a transposição. Principalmente pra gente que tá aqui desde o início. Vai ser uma benção por um lado. Já falando da parte dos benefícios, vai trazer mais emprego pra parte da agricultura, a gente que tá parado vai passar a trabalhar mais. Porque a gente tá parado aqui porque não tem o que trabalhar aqui. A roça é pouca e inverno não ta tendo. E a água irrigada vai trazer mais benefícios e mais benefícios lá pro lado do Ceará que tem gente que tá morrendo de sede mesmo. Aí nós acha aqui que estamos sofridos, mas eles lá na frente estão precisando mais. Aí é o que eu digo, se tratar do rio, as pessoas passarem a ter consciência, claro que aqui no Nordeste a transposição vai ser boa. Mas pra isso as pessoas que trabalham nessa área precisam tomar uma providência agora, não é só fazer uma obra desse tamanho. Que vai ter muito prejuízo, mas se tratar eu acho que vai ser um benefício aqui pro Nordeste, muito emprego. Eu acho que deve dar o maior valor do mundo porque água é vida. Eu digo isso porque eu tô sentindo o que é amanhecer o dia e não ter água pra nada. Tem que zelar, fazer o impossível pra fazer economia. Se tá lavando com um carro é lavar com um balde e não com torneira, tomar banho com menos água. Tudo que usar hoje tem que usar mais a consciência mesmo. Porque se não a gente vai chegar ao ponto de que não vai ter mais água no planeta não. Está acabando e é uma realidade. Não só aqui no Nordeste, até pro lado do Sul mesmo. Quem imaginaria ver vocês... Aí saí né, que eu não tenho vergonha, nas cisterna de um e de outro pegando balde d'água. E o que acontece? Atrai mais doença pra gente, porque é sufoco. E só faz isso mesmo quem é nordestino, quem tem coragem de amanhecer o dia, pegar o balde, sem herança e sem destino. Caçando um balde, dois, três, é o dia todo. Os governo, presidente, tudo que tiver, tomar uma providência. Às vezes se não for uma água bem tratada pode pegar uma bactéria, né? Vai em açude, a gente pega água onde tem. Sempre tem água pra beber. AÍ FALA QUE QUANDO A ÁGUA DO SÃO FRANCISCO CHEGAR VAI SER BOM PQ VAI PODER TRABALHAR, PLANTAR ETC. SEM ÁGUA NÃO DÁ PRA FAZER NADA DISSO. [CONTINUA NO VÍDEO _DSC0031]. Aqui tá melhor. A escola é mais perto, o posto de saúde não tá funcionando lá essas coisas porque a saúde tá uma vergonha no Brasil, uma fraqueza muito grande. Os médicos vem, meio fraco mas vem. Não que a gente

esteja bem de vida, mas melhorou mais um pouco. A gente hoje vive numa casinha melhor, a gente tem uma vida mais balanceada. Mas não tá perfeito ainda não. Pras pessoas que tem água todos os dias na torneira que dê valor à essa água hoje, pra amanhã não fazer falta. E que é um bem muito sagrado a água. Porque água é vida, né?

Nome entrevistado: Ronaldo Gomes da Silva Santos

Descrição: agricultor na beira do São Francisco

Não. Totalmente não. Porque essa crise hídrica não ta sendo só brasileira, tá sendo mundial. No meu ponto de vista a tendência é só piorar. Aí tira essa transposição para outros estados, chega esse rio a ficar sem poder mandar água pra lá. O que é que acontece? Vai ter a história da guerra. Eu penso até nisso numa guerra entre estados por conta de água. Porque dizem que essa água vai beneficiar os pobres. Eu já acho isso mentira. Vai beneficiar só os ricos, grandes empresas. O pobre mesmo não vai se beneficiar dessa água. É o meu ponto de vista. Pode ser que eu esteja enganado. O rio tá abandonado. As espécies antigamente meu pai dizia que colocava isca para surubim, um peixe da carne muito saborosa. Hoje em dia desapareceu. Você comer surubim só se for em cativeiro. Não existe mais por conta das barragens os peixes não tem mais como subir pra desovar. Afetou o rio 100%. E também o desmatamento na beira do rio. O que tá matando o rio é o desmatamento. Não tem controle, não tem fiscalização e a tendência é só piorando, piorando. A mata nativa mesmo do rio não existe mais, só se for lá na Serra da Canastra porque aqui mesmo não existe mais. Muita poluição. De Minas pra cá o tanto de esgoto que joga aqui dentro desse rio. Esse rio aqui é um guerreiro. De Minas pra cá quantas cidades não tem jogando esgoto aqui dentro? Posto de gasolina, hospital, acho que até indústria joga produto químico aqui dentro não tem fiscalização nenhuma. No mínimo aqui uns 20 anos pra pensar em transposição. Não sei se recuperava em 20 anos não. Não ia ter como recuperar porque gasta muito e isso não é interessante pra política. No momento não tá atrapalhando tanto ainda. Petrolina, essas cidades que tem mais irrigação é que tá dificultando um pouco mais. Tem local que tinha 5 molhação por semana e tá tendo 3 molhação por semana. Navegação vai ficar inviável. Não tem como a gente navegar mais. Porque se o rio baixar mais 1 metro, um metro e meio não tem mais como navegar aqui. Como é que a gente vai escoar a produção? Eu moro numa ilha e aí vai afetar 100%. Vai chegar um momento que a gente não vai mais ter como escoar a produção. Porque se o rio baixar mais não tem como. A gente trabalha com manga. Se secar mais não vai ter como a gente escoar a produção, vai ficar inviável. Belém de São Francisco acho que é uma das cidades que mais tem arquipélago no Brasil. 50 e poucas ilhas, quase 60 ilhas. Não tem nada de investimento pra gente, a gente fica abandonado aí. Quem tem um barco escoar, quem não tem tem que pagar frete. Já trabalhei com um rapaz da Bélgica e ele falou “Ronaldo, se isso fosse lá, era ponte ligando uma ilha a outra”. Não tem investimento nenhum pra gente, a gente é abandonado aí. A única renda que a gente tem é o rio. Se o rio seca não tem como a gente escoar a produção e aí como é que a gente fica? Como é que o pequeno produtor fica? No meu ponto de vista a transposição só foi um meio de desviar dinheiro. Pra ter como desviar dinheiro tem que inventar uma obra, certo? Tem que inventar um hospital, uma estrada. Isso acho que não vai sair do papel não. Tá praticamente quase pronto, mas acho que isso aí foi só uma forma de desviar dinheiro. Igual a refinaria de Recife. 90% das pessoas que eu conheço são contra essa transposição. Tem outras formas deles ajudarem. Se os estados do Rio Grande do Norte, do Ceará até hoje sobreviveram sem transposição tinha outras formas. Investir em barragem. Pra mim isso aí só foi forma de desviar dinheiro. As pessoas que acham que o governo tá fazendo uma coisa certa,

venha conhecer o rio São Francisco, a situação que o rio São Francisco tá atualmente. Não tem condição de ter essa transposição. É uma coisa que não tem condição. É inviável isso aí. O rio tá arquejando. Aqui a gente que fica mais pra cima, não tá tanto o sofrimento. Mas quem tá em Alagoas, tá sofrendo muito. Diz que Alagoas mandava arroz pro Rio de Janeiro, agora tão mandando arroz pra lá. Porque não tem como produzir mais. As lagoas aqui enchem tudo, hoje tão tudo seca, nunca mais encheram. E aí vai afetar diretamente eles, a gente nem tanto. Mas quem fica mais pra baixo vão sofrer mais. O mar tá entrando pra dentro do rio, tá matando os peixes. A água tá ficando salgada. Bem antes da transposição já tá afetando, imagina com a transposição. Porque parece que é 5 de fundura, 5 de fundura é quase a perna de um rio. Inviável, isso aí não tem condição. No meu ponto de vista tem que pensar mais em revitalizar o rio. Os esgotos estão tudo abandonado. Os esgotos tinham que ser tudo tratado. Isso era pra ser feito há muito tempo, mesmo sem transposição. Quantas cidades não tem até chegar em Penedo, quantos esgotos jogados sem tratamento nenhuma. As doenças que as crianças pegam aqui é de esgoto de hospital que cai aqui dentro.

9 de julho

Nome entrevistado: Maria de Fátima Soares da Silva

Descrição: Mulher da família que vive na beira da estrada

Abastecimento de água aqui é um pipa. Todo mês é um pipa d'água. Mas dá. É água que vem do exército. É pra beber e cozinhar e do poço eu boto água pra nós tomar banho, pra bicho beber. Todo dia eu vou buscar lá. Lavar roupa tbm. Pq minha fia se não buscar lá não dá não. Pq o exército diz que água é só pra cozinhar e beber e naturalmente é o que dá que é 30 dias uma carrada de água. Eu vou buscar na cabeça. No dia de lavar roupa eu pago um neto aí ele vai me ajudar, boto uma vasilhas naquela calçada ali aí encho as vasilhas pra poder lavar. Mas sendo só pra casa eu me levanto bem cedinho e boto 6, 8 baldes água. Depende do quanto precisar. Eu boto até 10 por dia. Boto bem cedinho, encho as vasilhas aí fico gastando. Mas todo dia eu tenho que buscar. Eu não, nós tudinho aqui. Nós se serve daquela água do pocinho ali. Porque a água que eles botam aqui eles recomendam que é só pra beber e cozinhar. Aí quando um vizinho não pega água e precisa de uma lata d'água pra beber ou cozinhar a gente dá. Vem buscar e não é pra negar e a gnt não nega não tem que dar. Aquela vizinha ali mesmo não pega água mas ela vem buscar água aqui. Aqui nunca teve água encanada a gente pelejou toda vida, mas nunca trouxeram pra cá. Se um dia eu tivesse água em casa pra mim era tudo porque eu sou doente, meu marido é doente, a gnt não pode ficar carregando água. E se eu tivesse água era bom demais, pelo menos ajudava demais. Mas aqui nunca teve não. Esse tempo todinho. e hoje ainda tem um pocinho ao redor, o caminhão pipa de primeiro a gnt botava as caçimba lá da lagoa preta, lá do outro lado, na lagoa preta. aqui não tinha água de jeito nenhum. Tudo no mundo aqui é difícil não sei como é que pode uma coisa dessa não. Hoje em dia tem essa cisterna que o governo deu, tem bolsa família. Mas de primeiro prefeito nunca facilitou nada praqui não. Os outros sítios tem umas casas que vem tudo, mas aqui nunca chegou essas casas que o povo faz aí pelos outros sítios. Nunca ouvi falar da transposição do rio são francisco. Nunca vieram falar nada aqui não. Era muito diferente, né? A pessoa doente pra estar carregando água tem hora que falta água, a pessoa não pode buscar e fica se agonizando. Um tempo seco sem água é ruim demais. Se tivesse uma água direto praqui ia ser bom demais. Não penso em mudar daqui porque não tenho pra onde ir. Pra gente sair pra fora pra alugar casa não tem dinheiro não. Então aqui nós mora. Nós não mora no que é

nosso, mas pelo menos não paga aluguel. Gente, tem muito cuidado com a água, porque água é muito importante. Não destrói não. Tem cuidado porque pensa naquele que precisa de uma água em casa e não tem. Tem mt gente que destrói água não sabe como é. Não dá valor. Esse povo que tem água encanada em casa que destrói é pq não dá valor. E a pessoa que souber dar valor, dê valor à sua água. Dê valor ter água em casa porque é bom demais. Eu já sofri tanto por falta d'água que quando eu vejo a pessoa com água em casa destruindo eu tenho dó. Eu me sinto com aquilo porque não pode não é ruim demais. Cê sabe que (o dia comer fartando) é outra coisa diferente da água. Que água a gnt não vive sem água pra nada desse mundo. Nada desse mundo ninguém faz sem água. Precisa de água pra tudo. Já minha filha, mas não é bom não. Não é de jeito nenhum. Já teve dia deu amanhecer o dia doente e quando acabar não ter ninguém pra botar a água e eu sem água teve dia que eu tive que dar bolacha seca pros menino comer pq não tinha água pra fazer comida. Por isso que eu digo que não é bom de jeito nenhum. Ficava dia sem lavar roupa pq não tinha água de jeito nenhum, em canto nenhum. É ruim demais. Teve tempo das caçimba da lagoa preta secava a gnt botava águará e as caçimba secava. Aí a gente fazia o quê? Ia lá prum açude perto da rua e ia lá prum açude perto daquele posto. Quando tinha e quando secava não tinha pra onde ir não. Acabou-se os açude. Acabou-se, não tem mais água aqui não. A gnt vê as proposta dos homens na TV, no jornal e a gente fica com a fé de que um dia vai mudar. A esperança da gente é enquanto ouvir esperança. Se mudasse era bom demais. A gente tem esperança. Eu sei que esse sítio nosso é seco, o povo bem novinho se formando e indo pro mundo, deixando o lugar. Pq? Pq não tem serviço pra ficar. Não tem serviço e fica pouquinho gente. O povo é obrigado a se desabar tudo pro mundo pra trabalhar. Se aparecesse uma água que desse certo pras pessoas trabalhar. O povo gosta demais do lugar. Em compensação, seco desse jeito, não tem condição. Não pode plantar muito não. Uns vai pra SP, outros pra MG, nas plantaçaõ de café.

10 de julho

Nome entrevistado: José Cícero Góis

Descrição: líder comunitário

Em 2010 a gente tomou conhecimento de empresas diferentes aqui na comunidade pelo georeferenciamento das terras. Com a vinda dessa empresa a gente foi surpreendido por uma empresa VBA com seus trabalhadores adentrando os quintais e as propriedades sem identificação e sem pedir autorização. Era praticamente invasão mesmo porque eles chegavam já saíam cortando atrás das casas e sem dar nenhuma explicação pra quê e pra quem. Com essas invasões a gente buscou as informações e a gente viu que seria o canal que ia receber água do eixo da transposição do São Francisco e que ia passar esse canal aqui, chamado de Cinturão de Água do Ceará. Tiveram várias invasões e várias agressões psicológicas. Por exemplo, aqui numa propriedade quando o camarada chegou com o trator ele nem pediu pra tirar a cerca ela já bateu na cerca e tirou e a gente tem isso em foto e tem a discussão com a gente. E ele disse que era serviço do governo a gente pode fazer porque é do governo. Foi aí onde a gente buscou o apoio do Ministério Público e da Defensoria. E a gente vê que essa obra é pura e simplesmente para atender o agronegócio, o foco é o agronegócio. O Cariri tá em expansão, é a bola da vez. Foi transformado em região metropolitana, então não precisa mais de intervenção da prefeitura e o governo do estado pode intervir a hora que quiser porque é região metropolitana. Ele achou por bem passar com esse cinturão d'água por aqui que

vai levar água até o Castanhão, porque Fortaleza hoje é inchada e não suporta mais água e vão se utilizar com essa água também. E nós corremos risco de perder a água de subsolo que a gente tem por conta da impermeabilização do solo. É outra preocupação grande da gente. Tem várias formas e são apontadas por grandes estudiosos. Como pequenos açudes, barragem subterrânea e até a utilização racional do subsolo ela é capaz de suprir. O problema de água no Ceará é principalmente no Cariri é de gestão. Porque temos de exemplo aqui o açude Umari ele era de uma grande vazão. Mas no período da seca ele fica com as comportas abertas para atender criadores de búfalo, abaixo da margem do açude. Temos também um grande açude, que é o açude dos Carneiros, que bem gerenciado ele tem água suficiente para pequenas plantações, abastecimento humano e animal também. Temos vários açimbões aqui que o canal vai margear eles e a gente corre o risco de perder essa água. Água aqui no Baixo das Palmeiras não é problema. Prova é que as nascentes do Crato jorram em cima da terra, se predem e não são aproveitadas. Ela tinha outros caminhos, como por exemplo de bombeamento. Mas eles querem por que querem que essa água seja transportada por gravidade. Ela vai passar aqui por gravidade. Aí por diminuição de gasto a alternativa que eles insistem é essa. Mas foram estudadas outras alternativas. A comunidade vai ficar dividida. Pra eu ver o meu vizinho da esquerda eu vou ter que andar léguas porque ele vai ser obrigado a sair daqui porque as terras daqui hoje a especulação está grande, inflacionou muito. Aí a gente vai perder parte da cultura. AÍ FALA DE UMA TIA DELE NADA A VER. Se não houver um estudo adequado pra cá garantindo essa água nós corremos o risco de perder ela. Inclusive aqui nós temos um posto, talvez ele não morra porque ele está a 100 metros. Agora uma açimba que tem logo ali, que tem 2 metros de fundura, ela corre o risco de secar porque o canal vai ser mais fundo do que ela, vai impermeabilizar essa água não vai mais passar pra ela. Então é risco que não sai da cabeça da gente. E também já é uma coisa que a gente negocia é a garantia dessas águas. Porque essa água que vem é em sistema de outorga. E para eu ter uma outorga de água eu tenho que ter uma demanda de tantos funcionários e o que eu vou produzir. E as comunidades aqui são todas partidas de herança. Eles não vão dar concessão a cada um desses herdeiros. Eles vão dar concessão a grandes proprietários, a quem vai produzir muito e a quem vai dar muito emprego. E mesmo porque essa água que vem é água bruta, contaminada já, água pesada. Porque ela já tá vindo de um perímetro irrigado. Ela não vai passar por nenhum processo de tratamento. O único processo de tratamento que ela vai ter é porque são 6 barragens, onde uma delas é para decantação. Não vai ser clorificada, não vai ser purificada não. Ela vai passar pesada aqui. O resto de agrotóxico, resto de hospital. Nesse rio São Francisco vários esgotos caem nele, de cidade e de hospitais e não existe um tratamento adequado para essas águas. A nossa água aqui é perfeita. [CONTINUA NO VÍDEO _DSC0007] ELE FALA QUE A ÁGUA VAI PARA O CASTANHÃO, ABASTECER FORTALEZA E UMA POSSÍVEL SIDERÚRGICA. E QUE ESSA ÁGUA É PARA ABASTECER O AGRONEGÓCIO E NÃO MATAR A SEDE DE QUEM TEM SEDE.

11 de julho

Nome entrevistado: Francisco Rafael

Descrição: Senhor da cicatriz na barriga

Era difícil as coisa,s ainda ta sendo, mas antigamente planatava a roça, fazia odo tipode serviço da roça praplantar e pra colher, mas de dez anos pra cá chuva não existe mais. Esse ano odo mundo plantou aqui mas não chove. E a única esperança qu e a gnt tem de

melhorar é essa transposição se vier a pela menos fazer algo né? Ontem eu assiti falando ali no rádio, que a sorte de boquerão é só se essa transposição vier, se não vier, não vai ter mais não. E as coisas sempre é mais difícil pro homem da roça. Nossa fé ta sendo a transposição. Então se elaa vier pra fazer algo pelo menos, pra gnt perder pelo menos o medo de morrer de cede. Ah, rapaz ,sem ser pela transposição, a não ser que fure poço. A gente fura essas cisternazinhas pra gente, mas só segura se chover também. Porque eu to sendo abastecido nesse poço aqui pela água de Curemas, Vale do, Carro do caminhão pipa. Mas é o que o outro diz, se não chover o açude seca. Aqui na Paraíba nós não temos nenhum açude que segure sem chuva.Se chover seca. Aí a transposição se torna nossa fé por isso, que senãovier chuva o são Francisco seca o são Francisco. Curemas. Rapaz uns 45 a 50 léguas daqui, é o maior açude da parauiba. Nós temos o buquerão aqui também, que faz muito tempo que foi feito, mas a água dele parece que está em 17%. Se a água da transposição, vamos supor, não vier daqui pra janeiro que é o mês que se espera chuva, se não vier está de um jeito que ele seca a água. Vocês conhecem Cajazeiras? Cajazeiras é abastecida por Boqueirão. Se essa água não vier, como essa população vai ficar. Rapaz é o que eu acabei de falar, pelo menos nós não vai morrer de cede. Porque aqui há alguns anos atrás, até esse ano mesmo, tava vivendo de carro pipa. Essa poçaiada que tá tendo aqui em cacimbão, seca tudo, como é que o cabra vai viver sem água. Porque se for pra comer a gnt vai buscra em goiás, mas a água tem que ser bem pertinho. Aqui tem poço tem, caçimbão, mas seca.Tudo seca, a não ser que eles furem um proço, nos estamos tendo umapromessa aqui agora que Dilma vai mandar furar um poço auqi, que vai ter 8 metrsde fundura, que se os que tem aqui secar, ele sustentar a barra. Tem outra, pq essa água aqui do são Francisco está bem pertinho, mas não vai vir aqui pra nós. Porque ão tem como ela vir, né?serrapra todo lado. O jeito é furar poço profundo pra abastecer a gente. Se isso acontecer ainda ta bom. Água dos poços daqui é boa, temum salzinho, mas não tem jeito não, agua d epoço nunca é que nem a de açude, mas da pra beber...Pois é, não é bom, não é bom, pq a gnt tendo agua, a gnt pode plantar uns grãos pr acomer, e senão tiver a agua nada disso a gnt faz, como é que faz sem a água? Eu recebo 2 cmainhao pipa por semana nessa cisterna mas a ordem é não pra tomar banho, não é pra gava planta, não é pra lavar roupa, é só pro consumo de agua. Se for pralevar no sistema que eles querem, cada pessoa só tem direito a 20 litros de água. Que que vc acha de uma pessoa passar o dia todinho só com20 litro de água, pra tudo. Pra beber, pra tomar banho, pra lavar roupa? Mas mesmo asism eles não quer. 20 é só pro consumo de agua.

Eu faço pegando daí mesmo, eles queira ou não queira, porque não tem outro lugar pra buscar outra. Eu teho uma bombazinha aí dentro, mas eles não queriam aceitar que ela ficasse aí dentro. Mas é o exercito que vem, mas já contesteicom eles, eu tenho problema na coluna e não posso pegar peso. Ela tem osteoporose nos osso, também não pode. Essa bomba teve que ficar, eles aceitaram. Ai minha água tem que ser pra tudo isso.Eu não vou buscar, aonde? No buqueiroa ou em outro canto como é que eu vou?Eu tomo, não pode ser 2 ou 3 banhos por dia porque nãoa guenot o calor. O recado que eu dava aqui é:é bom economizar npe?por enquanto, porque nós não sabe pra onde vai.de onde vem nós sabe,mas não sabe pra onde vai.Aí é o que diz o consumo da agua do jeito quetá, meio difícil devagar, sea pessoa economizaré bom. Eu digo assim,a gnt toma 3 banho por dia,mas a gnt economiza, a gnt vai pro banheiro e não gasta mito não. Porque a gnt sabe que a desegurança ta grande .Tem , tem pq eu tenho um bombinha pra puxR PRA caixa. É encanada por enquanto.Jáá, já foi um dia sufocante. Se queimando de calor e nãp ter agua pra tomar um banho. É ruim né?Mas é como diz o ditado. Tudo passa né filha. Chega um momento que isso vai passando e a gnt vai chegando lá. Já já pensei muitas vezes mas eu gosto muito do meu cantinho. Mas eu

gosto mto do meu cantinho. Já morei em cajazeiras, a gnt já pelejou pra ir embora eu mais ela, mas parece que eu adoeci, tinha dia que eu sonhava ate com as pedras, minha vontade era de vir pra aqui, pq canto bom é da gente. Rapaz, eu acho que n]ao, até agora nos não ouvir falar que a gnt vai ser obrigado a sair daqui, parece que não vai mexer com nós não. Se não mexer acho melhor, acho tão bom ficar no meu cantinho. SE aparecer agi favor, acho melhor ainda, a gnt fica no cantinho d agnt. Fica sossegado, mais quieto, não tem aquele zuada, aquele pirir que teem cajazeiras. Eu passei 11 meses lá em cajazerias. mas tinha dia de domingo que eu operado botava a cadeira do lado de fora, eu era obrigado a voltar pra dentro pq os bêbados não me deixava ficava lá não. Vinha o doido, vinha o bêbado, vinha o alesado, não pode ficar lá na calçado la não. E aqui a gnt fica mais avontade, tranquilo. Sei de nada, tenho espernça de que a água vai vir, mas mesmo assim tem gente que diz que não vem, mas tenho esperança d que vem. ´muito importante, eu acho que seja, nos vive num lugar seco, num lugar difícil de viver, aqui não se sevc já viram, esse chão de seca, os bichinhos tudo morrendo de seca, é um negocio serio, nos tendo agua dava pra salvar. Rapaz, eu já vi uns anos bem difícil ,mas esses foram os pior. Já teve na era de 70, teve mta seca, mas era uma seca que deixava pra plantar alguma coisa. E essa seca que veio agora é uma seca prolongada, 4/5/6anos um atrás do outros é muita coisa. Né? Antigamente era um ano ou dois e ai vinha o inverno de novo. Rapaz, tem hora que agnt pens queé capaz. Pq um lugar eu nem são Paulo. São Paulo é sul , e a gnt já u pessoas, não cair agua nem em soa paulo, quato mais aqui no nordeste que não é sul. É um negocio serio. As vezes a gnt acha que não pq a gnt tem muita fe em Deus , mas no rojão que vai não é difícil não, sea coisa prolongar mto. Problema assim: pq ta subindo todo mês. A gnt começou a apagar um preço e todo mês tem um aumento de novo. ai ta começando a dar problema, e eu to vendo que vai chegar o tempo que vai voltar o candiero de novo. Antigamente a gnt acendia o candiero aqui na época que não tinha energia, mas ai depois a gnt se acostuma ocom a lâmpada, 10 candiero não vale uma lâmpada dessas. Mas ai no rojão que vai, vai chegar um momento que nos não vao nem poder pagar. So eue e ela. Nessa ultima vez agora vinha 27 e uns centavas, 20, 19, 21, 22 agora t aso subindo, e eu ouvi dizer que vai subir de novo, ai o negocio fica serio.

Nome entrevistado: Aleuda

Descrição: Maravilhosa do sítio

Ave maria, como é que vocês tão no meio desse sertão , nunca pensei. Porque aqui só anda bicho. Pode filmar? Pode. Essa aqui é casa velha antiga de 1900 e antigamente era do meu avô. Toda vida eu morei aqui. É a única bolacha que tem meu filho, eu num sabia que vinha alguém ´praqu´ i, comprei nada. Taa...Tem café, tem chá, tem bolacha , tem leite...Tira esse chapéu de cima da mesa...ih meu filho, quer chá? Quero...Ó esse açude aí é tão bom, pertinho, da água so erve pros bichos. Porque minha filha, isso é um aterro tão grande, foi feito em 28, ai passou 3 anos de seca. Encheu esse ano, só não sangrou. Não, não dá para beber não, os poços que tem agua é puro sal. Eu compro agua mineral, que eu tive um problema de verme, to comprando agua mineral, e o carro pipa vem abastecer as cisternas de quem tem. Eu não tive direito né, porque eu não tenho pai nem mae , sou so. Não tenho bolsa família, então não tenho direito. Não, não tenho direito a caminhão pipa não. Só o pessoal do bolsa família que teve direito a uma cisterna. Eu não. Só se eu tivesse cartão do cidadão eu não tenho. Eu não, não tirei ainda, mas acho que eu tenho direito de tirar não é.?Direito, ele foi falar com os engenheiros tudo, o povo tudo ficil o povo aqui é que nem bicho do mato, ai ele lutou lutou lutou, e disse que o povo começaram, e já tao dizendo que desviaram a verba. Agora não sei não

, ne? Pq aqui é o seguinte, ou estrada direto ou indenizar , isso aqui. Indenizar e a senhora ir pra cidade. é se for isso, mas eu queria a estrada ne? Eu queria continuar morando aqui, mas se for pra ficar chiqueirado os ribeirinhos, transposição de um lado e do outro é nos aqui no meio, ai não d anão. Agora só teve meu irmão que correu atrás. O resto é tudo, no sei nem como é que esse povo ta aqui , sabe o que é bicho do mato, quando dizem assim: leve um povo morre todo mundo. É que nem o povo daqui. Olha vem tomar aqui a cozinha mesmo. Quer bolacha? Vou pegar um biscoitinho aqui pra fazer companhia pra esse garoto. Sou irmã dele, ele é meu sobrinho. Ai tem outra irmã que mora ali na outra casa onde a gnt vai almoçar. Esse aí meu sobrinho . Se fizer estrada eu sou a favor, mas se não fizer estrada ... Agora, eu queria estrada, né? Mas se não fizer eu sou a favor. A favor da estrada pra não ficar achiqueirado né? Agora eu sou a favor da transposição, pq a gnt vai ficar sem agua aqui. Mesmo fazendo essa transposição eu não acredito que a transposição chegue aqui. Eu sou a favor desde que a água chegue de verdade. Sei não, eu fico em dúvida, esse governo é um vai a evem a agnt não pode acreditar. Não é verdade. Pq que se não tiver estrada a gnt fica encheirado. Ai não tem como sair, pq é agua de um lado e do outro. Aqui é o Bartolomeu e a boa vista , as barragens. Tem casa pra ali, tem essas que vcs passaram ali e tem mais 6 casas daqui pra baixo com essas duas que tem aí. É ruim demais eu mesmo até a agua da cisterna que vem o carro pipa eu mesma não posso tomar pq eu não sei qual o açude que vem aí tenho que tomar agua mineral pra beber. Daqui a cajazeiras 30 km, tem carro la na sexta e no sábado, etbm se não tiver o dinheiro tbm não vai. Tive verme. Tive ameba, giárdia, eu quase morro. E quando foi isso? Foi agora no mês passado pra ca. Eu passei 35 duias com dor com dor e quando eu fui no medico ele disse: vc sentiu contração igual mulher quando vai ter filho. Eu logo vi, pq eu nunca casei npe, meu pai e minha mae morreu e u fiquei morando aqui só. Só eu e Deus, ai eu senti umas dores diferentes e aí eu digo: igual essa daqui eu nunca vi não. Ai ele disse é contração. ai eu disse mulher vai ter filho passa dois dias morrendo e eu que passei 35. Só não morri, mas andei perto, e não to boa ainda não. Acho que ta bom, se vier essas águas, se isso for verdade que vem, que ninguém acredita.

Nome Entrevistado: Francisco Pereira

Descrição: Vizinho da Aleuda

Eu acredito que do jeito que vinha, o negocio tava meio feio. As promessas e a estrada, né que eles falaamq eu vai ter .que se a transposição vir agnt não vai ter acesso, nem aqui nem pra la .Porque a estrada que a vinha rodadno, vai er com agua, vai ter agua, ai não tem como, com o tempo ela vai ficar cheai dagua ai não vai ter como passai, ai tinha que uma nova estrada pra ter saída. Um acesso, ali já fizeram só não ta liberado, mas pra ca ainda não fizeram. É a gnt de qualquer maneira a gnt ficou prejudicado um pouco. A maioria do pessoal saiu e a gnt ficou aqui. Acho que vai ajudar muita coisa. Não so quando tem inverno planta milho, feijão, mas eu acredito que va melhorar. Ah, eu sou a favor. So queria que tivesse estrada, porque a estrada pode estar amio ou menos mas qualquer chuvinha que der já se acaba, fazer uma estrada boa, que de pra ficar mais sentimento de segurança. O que precisa aqui é entrada. Eu tenho 30 anos que moro aqui, nasci me criei, ms toda a vida eu vi essa estrada assim. Ave maria, tem dia adoeceu uma pessoa, pra tirar pra cajazeiras o cabra via era a pessoa morre. Já aconteceu de :pode parar o carro, fulano já morreu , pode parar. ganhou nenm dentro do carro, pq a estrada...sevc for andar mto rápido vc quebra o carro, ai fica pior. Vc aumenta mais a velocidade mas corre o risco de quebrar. So queria ver uma estrada boa aqui , ai eu posso dizer que tem 100%. Tem que ter saída pra ca e pralá, pq do jeito que ta aqui a gnt

ia esar ilhado. Sepor acaso enchesse hoje, ai vcs iam caçar um canto pra sair aí, pq não tem como passar não, pra ca tbm a mesma coisa. Se eles vão dar tudo então tem que dar a estrada tbm.

Nome do Entrevistado: Maria

Descrição: Lider dos moradores do sítio

Já morei em cidade mas nunca deixei de trabalhar na agricultura. Sempre vinha em casa final e semana, férias, ate que fiquei viúva, família grande, meus filhos tudo pequeno ainda, ai foram ficando mais velho, ai vierm trabalhar no sitio, ai começaram a ir pra são Paulo, que o jeito de vida de viver aqui que é o melhor gaho que eles tinham aqui, agora ta mais fácil que tem essas empresas ai, mas antes não tinha, ia tudo pra sção Paulo todo anos. Agora ta todo mundo indo pra são paulo, e só tem um morandqui aqui. Sempre vivi aqui, trabalhando em roça, criando, sofrimento por causa das secas, 5 anos de seca esse anos já comleta. E a gnt criando com o maior sofrimento. A gnt tem vontade de trabalhar mais, de criar mais, pq ajuda, pq os bancos não ajuda a gnt, a gnt pega empréstimo, faz aquele rabalho, mas quando chega a data de pagamento tudo certinho, e a seca não aju. A gnt fica naquele sofrimento, né? E a esperança que a gnt tinha era da transposição chegar aqui, porque favorece muito pra gnt que trabalha na agricultura, que cria, e tbm pra usar de todo o jeito, pq as aguas tão ficando difíceis, inclusive agora, depois que fizeram esse túnel ai, as aguas sumiram dos poços, a gnt ia caçar no caçimbao, poço artesiano, o meu não, mas o dos vizinhos aqui secou, ficaram sem agua. Ai pegou num lado vem perto aqui, ai do lado do poente ta a uns 2km daqui, onde vai passar a transposição, onde foram indenizados. Aqui pro lado do nascente um 2km a 3km o pessoa foi indenizado, e estão fazendo esse trabalho. E nos ficamos aqui no meio, nos ficamos um pouco desastidos porque nem saber como nos vamos usa essa água nós não sabe. Se vai ter direito dessa água vir pra nós. E falaram que iam fazer uma adutora, teve essa conversa e depois não falaram mais. A queiroz já tava indo embora e nós estamos ficando aqui já sem estrada. Já lutamos muito por essa estrada, que vc sestão vendo a estrada, como é difícil o acesso. A gnt as vezes até quer vender alguma coisa, pq trabalha e colhe mas não tem como, nã tem como o transporte vir buscar nada aqui. Aqte pra tirar uma pessoa daqui quando ta doente é difícil demais. Quando é urgência, não tem como fazer a urgência pq nã tem estrada. E nosso desejo maiso do momento é ver essa estrada feita. Porque de um lado é uma barragem né? Do outro lado, outra barragem. Então tem que ter estrada pra gnt sair pra cidade, pra poder resolver as coisas, e não ta tendo estrada. Tão falando agora que vão fazer, prometeram que vão fazer, mas assim, a gnt já ta ficando sem fé, pq dá um tempo vai todo mundo vai embora, e nos temos medo de ficar aqui pra trás. Mas a transposição ia ser boa demias, pq com essa seca éa única solução de melhorar a suação é ess água vir. É a esperança que a gnt tem. Não, pra ter tantos anos seguidos iguais esse não. Já vi seca assim, mas um ano frac, e um ano seco. Ms essa agora já são 5 anos, nunca tinha visto seguido 5 anos como tava. Pq tem chuva, ma snão é chuva de fazer legume, de fazer agua. Não é seco de tudo. Agora inverno de verdde faz 5 anos que nós vimos. Inverno de encher açude, encher os poços, criar milho, feijão, nunca mais aconteceu. É isso que a gnt tem medo. É tanta fé tanta esperança e as conversas que a gnt escuta agora são essas, que são o Francisco ta secano, e a gnt fica com medo de não aconteceu. A gnt tem muito meod. Todo mundo. E acho que do jeito que eu penso muita gnt pensa isso tbm, que se essa agua não vir fica muito mais pior pra gnt,. Pra beber é a cisterna que foram feitas. Como sou presidente da ssociação aqui faz 10 anos que eu já fiz o pedido. Ai ao

invés de 20 cisternas vieram 18, mas aí depois já vieram mais, aí vieram carro pipa do exército. Aí o carro do exército vem deixar duas, três vezes por semana. Tem vez que dá pra abastecer tudo, mas tem vez que não dá. O que melhorava era que a gnt aumentava, plantava até mais alguma coisa que fosse por alimento tbm, que você vê aí o que acontece mesmo com todo sofrimento planta feita aí, não tem em todo canto não, porque tem muita gente que não tem coragem de fazer, mas a gnt tirando da água do poço, a água do poço pro gado beber, pra dar pros vizinho quando precisam, pra lutar, pra lavar roupa e aguar e irrigar essa plantaçozinha. A gnt aumentava mais, e é claro que a gnt ia ter que o que vender pra pegar no dinheiro e comer mais melhor né? uma vida mais melhor. Pra comer, né? Porque a água que tem não dá pra gnt fazer mais né? A gente tendo as terras a gente pode ajeitar as terras suficientes que dê pra plantar, pra comer, vender e dar pra alguém que precisa e que não tem. E fazer pasto, porque tudo que sobra a gnt faz pros animais que a gnt cria de tudo um pouco. Gado, galinha, porco, criação de bode, todos aqui criam um pouco, e não pode aumentar mais porque sabem que a água não é suficiente pra isso. E também estrada que não coopera. Nós tendo água e estrada nós fica mais forte e mais poderoso. Assim se a gnt tivesse caído indenização, com certeza a gnt já teria saído, achava um lugar mais melhor mais fácil. Mas como a indenização não pegou, a gnt tem que ficar porque as terras é da gente, todo mundo mora em cima dos seus pedacinhos de terra né, não vai abandonar pra sair. Como por exemplo, meus filhos moram tudo em São Paulo, mas eu não vou sair deixar minhas terras abandonadas, fica pior ainda, vai que não dá certo, pq o que tem lá é tudo dos outros, vai que não dá certo e essa turma volta, pra onde? Se a gnt tá tudo abandonado, aí vai ficar que nem diz a história pastorando o pouco que tem. Não, no caso que já não fomos indenizados e sabemos que não vamos ser mais, a gnt prefere ficar, porque gosta do que tem. A gnt gosta do que tem, o que tem feito a gnt sabe que não faz pra começar tudo de novo, não vai fazer mais. É isso que a gnt acha, acha melhor ficar, todo mundo acha bom ficar porque todo mundo gosta do lugar que tem das terras que tem, herança dos pais dos avós, e tudo. Ninguém tem muita vontade de sair que nem os outros que saíram chorando muito, gnt que adoecia porque saiu. A gnt viu muito sofrimento, a gnt assistiu muito sofrimento, pessoas que a chamam eu nunca mais ia ter uma casa pra morar, mas pensamento deles mesmo, achavam que ia ficar ilhados, mas não, eles estão tendo muita cobertura. Eles tá tendo cobertura de todo jeito. Ganham casa nova, tem o dinheiro que eles recebem todo mês do aluguel e uma quantia boa. Agora estão estabilizados, agora nós que já estamos no nosso lugar, nós gostaríamos de ficar, nos queria assim, ir pra alguma lugar que tenha movimento e que tenha meio da gente se locomover pra lá e pra cá. Esse não, mas no ano passado morreu muito gado de sede, todo animal que morreu porque ficava na roça água pouquinha que tem muito distante, quando voltava caía e morria. Não vou dizer que foi muito muito, mas tinha. Não, no nosso setor nunca, eu via isso na televisão quando a gnt tava assistindo, mas quando a gnt via, ficava com aquela dó. Eu mesma um dia chorei. Passou 3 vacas em cima do carro. Foi beber descendo daquela serra. Foi beber num açude que chama açude da anunciação e caíram na estrada e só voltou no carro, e outras que caíram lá mesmo ficou. Não perdi sim, não por sede, pq como minha criação é pequena e eu tenho poço artesiano que já foi feito há 3 anos, já no intervalo dessa seca que tá e esse poço tem água garantindo. Mas o poço vem perdendo as forças, porque nesse tempo as águas tão sumindo, tão baixando, aí aqui a água dava pra minha criação e pra vizinhandças trazer água pra beber. Na época não vinha carro pipa, agora tá vindo, esse ano que tá vindo, desde o meio do ano passado pra cá que tá vindo. Muito importância, pq a água que a gnt tem é uma água salgada, a gnt bebe dela, quem pode beber bebe, mas só que adoecia não fica bem né, em problema de saúde, eu mesma já tive, eu fui proibida de

beber água de poço assim. Pq tem sal e tem mais um gosto assim diferente. Ai eu pegava água da cisterna, sendo só eu dava pro ano a cisterna com 16000 litros de água. Mas agora não sou só eu, tem vizinho, pq esses aí vão pra agro vila, são os que receberam casa, não quiseram ir pra cidade, ficaram aí, aí quer dizer a água pra duas famílias não dá, aí completa com a do carro pipa. É boa pq é de açude, mas o açude tá secando, tá falando que vai parar, até diz que o governo liberou pra fazer uns poços, a gnt não sabe se vai ser feito, uns poços profundos de 600 metros pra daí pra gnt beber dessas águas. Os carros pipas vai parar e os açude que ainda tem bastante água é o castanhão por aqui. O resto ainda tá tudo seco. O boqueirão que é um açude que a gnt nunca viu seco, tá tudo seco. A solução e a esperança das pessoas aqui é a água do rio São Francisco é a esperança. O recado que eu tenho pro pessoal, convite eu sei que todos precisam de trabalhar e fazer meio de pegar em dinheiro e tudo, mas acontece que tem que respeitar mais o rio São Francisco. Não fazer tanta desmatção, não fazer tanta retirada de areia, acabar com as florestas, que eu sei disso que ajuda, principalmente na nascente do rio tá explorado demais. E todas as pessoas, quem precisa da água? Água é vida e a gnt precisa muito, e tá sendo a água mais qe a gnt sabe que tem disponibilidade é o rio São Francisco. Ele não pode morrer, ele tem que viver, tem que aumentarão pra voltar ao que ele era, porque agnt espera que Deus vai mandar muita chuva ainda. Tem uns lugares que chove demais e outros que não aí fica desconhecido, aí mais um recado que eu tenho em meu nome e em nome de toda a comunidade que a gnt precisa de um jeito dessa água chegara té nós, pq ela passa por lá, mas nós estamos ficando aqui olha, aí a gnt precisa de uma adutora grande, que de conta da população, porque aqui são muitas casas, não são poucas. E um meio que então um açude que vai receber água de lá pra nós poder usar essa água, fazer um reservatório aqui, nessa parte que tem como fazer e jogar de lá que tá perto, não é tão perto, pra nós poder ir usar ela lá. Mas perto, jogar ela pra mais perto da gnt pra nós poder viver, através dessa água viver uma vida mais digna e poder viver melhor, é o que nós espera. Nos que água, com estrada também pra a vida ficar mais fácil e bonitinho, nos que viver bonitinho tbm. Sim, o que eu acho é que é muito beneficente pra todos.

12 de julho

Nome entrevistado: Maria das dores e Maria do Carmo

Descrição: Velhinhas das lágrimas Luis Gomes

Essa rua aqui mesmo tem 3 pipa por semana, aí bota dentro de uma caixa e a gnt vai carregando os baldes, os espertos leva mais, os moles leva um pouco menos. Tem uns que leva muito, outros que leva pouco, mas não dá essa água. A gnt precisa comprar. mil litro de água é 20 reais, por mês eu compro uns 4 mil litros. Eu e meu filho. Essa da pipa? Não, essa da pipa é pra beber, cozinhar. É o governo que manda. Agora gnt paga a água que a gnt pega, tem uns carros que vem do cacimbão do Uiraúna, tem uns carros que vão por aí ao redor, mas logo logo essa aí vai acabar. não agora dá pipa não sei que é de muito longe, não sei a situação da água lá. Pra tomar banho, pra lavar roupa, pra luta de casa, aguar as plantinhas qu tem? Tem não, quem pega o mais esperto. Não, acontece é que é difícil ir buscar, porque eu tbm não posso, porque eu tbm tenho problema nas pernas, não posso com o balde de água. Acontece é que a pipa chega eu não vou nem lá. Ai as vezes quando meu menino tá em casa ela vai lá e carreg, as vezes é o vizinho, traz pra gnt no carro. Não, pego não, é difícil eu ir pegar, as vezes o

vizinho daqui que traz pra ele e me dá um baldo ou dois água. É difícil eu ir pegar. Se teve umas 4x que eu fui pegar água foi muito. Não, só quando eu boto lá na caixa. A gente compra a água vem aí na porta, liga o motor, e joga a mangueira lá em cima da caixa. Ou se não a gnt bota os baldes no muro, aí põe a água lá em cima. TUDO, toda hora que abrisse a torneira ia ter água. Não tem nem medo da caixa secou, quem que ia errar dinheiro pra comprar? Já, já teve dia que amanheceu o dia, é porque eu tenho um tanquinho no muro eu fiz uma encanção numa reazinha que tempa para aparar água, mas eu tbm não quis gastar essa água pra guardar mais pra frente pra beber. Não, muito medo disso não, só se for um castigo, né? Mas se Deus chegar nesse ponto de não ter água nem pra beber. O ano passado o açude ainda pegou água né? Ele ainda passou a abastecer na cidade, era uma água que só servia pro gasto, mas era bom porque ajudava muito. Não, podia nem cozinhar. Porque a água que juntou lá não foi muita, o açude não sangrou, não era boa a água. Não era suja, mas na chuva a água vinha trazendo tudo pra dentro do açude. Mas era bom, porque aquela água servia pra outra coisa. Muita diferença, quando tá aqui é muito bom porque a gnt tá de visita, mas pra morar... eu vim agora passar uns três meses, mas acho que não vou passar os três meses aqui não, porque eu acho que situação dela é ainda melhor do que a minha. Porque ela tá aí com os filhos dela, eu tô sozinha. Aí lá embaixo, eu tô na entrada, eu compro 20 litros de água, mas só pra gastar, agora pra beber eu tenho que pegar de uma caixa de água que diz que vem de Mossoró. Porque meus filhos, tava muito ruim em 84, aí meus filhos foram pra pá, aí eu fui embora pra não ficar aqui sozinha. Eu acho que se acontecesse, o São Francisco tinha que ter mais água se não não vai aguentar esse rojão que é o nordeste não. Tô achando que sei não, tomar que dê certo. Porque a conversa é de que o São Francisco tá chegando/porque não é de interesse dos políticos. Eu lavo a roupa no tanquinho pra economizar, a água que eu tiro do tanquinho eu deixo nos baldes pra dar descarga no banheiro. Eu vou enxaguar a louça, coloco uma bacia pra aparar, aquela água que eu usei pra enxaguar, eu joga nas plantas. Vish não tem não, eu moro com uma menina, ela desperdiça muito. É duas máquinas, a dela e minha, ela lava 4 máquinas. Eu digo a ela, beta não faz isso, economiza essa água. Ah mas se eu economizar ninguém economiza é o que ela diz. Eu brigo mais ela. Não economiza, vejo eles lavando carro, calçada. Lá pro plano não sei. Abrir poço, o um projeto de trazer água lá de muito longe. Acho que tem muita água debaixo do solo, mas aí quando vai a brir é só 60 metros, aí não dá água. Na há terra se eu quisesse abrir dava água. Sim, mas depende dos governantes/Vish mas faz tempo, já vieram, mediram, montaram os canos, mas já envelheceram mas já estourou tudo. Só quando Deus quiser, quando vier muita chuva, ainda que os homens queira, mas cade a água? A não ser que eles vão buscar lá embaixo no não? Economiza, porque ninguém sabe o amanhã./ A gnt economiza e outras pessoas estraga./ aí as pessoas pensa assim: ah eu não vou economizar não porque só eu economizo, aí cada pessoa pensando assim e pronto, não economiza. Tem gente que fala que vai acabar a água no Brasil. Eu não, acho que Deus não vai fazer isso com a gnt não. São Pedro/Deus, se ele quiser ele acaba com tudo isso. Correr pra com as latas pra aparar água, uma noite dessas eu tava aparando água e eu tava falando com as das dores, que eu não posso ver uma pessoa chorando que eu já tô com a lata pra aparar a água./ é minha filha a situação aqui não brincadeira não./ mesmo aquele pinguinho já serve pra uma descarga, para lavar uma roupa, água as plantas no outro dia./ tem uma cidade aqui do lado que diz que as crianças lá dorme sem tomar banho.

13 de julho

Nome entrevistado: Antônia Germana da Silva

Descrição: Família do Sítio

Pra mais sete famílias. O pessoal mora perde da gente, né? Os vizinhos, são 7 famílias. Já foi cadastrado assim...pra nós e mais sete famílias. Eles tem que vir pegar aqui, de jumento. São duas cargas pro pessoa, aí não sabe medir, são duas carguinhas de jumento. Três pipa por mês, e 9 litro por pipa. Luta de casa mesmo, aí eu tenhoo luta de casa e agua é como eu já falei pra você, que a chuva não deu pr afazer agua aqui pra nós, aí gente ta só com os carros pipas, né? Só temo que agradecer aagua que vem pr agnt e pedir a Deus que Deus se lembra da gnt com água, porque não tem chuva não, pra nós não. Já tem quatro ano, já tem uns 4 anos que nós estamos nesse sofrimento. Sei não só Deus sabe, né? A verdade é essa, a gntreza um monte, eu peço muito a Deus pra que Deus se lembre de nós,pra ter água pra nós. Por mês é três.É o jeito é dar.Uai, tem que economizar minha filha, é o jeito. A gnt não gasta agua não. Assim, a gnt não desperdiça água não, tudo o que a gnt vai fazer é poupando água.Entendia e a senhora não consegue plantar nada aqui.Não pode não, até uma plantação de fundo perdeu.Milho, feijão, pronto o milho ta aí só a palha. Já, já ouvi na televisão. Eu não tenho é de chagar pra canto nenhum. Sei não. Porque á tá com um bando de ano,já ta com um bando de ano que o povo fala, e o povo diz que lá não tem água. Aí como é que a gente vai ter fé? Tem que ter fé em Deus, eu sei que o povo trabalha muito na esperança de um dia chegar. Ia ser muito diferente, uma alegria pra nós todos, pra nós e os vizinhos

Nome entrevistado: Luciano Pascoal de Lira

Descrição: Motorista caminhão pipa / sítio

Como eu tava falando, no município de Luís Gomes hoje, são 27 carros pipa transportando agua, para a cidade, só para o município de Luis gomes. Abastece lá numa fazenda pescolândia em Apodi e traz até o município de Luís Gomes. Entre os carros da operação pipa em geral tem 135 carros abastecendo nesse poço de agua potável lá em apodi,.Eles transportam para Luis gomes, são Miguel, Rafael Fernandes, Francisco dantas, parana, antonio Martins, cerrinha dos pintos. (todos do rio grande do norte e todos só abastecidos com água do caminhão pipa). É importante porque a gnt ta tirando um pouco da necessidade do pessoal que precisa dagua, não é bom pra gntporque é através da miséria dos outros é que a gnt ta ganhando em cima. A gnt não se sente bem por isso. A gente queria que viessemuita chuva, muita fartura, orque só Deus pra fazer esse milagre que venha muita chuva, porque agnt ganha, não é ruim o ganho é bom. A operação pipa é organizada pelo exercito, muito bem organizada, pessoalmuito bom do exército e a gnt tamo aqui na luta, esperando enquanto Deus não manda chuva. Enquanto ele não manda chuva a gnt ta aqui correndo.

16 de julho

Nome entrevistado: José Luciano da Silva Bezerra

Descrição: cara de laranja da feira de Caruaru

Faz tempo, faz tempo, faz tempo, faz tempo.... Água aqui de 15 em 15 dias chega, às vezes no mínimo assim 10 dias. Quando vem, vem aquela agua que só dá mesmo pra usar pra lavar roupa, nem café direito dá, almoço, porque ela é uma meio barrenta, cloro, a gnt ta vivendo assim em caruaru. Tinha a barragem de Jucazinho, mas o

prefeito, não sei o que aconteceu, que interditou água pra cá. E a gnt agora tá com o rio da Prata agora, mas tá difícil ainda. Tá difícil. Quem tem cisterna bem, quem não tem fica passando as consequências, de não chegar pra gnt ter o que comer, dar banho numa criança, aí é isso. Caminhão pipa, né? Caminhão de água, caminha pipa, que fica vendendo aí, fica comprando 4, 2, 1,50 mas não é uma água de qualidade porque o abastecimento aqui é precário demais. Alguns, alguns, alguns. Aqui mesmo aqui nas lojas, umas tem, outras não tem. Não sei se é falta de abastecimento, não sei, só sei que aqui em Caruaru tá ruim. Ai eu não sei explicar direito, acho que as barragens não pegaram água suficiente, mesmo com chuva, outras regiões encheram as barragens, mas aqui em Caruaru a de Jucazinho que é a que traz água pra cá, pra Caruaru, não. Acho que vai, porque o planejamento é isso, a gnt pretende isso, de chegar a água do rio São Francisco porque aqui só o Rio do Prata. A gnt é abastecido por Jucazinho, mas Jucazinho já...interditaram lá pra não vir pra cá pra Caruaru, só aquela outra cidade vizinha, mas Caruaru não, mas aqui a gnt vai do rio do Prata, acho que vai fornecer água pra Caruaru. Acho que vai, na minha casa não chegou ainda, é 15 dias, 10 dias, 11 dias, 12 dias. Aí a mulher sai com uma vasilhinha na casa de um, na casa de outro que tem cisterna. A água que a gnt tem pra beber aqui não vale a pena. Mesmo se chega não vale a pena porque não tem qualidade de água mineral, água de torneira aqui é difícil, você usar ela quando vem, quando chega, mas a gnt faz alimento com água mineral que o carro pipa traz, só isso. Com certeza, com certeza, com certeza, estamos esperando isso, pra ver o que que faz. Porque em Caruaru tu sabe que as vezes vem de 8 em 8 dias, de 10 em 10 dias, a água aquela sem preparo pra gnt beber, sem qualidade, aí a gnt sofre muito com isso. Aí o dinheirinho que a gnt usa pra comprar uma fruta, um negocinho ou outro pra família, a gnt tá gastando em água. Porque água de qualidade só pra tomar um banho, lavar roupa. Morei, 44 anos em Caruaru. Sempre foi assim. Desde que eu era pequeno. Rapaz, eu acho que tinha que fazer tratamento d'água, sempre corrente durante a semana. O rio aqui que era pra ser uma água limpa, hoje você olha pro rio só podridão, só esgoto. Porque esse rio aí, quando eu era garoto eu tomava banho aqui, bebia água dele também... entendeu? Pescava, a gnt pescava. Aí você vê o rio hoje aí, o rio um esgoto. Tratamento zero. É, é a água mal cuidada. Quando ela vem branquinha, branquinha é muito cloro, aí fica aquele gosto de cloro que a água tem. O que a gnt tá precisando é de água de qualidade, tratamento. Sim, sim, vai ajudar muito a gnt. Vai ajudar muito a gnt. Eu espero que façam isso pela gnt, porque a gnt precisa disso, de água, qualidade no abastecimento da cidade, vai ser um alívio pra gnt.

Nome entrevistado: Ademir Lima

Descrição: Cara do balde feira de Caruaru

3 anos proximadamente. Atualmente começou um racionamento na cidade devido a escassez de água, estamos com água 2 dias e 5 dias sem água. Ai vem uma necessidade do racionamento geral para colaborar com a falta de chuva. Sempre existe o racionamento, esse ano tá mais grave. O centro da cidade tinha o abastecimento normal e os bairros mais altos teriam o abastecimento reduzido, mas agora tá geral pra toda a cidade? O cliente de fora precisa de um banheiro, precisa de alguma coisa, e não tem o suficiente. Quem tem hoje, nós estamos a 3 dias sem água, quando se tem um reservatório na loja, quando comporta um reservamento adequado mantém, quando não mantém ele fica impossibilitado de uso. Atrapalha muito pra um cliente que vem de fora, que não tem acesso. Exatamente. Nós temos um reservatóriozinho, uma cisternazinha pequena, aprox. mil litros, e uma bombazinha que fica externa e bombeia pra uma caixa que tem aqui em cima de 500 litros. Temos aproximadamente 1500 litros

de água armazenado. Ai quando chove a gnt coloca na cisterna de baixo, e a bomba sobre pra outra. Banheiro. Única e exclusivamente banheiro. Utilizamos a água da máquina de lavar, essa aí é separada para a utilização do banheiro. Na residência nós também temos uma cisterna de 11k litros. Na telha nós fizemos o encanamento dela, pra o encanamento dela cair todo dentro da cisterna. Tem uma encanação pra boca da cisterna e nela tem uma encanação uma espécie de coador, e a água é armazenada na cisterna, e a gnt faz o tratamento nela pra água não ficar ruim com pouco tempo.

Custo. Teria comprado caminhão pipa de água, porque não ia ter suficiente pra utilização. Não. Reutilizamos. Não, ainda não, uma das barragens que abastece caruaru é a barragem de jucazinho, e ela ta com somente 3,8% da sua capacidade. Quando ela chega a 3%, ela já chega no volume morto. E essa barragem já deixou de abastecer a cidade hoje ta vindo apenas de uma, que a barragem do prata de outras menores. Eu acredito que possa ser feitas mais barragens. Acredito que existam rios que possam ser mais tratados, que possam ser feitas uma barragens que tenho a capacidade de abastecer. Essa barragem do prata, é uma barragem nova, aproximadamente 10 anos, foi feita no rio xxxxx e um outro rio que eu não lembro o nome agora, e ela não abastece só caruaru, ela abastece outras cidades também. Foi feita há 10 anos atrás. Projetos como esse podiam ser feitos em outros rios como esse. Não, a população também, principalmente a falta de água grave e no sertão, e o racionamento lá é bem maior, e a população não tem consciência do uso. A gente vê muita gente lavando carro com mangueira no meio da rua, lavando a calçada com água, ainda há muito desperdício. A própria copesa, na rua, estourou um cano, um cano mestre, que chama que vai pra distribuição de ramais, estourou um cano, passou um dia, 4h da tarde, vieram ajeitar no outro dia, 14h da tarde. E não foi falta de ligação, ligamos, vizinhos, todos e disseram que as unidades estavam ocupadas e que não podiam ir atender, como se tratava de um cano mestre acredito que deveria ser prioridade. A transposição do rio São Francisco ela vai ser muito importante pra agricultura na parte do sertão. Ela vai beneficiar as pessoas do sertão, que venha beneficiar mais as cidades, porque as pessoas de lá vão vir pra cidade fazer compras. Ta havendo falta de produto, a gnt quer comprar e não encontra. As lavanderias estão paradas por falta de água, trabalhavam dois turnos, agora trabalham só um turno, porque o consumo da água não está sendo suficiente, para o consumo. E a compra de carro pipa está ficando muito caro. A questão de água hoje, acredito que se trata de mais conscientização da população. Porque a chuva ela sempre foi escassez nessa região. Os rios abastecem as barragens, mas no que o consumo vai aumentando aí vai diminuindo o plano, aí quando chega no período de seca gastaram muito água no período da fartura, quando poderia estar armazenada na barragem. Ai a população diz: ah não tem racionamento, então vamos gastar a vontade, a barragem não acumula o volume máximo, porque vai dando sustentação ao consumo da cidade. aí quando acabou a chuva ela não está com o volume máximo de água, aí população continua gastando aí quando vai ter racionamento ela já está com 30, 20% da sua capacidade. Acho que deveria ter campanhas de conscientização pro pessoal sempre economizar água independente do tempo de chuva ou do tempo de verão.

Não, fácil de mais, fácil, fácil, dificuldade não, só um pouquinho de consciência e economia, o bolso tem hora que fala mais alto também, a conta de água aumentou muito. Temos a cisterna embaixo que na hora que vai subir pra um primeiro andar que tem a casa, vai se gastar água e energia, aumentou o preço de energia aumentou o preço de água. É. Aqui sim, agora a transposição é muito boa para o estado, porque vai passar por uma região do estado que situ que passam por um colapso de água bem maior que o da gnt, tem pessoas que passam necessidade por falta de água. Aqui graças a Deus a gnt

não chega a esse ponto. Mas essa transposição o limite que ela vai passar vai atingir limite de cidades que passam mutia dificuldade por falta de água.

Vai beneficiar o comércio, porque esse pessoal quando tiver a água quando tiver sua plantação e seu rendimento, seu consumo vai passar pra comunidade pobre. Medo não, preocupação, a gente fica preocupado por ver o estrago que poderia evitar. Medo não, acho que o que tem é o suficiente, e com fé em Deus, de que ele pode demorar mas ele manda na hora certa a chuva, um dia vai chegar, num dia que a gente estiver focado ela chega. A gente tem que ter confiança, fé, e o resto a gente pode na mão dele.

Nome entrevistado: Doralécio da Silva Medeiros

Descrição: Cara boné mercadinho

Rapaz esse problema é sério, é mais do que sério. Há muito tempo que Caruarua vem nessa precária falta de água que essa é uma coisa que ninguém mais deve ir entrevista porque ninguém resolve nada. Só quem resolve é aquele lá de cima porque pros homens da terra tá tudo perdido, principalmente político que promete, promete, promete e nada faz. Hoje nós somos sofredor, somos consumidor, nós quem paga por tudo isso. (alguma coisa que eu não entendi) E não resolve nada os políticos do Brasil inteiro, só promete, e promessa não enriquece ninguém. Enriquecem eles, mas quem é consumidor só leva desmantelo. Aqui é bairro abençoado. Faltar falta, porque em todos os bairros sempre falta. Mas sempre tem um mais despreocupado, mas sempre falta, aqui não é novidade faltar água em qualquer bairro de Caruarua, principalmente muitos que tem aí pedem socorro, pedem carro pipa, pede que solte água, quando solta não vai água é o suco de maracujá. É o que tá acontecendo, aguamuito nojenta. E mesmo assim, mesmo nojenta nós não podemos fazer nada, porque é aquela que tá chegando, pior praquelas que ela não tá nem chegando, como eu vi ontem na tv asa branca que o povo que vive no sítio pedindo carro pipa pra socorrer o povo. Jesus tá mandando chuva mas não é chuva de encher açude, é chuva, assim, só de colher plantação, água plantação, sustendo, mas os açudes dá o resultado. Mas não levaram a sério, sempre divulgando que o Jucazinho todo mundo economizasse água, mas vou dizer tem muita gente competente, muita gente competente pra gastar em água, mas depois faz falta, como eu vejo muito, mas depois faz falta, como eu vejo e eu vejo muito. Avisaram, avisaram e ninguém levou a sério, olha o resultado. O Jucazinho que era o Jucazinho, era o açude de Caruarua. Não desprezando o rio da prata, mas o Jucazinho era o bombardeiro de tudo, olha o resultado. Deus faz, mas o homem da terra não faz. Não, desde que tem o Jucazinho nunca chegou na situação eu ela está não, desde que tem Jucazinho nunca chegou este momento que ela tá. Todo mundo vê, e tem gente que diz que aquilo é mentira. Que Jucazinho pode abastecer Caruarua até... olha o resultado. Situação precária... e vamos ver o que vai fazer, porque os políticos promete fazer irrigação de não sei de onde, e até agora nada. Rapaz, só digo que chego quando nós vemos chegar, porque promessa vem demais, agora a gente vê o tempo passando, os políticos chegando, eles se elegendo e nada de fazer nada, se fosse pra chegar já era pra ter chegado há muito tempo. Que tão fazendo esse serviço pra lá, na Bahia, botaram a pedra em cima, depois diz que vão fazer. Tão fazendo de novo, faltou verba, e nada, a gente que é sofredor isso aqui tudinho.

Eu assisto sempre o JN e eu vejo que até pra lá tá seco. É tudo já estaca zero, e pra sair de lá, no estado como está, eu acho complicado. Agora se Jesus abençoar as portas do céu, agora tava assistindo televisão, várias cidades aí tudo morrendo na falta da água e outros na seca. Muitos morrendo afogado e outros morrendo na seca, mas já deu o alívio já com essa chuva porque Deus é bom demais. Só ele é o protetor da humanidade,

porque na terra é da desumanidade e a gnt tem q eu sevirar , tem que aguentar até o dia que a gnt não souber o que dizer mais pra quando vier essa irrigação pra jucazinho, só quando eu vercom esses dois olhos que Deus me deu. Eu só boto fé em Jesus Cristo, mas nas pessoas da face da terra eu não boto mais não. Só é promessa e nada de promessa ser cumprida e a gnt se virando do jeito que tá aqui. Tá precária, ta precária, tem nem pra onde correr mais. Rapaz é culpa do governo e ao mesmo tempo é de gnt despreparada que gasta demais sabendo que aquilo vai fazer falta. Tem gnt muito incompetente, tem gnt competente que avisavam demais que a água economizasse, que o negócio ia ficar feio. Mas ninguém quis levar a sério, agora olha o resultado , como é que faz? Porque politico só faz prometer, água que é bom nada. Faz as campanhas, promete até o céu e a terra, aí se elege e coloca a pedra em cima e o eleitor que se vira. Tão tudo na mordomia com suas boas gravatas, com seu bom dinheiro e o sofredor consumidor só levando no gogó. De minha pessoa eu to tranquilo e calmo porque graças a Deus, Jesus ta mandando uma aguinha. Ta chegando lá, mas de vez em quando falta e quando falta o bombardeio que nos leva. Salvação do mundo primeiro: a saúde e a água , né? Gente a gnt tem que se organizar, tem que ser consciente, é regravar água. Eu odeio gnt que desperdiça água, agora tem gnt que não tá nem aí. Ai quando faz falta fica ‘ai meu Deus do ceu não tem água pra lavar os pratos’, fica reclamando, mas pq? Pq tem gnt incompetente.

Nome entrevistado: Francisco Batista

Descrição: Arquiteto

No mercado existem varias possibilidade na questão da economia de água, no que diz respeito também num uso eficiente da água. Começa por uma questão de economia hoje trabalhamos com torneiras, arejadores que tenham um consumo menor de água, bacias sanitárias que antes davam descargo com 12 litros de água e hoje temos bacias sanitárias que dão descarga com 6 litros de água. E isso traz uma economia considerável e a partir disso temo tecnologias que facilitam na reutilização dessa água, porque as águas podem ser separadas em águas cinzas e águas negras, águas cinzas provem do banho, torneira de jardim, pia, e as águas negras proveniente da bacia. Hoje a gnt tem unidade de tratamento que podem ser instalados tanto em condomínios quanto em residências que podem tratar essa água e deixa-la ronta para o uso. Não com fins potáveis e sim como água de reuso, para água de jardim, dar descarga na bacia. Então isso traz uma economia considerável , e seria o uso racional da água, se nós pudéssemos implementar em cada projeto nosso tanto de condomínio residencial áreas comerciais e residências e tipo de unidade de tratamento, nós poderíamos ter um grande uso eficiente de água, tem também o grande uso de captação de águas pluviais. Eu nãoavalio isso como proveitoso porque o indice pluviométrico da nossa região é muito baixo. Talvez não compense você fazer um reservatório exclusivo para a captação de águas pluviais para reutilizar essa água. Eu entendo que a reutilização da água cinza seria um modo mais eficiente desse reaproveitamento de água. É uma questão cultural, o povo acha que vai estar utilizando uma água suja. O outro empecilho é o custo dessas unidades, e a mão de obra qualificado para trabalhar com isso. Eu diria ser o maior entrava na hora de especificar no nosso projeto esse tipo de unidade de tratamento. Em termo de uma residência unifamiliar, isso seria em torno de 10 da obra, mas isso você vai utilizar ao longo da construção da obra. E também o esgoto representa cerca de 80% do custo da água, então se vc tivesse uma unidade de tratamento de água, vc ia reaproveitar a água que vc ia estar consumindo e ia ter um consumo muito menor de água, cerca de uns 40/50% do total.

17 de julho

Nome entrevistado: Sandra Maria Pereira

Descrição: Feira Toritama

A minha casa é abastecida de 2 em 2 meses, uma vez no mês. E a vez que passa 2 meses pra chegar. As vezes a gnt compra carro pipa a 120 reais. A gnt compra de pipa, ai tem agua de poço, agua melhor aí são mais caras. Então, meu marido trabalha também, eu to desempregada pq eu morava em outro bairro, e agora eu moro em outro e lá não tem serviço pra mim. Eu sou costureira e trabalho em casa, e lá além de não ter o desemprego lá é grande. Aí meu marido trabalha com negócio de ferragem, ai tbm tem o bolsa família que ajuda um pouquinho. Ai seria muito melhor, porque a gnt hoje tem que estar economizando, tomando banho na bacia, carregar água, agua do banho pra gnt lavar o banheiro. Faz uma limpeza mais limpa, tem casa que tem muita criança aí tem que lavar roupa 3x, as vezes até 4, eu não, em casa, sou eu meu marido, meu filho, ai eu arrumo a casa, eu vou cuidando. Rio são Francisco? Não, eu não, que ta seco, que praticamente acabou, que não tem mais agua, acabou, é isso. Deus permita que chegue, que ele vendo a situação daqui e de Toritama e vamos torcer pra que chegue aqui, pq se chegasse aqui ia ser melhor pra todo mundo da comunidade. Porque agua aqui é geral, né? A falta de agua aqui em Toritama é grande. Essas barragens vizinhas aí, no caso acabou, já secou, então vamos torcer pra essa água chegar aí, que vai ser mais negocio pra comunidade. Primeiramente tem que manter a fé em Jesus né? A população tbm desperdiça muita agua. Se eu economizo o restante não economiza, e geralmente é assim né? Já aconteceu outras vezes já, eu sou daqui de Toritama, Já teve ter acontecido umas 4 ou 5 vezes nesse período, mas da pra perceber que agora ta sendo mais. Eu torço que primeiramente que Deus ajude, porque as chuvas que tem caído esses dias a chuva é fininha, então... Deus ta na causa de tudo. Tem que ver né o que que vai acontecer, espero que não, que Deus veja o sofrimento ai povo, e que o governo faça parte dele tbm de transferir agua pras cidades, aqui rpa Toritama e pra outras cidades tbm. . É tudo se faz com agua, né? E agua a gnt tendo faz mais coisa, faz a limpeza mais. Eu não porquei não tenho família fora, sou natural daqui e não tenho pra onde correr. Tenho que ficar aqui. Tenho que ter a fé e ficar aqui. E sou costureira aqui, e apesar do desemprego aqui e das coisas cara aqui.

Dados personagem: José Serra Tavares

Descrição: Dono Lavanderia

Comecei na lavanderia com 3 maqueians secador, centrifuga e maquian de lavar, feita aqui mesmo na região. E hoje essas três maquinas é a mãe disso aqui, com muito trabalho e esforço. Essa crise de agua a gnt tá sofrendo muito porque a gnt depende muito de agua, eu não tenho água encanada aqui, e a empresa não tem como abastecer temq eu ser caminhão pipa. Hoje eu tenho 2 caminhos pipa, eu tinha na época, antes do meu tratamento de agua eu tinha 2 de dia e 2 a noite, hoje eu só tenho dois, um dia dia e outra a noite sum caminhão rodando. Depois do tratamento de agua só precisei de uma caminhão de agua, porque eu rato hoje 60% da agua que é consumida aqui na lavanderia. Na época o ministro publico junto com o disse que tínhamos tratar essa agua pq estávamos jogando essa água no rio. Hoje a gnt trata, hoje eu vejo , com o tempo que eu não tinha tratamento, como que a lavanderia polui o rio, é muita coisa,a

gnt hoje , a gnt só sabe o quanto que a gnt vê o resíduo fica, que não vai pro rio e fica aqui na lavanderia. Caia no rio Capibaribe, e hoje não cai, não da lavanderia ceu azul. A lavanderia aqui da ceu azul, caiu hoje aqui 50%, falta de agua e eu pq mesmoa assim pq agua longe, em vertente, onde tem agua pra pegar. Chega agua cara com o custo maior e agnt não pode repassar esses custos pros clientes,pq se passa aí isso vai prejudicar as vendas. Hoje estamos sofrendo por falat de agua por muita coisa. Fica a 26km daqui, 52km pra ir pra voltar. Eu reaproveito 60% e os outros 40 % vai tratado pro rio. Pq a gnt não pode reaproveitar 100%, porque prejudica a lavagem. 1 dia, 200 mil litros de agua. 100, 120 mil litros. Porque eu reaproveito 60%, se não eu gastava muito mais. Não sei, o mp o cdh, eu agradeço eles hoje por ter esse tratamento água, no começo foi uma dificuldade muito grande, em fazer sem tarpodeno, gastei muito e fiz o tratamento pra funcionar. Vocês vao ver o tratamento daqui como é. Não vou falar que é diferente das outras, mas aqui esse é o único. Faz 10 anos já. Já, agora pouco 18 funcionários de coração partido. A gnt vai tratando e reabastecendo, porque vai misturando coma limpa e com a agua tratada aqui, não é uma agua separada não, é pra quebrar um pouco mais as impurezas da agua. Eu tenho um açude na minha propriedade, quando não chove eu pego agua lá, mas quem sofre mesmo é a população que não ta tendo agua.Olha, eu creio que não, eu acredito que não, porque o rio são Francisco ta seco já, como essa agua vai vir pra ca, foi feito, por Toritama já passou ai, mas eu não acredito não. Eu acho que não, porque eles ofereceram uma agua uma agua bruta sem tratamento pra gnt. Com certeza. É agua, a gnt aqui, agua é tudo pra gnt aqui. Papai do Céu aqui faz milagre com a gente, a gnt aqui é abençoado, porqie uma região dessa, a agua que é consumida aqui em Toritama e sem agua é um milagre.É ia pode fazer outras coisas. Dependendo do movimento, depende.. aqui é assim a venda é quem diz a produção da lavanderia. Se vender mais aí vai produzir mais, se vender menos aí vai produzir menos. 150, 120,130 mil peças por mês. Sim, inclusive são Paulo. O proceso de lavagem passa por varias etapas, processos.Enformagem, enxague, cada cliente pede um tipo de lavagem, vários jeitos de lavagem.

Dados personagem: Severino dos Santos

Descrição: Barragem

Não, já ficou na metade, mas mais na metade. Mas assim faz quatro anos que não chove. Assim a chuva ta fraca, não faz agua pra barragem. Nesses quatro anos deve ter pegado uns 5 metros de água. E até hoje nada, ate agora o richo não botou agua pra dentro ainda, porque em cima não chove, pq vem agua de cima, então ate agora não pegou agua. O que pega da só pra um dia, porque ta no volume morto, e ai o pessoal fica desesperado,porque sem agua não da pra viver. Não sei não. Parece que vão botar bomba nela pra tira ro volume morto, porque ali na barragem a ferragem ta toda de fora. Sim, muitos municípios, mas agora não sei quantas cidades é.Eu seuqe de um lado é surubim e do outro caruaru . terminal é gravatá. Então vao desligar as bombas , e vao ficar apenas com o riacho de cima, poque o carros pipas pegavam agua ate hoje. Abastecendo negocio de colégio pra não pegar agua suja. O resto do povo fica bebendo agua de barreira, agua de cisterna mesmo, que o governo deu umas cisterna. Nós vãos viver é assim memso.Não, aqui não, aqui teve seca antes da barragem. O Capibaribe seca, ficar só os pocinhos água. Depois que foi feita a barragem, agora aqui não tinha visto isso acontecendo não. A gnt fica triste pq sabe que vai sofrer. Comprar agua, ninguém tem dinheiro pra comprar agua. A situação ta difícil vc sabe que é em todo canto. Agua é difícil. Os poços vem secando, e o povo peleando pra comprar água. E

você acha que eu sei minha santa? Eu não sei não...Fico com medo, pq agua tem agua encanada, tem que ir ate o rio, ter uma torneira e não ter agua. Em 98. Já vi ela sangrando 1,60, debaixo da ponte, e foi diminuindo, diminuindo até abaixar. Eu vejo na televisão falar. A gnt fica com medo, num lugar daquele, já vem seca daquele mudo, a crise da agua vem de muito longe, ai a gnt que ta aqui num lugar, num secor, onde é mais fraco, a gnt já fica assombrado, pq um rio daquele ta abaixando e essa barragem? Vai, vai dizer que não vai ficar pior. Tem que dizer que ta certo. Ninguém nunca desanima. Ninguém nunca diz que ta ruim. Não é assim? quando a pessoa diz “to velho”, “ta não, ta novo”. Ninguém nunca diz que ta velho, diga que novo. O jeito é pedir força a Deus, que é o que ele tem pra dar pra gente e pronto, num é assim? Isso ai quem vai resolver é Deus.

19 de julho

Nome entrevistado: Geralda da Silva

Descrição: Senhora atriz Riacho das Almas

Olha tem muita gente que bebe dela, mas bebe cismado, porque é perto do esgoto, aí pensa que essa água vai fazer mal. Nós nem sabe se é bem tratada ou não, eles dizem que é bem tratada mas nós não sabe se é bem tratada como é que é. Mas agora ela é meia grossa mesmo. É eu bebo, senão tiver outra pra beber, eu bebo. Mas se tiver outra eu não bebo não. Jucazinho tá secando, ainda hoje a gnt ainda lavou roupa no jucazinho, agora a partir de amanhã ninguém sabe, só Deus é quem sabe. Porque jucazinho já tá seco, e o resto de agua que tem não pode soltar mais porque tem os peixes. Se soltar agua toda os peixes vai morrer. Todo dia a gnt tem de que pegar de balde e trazer pra dentro de casa, trazer pra dentro de casa e deixar. Não tem como eles encanar, se for encanar pras casas todas o poço não vai abastecer. Eu creio que sim, né? Que não vai abastecer para todas as casas. Cada balde é uma ficha, um balde de 20 litros. Dois, 3,4 . agora assim depois vai ter um limite pra abastecer todo mundo, senão vai ficar ruim. Ai vai ficar difícil, difícil mesmo. Aí nós vamos ter que comprar água. benefício de dinheiro que tem agora, tem comprar agua. Já já, depois que fizeram jucazinho encheu jucazinho mesmo, pra gastar não. Pra beber nós sempre pegávamos aqui do poço. Agora pra gastar, pra tomar banho, lavar roupa, lavar tudo, era jucazinho. Agora que jucazinho tá seco eu não sei como é que vai ficar. Via ter comprar ou a compensa vai ter que dar um jeito aí. Ah seria uma boa, né não? Porque se um secasse o outro . Isso, ou então ele vai derramar dentro de jucazinho é? OU não? Não sei bem como funciona? Vai ser outra barragem então? Pronto, seria bom duas barragens, porque quando uma secasse já teria a outra. Eu acho que seria bom assim né, não sei. Porque quantos anos não faz que esse jucazinho já secou? Faz um bocadinho de ano já. Não, foi a primeira vez que eu vi ele secar. Porque assim deu uma chuvinha esses dias, mas só serviu pra o sitio, pra criar pasto pro gado, e pra juntar agua nos barreiros do sitio, né? Aqueles barreiros do sitio. Pra sitio melhorou muito, agora pra gnt que mora na cidade tinha que cair agua em jucazinho, senão cai agua em jucazinho como é que a gnt ia pegar agua? Por isso que ele secou? Só Deus quem sabe. Eu creio que piorar. Vai secar mais, tá muito difícil pra nós. Eu não tenho pedido ainda não. Uns 200, seu João diz que tá pagando. Ele diz que tá pagando. Boa, pra beber, cozinhar, ela é boa. Tinha gente que antes não bebia não, agora tá bebendo. Porque o rio tá sujo? Porque não faz limpeza, porque as lavanderias jogam aí dentro, e o povo reclamar muita muriçoca.

